

Vol. XXIV — Número 96

Anno VIII — Dezembro, 1923

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO.

REDATOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

SUMMARIO

TENDENCIAS ACTUAES NA LITERATURA AMERICANA	Gilberto Freyre	301
ARTE DE AMAR	Julio Cesar da Silva	307
O MACACO RABEQUISTA	José Oiticica	309
O REPUXO ENCANTADO	Mello Nobrega	311
UNICA.	Nilo Bruzzi	312
CARTAS DO ALMIRANTE NO-GUEIRA	313
OS "GRANDES" E A "OPPORTUNIDADE"	Arnaldo Nunes	320
MEU PADRASTO	Stella Marina.	323
ESTUDINHOS DE PORTUGUÊS	José Patricio de Assis	334
PERFIL DE UM CACHORRO DA ROÇA	Gervasio Ivelneiro	336
FORTUNATO OU O FORÇADO DA FELICIDADE	José Mesquita.	339
A MEDICINOPHOBIA DE MO-LIÈRE.	Mucio da Paixão.	344
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS	Arthur Motta.	349

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES E PESQUIZAS

— NOTAS DO EXTERIOR — CURIOSIDADES — AS CARICATURAS DO MEZ

— S. PAULO —
MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES
RUA VICTORIA, 47 — CAIXA, 2-B

REVISTA DO BRASIL - RUA DOS GUSMÕES, 70 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: — ANNO 20\$000. EXTRANGEIRO — 25\$000. NUMERO AVULSO — 1\$800
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario : Dr. JULIO CESAR DA SILVA
Cidade, 6278

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.

III	
O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato	Broch. 4\$000
ATRAVEZ DA EUROPA, de Afonso Lopes de Almeida	Broch. Em papel fôfo 5\$000 Em papel jornal 3\$000
FACUNDO, de Sarmiento	Broch. Em fôfo 5\$000 Em jornal 3\$000
DENTE DE OURO, de Menotti Del Picchia. Broch.	4\$000
MEMORIAS DE UM RECRUTA, de Oswaldo Barroso	Broch. Em fôfo 4\$000 Em jornal 2\$500
NOS CAMINHOS DO NAZARENO, do Padre He liodoro Pires	Broch. 5\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, de F. J. Oliveira Vianna	Broch. 8\$000
JOAQUIM NABUCO e MACHADO DE ASSIS, de Graça Aranha	Broch. 10\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra postuma de Alphonsus de Guimaraens	Broch. 3\$000
RITINHA, contos de Léo Vaz	Broch. 4\$000
Sapezaes e Tiguera, contos de Amundo Caiuby	Broch. 4\$000
A MEZA E A SOBREMEZA, de Rosaura Lins. Enc.	7\$000
JUCA MULATO, (4.ª edição) de Menotti del Picchia	Broch. 3\$000
O PRÍNCIPE FELIZ, de Oscar Wilde, trad. de Rosalina C. Lisboa	Broch. 3\$000
A CURA DA FEALDADE, do Dr. Renato Kehl	Enc. 20\$000
AMOR IMMORTAL, de J. A. Nogueira	Broch. 5\$000
O DRAMA DAS COXILHAS, de Roque Callage	Callage Broch. 4\$000
CARTAS DE UM CHINEZ, de Simão de Mantua	Broch. 5\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, do Visconde de Taunay	Broch. 5\$000
O PADRE EUZEBIO, de Antônio Celestino. Broch.	4\$000
OS FILHOS DA CANDINHA, versos de Octacilio Gomes	Broch. 3\$000
ORPHEU, poema de Homero Prates	Broch. 4\$000
DUAS ALMAS, do Conego Manfredo Leite. Broch.	4\$000
NARIZ DE CLEOPATRA, de Menotti del Picchia	Enc. 2\$000
ASSOMBRAÇÃO, de Manoel Victor	Enc. 2\$000

Pedidos a Rua Victoria, 47 - Caixa, 2-B - S. PAULO

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES
RUA LIBERO BADARO', 169

S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

Papel,
materiaes
para
construcción,
aço,
ferro,
Cimento
“2 Bandeiras”
e “Bandeira
Sueca”.

Regina Hotel

Endereço Telegraphico: "REGINA,"

Largo de S. Ephigenia, 8 - SÃO PAULO

Este novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejavel. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possue *elevadores*, *rêde telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamnte escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietarios, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos



Canto e Mello

*o festejado romancista que com tão bellas
obras tem enriquecido as letras patrias
acaba de publicar um novo romance*

“Recordações”

*que merece ser lido por todas as pessoas
de bom gosto.*

Pedidos a MONTEIRO LOBATO & C.

EDITORES — S. PAULO

LOTERIA DE S. PAULO

Sexta-feira, 28 de Dezembro de 1923.

200:000\$000

Em tres grandes premios, sendo um de
100:000\$000 e dois de 50:000\$000 cada um.

Inteiro 9\$000 — Meio 4\$500 — Fracções \$900

Os Bilhetes já se acham à venda em
toda a parte.

"REVISTA DE FILOLOGIA PORTUGUESA"

Director: SÍLVIO DE ALMEIDA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos
do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem em média, cem pá-
ginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clás-
sicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL :

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NUMERO AVULSO	3\$000

Pedidos á

NOVA ERA Empresa Editôra

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 3.o andar, sala 20

Telephone: Central 1681 — S. PAULO

AVISO

Pedimos aos Irs. assignantes o obsequio de reformarem as assignaturas sem grande demora afim de evitar-se a interrupção da remessa. Tambem avisamos aos Irs. assignantes que continua em vigor o sistema antigo de dar uma assignatura gratuita a quem nos angariar 5 assignantes novos, remetendo-nos a respectiva importancia.

Monteiro Lobato & Co.

EDITORES

Rua Victoria, 47

S. PAULO

ANAS

na celiaduram, atque eam sicut
etiam etiam est invenit ut eam
Antes de illis tunc eam quae sunt
naturam. Quae ut obsequiis a se
-cum eam admodum ambo eam
tum deinde a longe a longe deinde
cum mundorum diuinis eam non
-cum aliis sed in seipso. Nam
tum eam a seipso indecens.

Montello Lopatio & Co.

EDITORIALE

Rua Augusto de PAULO

N. 96

Dezembro 1923

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:
PAULO PRADO
MONTEIRO LOBATO

REDATOR
SECRETARIO:
JULIO CESAR DA SILVA.

TENDENCIAS ACTUAES NA LITERATURA AMERICANA

NOS Estados Unidos, um moderno grupo de escriptores trouxe, para as letras nacionaes, certa nota aguda de espirito critico, que é hoje sua principal caracteristica. Sentimol-a pungir na ancia de introspecção social que desde a *Spoon River Anthology* (1915), do sr. Edgar Lee Masters, vem roendo, como si fôra madeira podre, o facil idealismo optimista daquella nação de burguezes; e digerindo em arte essa fartura de pó. E' uma ancia, a desse grupo moço de escriptores, do sentido intimo das cousas que os rodeiam; um desejo, que ás vezes se aguça em tortura, de comprehender e interpretar a vida nacional no que ella tem de mais seu e ao mesmo tempo de universal; de sondal-a nas suas correntes subterraneas. O referido Masters foi buscar num cemiterio de aldeia — o de Spoon River — materia virgem para sua obra de critica social.

Desse esforço de introspecção nacional, o resultado é um sabor novo de pessimismo na litteratura americana: na critica social dos srs. Henry Mencken, Wan Wick Brooks, Ludwig Lewisohn, Waldo Frank, Joel Spingarn, Carl Van Doren e desse saudoso Randolph Bourne que a morte tão cedo nos levou; na politico-economica de Charles A. Beard; na poesia de accão dos srs. Carl Sandburg e Edgar Lee Masters; no romance, que é antes obra bruta de reportagem que mesmo romance, dos srs. Theodore Dreiser, Sherwood Anderson, Sinclair Lewis e do fal-

lecidio Frank Norris; no drama do sr. Eugene O' Neil. E é toda uma litteratura inquietante, essa; uma onda forte; uma corrente de gostos e idéas que vae aos poucos deslocando, com a sua força liquida e agil, duras massas de resistencia.

E vae-se por esse processo de erosão modificando a estrutura social da vasta Republica. Ainda, ha quinze annos, eram os Estados Unidos uma como caricatura moderna das comunidades gregas que George Sorel, num esforço de filiar a razões economicas o pessimismo ou o optimismo na arte, descrevera assim: "des populations urbaines, commerçantes et riches, qui pouvaient regarder le monde comme un immense magasin rempli de choses excellentes, sur lesquelles leur convoitise avait la faculté de se satisfaire".

Nenhuma nação chegára a similhante estado de satisfacção consigo mesma. Nenhuma: nem a Scandinavia de antes de Ibsen e de Brandes. Um optimismo, o americano, baseado em razões de excellencias mechanicas e materiaes. Na satisfacção dos instintos de posse, dentro dos confortos e distrações physicas que lhes crearam a plastica electricidade e a agil mechanica ao serviço do dollar. Dahi a forma que tomou nos Estados Unidos o verbo "to get" — engracadamente applicado ao que ha de mais fluido e de menos material: "to get religion", "to get an education", "to get culture". Recorda-nos em *Outre Mer* o sr. Paul Bourget que no appello dum evangelista americano "Will you accept Christ?" ha alguma cousa de quem offerece um elixir ou um xarope. Uma solução material.

A insufficiencia de toda a cultura americana está nesse verbo "to get". E' um verbo que tambem a nós outros, do sul, poderia servir como definição do nosso parasitismo da cultura franceza. Nenhuma verdadeira cultura nacional conseguirá estabelecer-se sobre o verbo "to get"; nem sobre o parasitismo. A verdadeira cultura, nacional ou individual, vem tão naturalmente como o suor depois do trabalho. E' o suor que acompanha todo o esforço eurístico. O suor sublimado do estudo — eis a cultura num simile prosaico. E bem se pôde aqui recordar o conselho de Fausto: "o que herdaste de teus paes, ganha-o para o possuires".

Dahi talvez toda a insistencia do jovem critico e pensador americano sr. Wan Wick Brooks em distinguir da cultura que resulta dos "impulsos de creação" (creative impulses) a que apenas acompanha os "impulsos de possessão" (possessive impulses). E para Randolph Bourne a cultura não era para confundir-se com essa "familiaridade que se adquire com as cousas exteriores" (an acquired familiarity with things outside). Comprehendeu Randolph a superstição — ou o ridiculo? — da cultura adquirida a peso de ouro. Da cultura que consiste na aquisição de quadros

antigos, de restos de estatuaria patinada pelos séculos, de velhas ferrarias heráldicas; ou no simples contacto material com esses retalhos fúnebres de civilizações, nos museus, nas pinacotecas e nas bibliotecas. Ri Randolph, como antes delle sorriu o subtil sr. George Santayana, desse ideal quantitativo de cultura. Ideal que é também muito brasileiro; já alguém me falou um dia da formidável cultura de Ruy Barbosa por ter possuído o ilustre advogado muitos milhares de livros. E por ter manejado entre nós o mais extenso vocabulário. Mas a verdade é que Ruy Barbosa, tendo sido um homem de espantosa variedade de conhecimentos, não foi culto no sentido puro, alto, nietzscheano da palavra, faltando-lhe essa força íntima — a *eurythmia* dos gregos — que harmoniza quanto de esparso e divergente recolhe o espírito das leituras, dos museus, dos laboratórios.

Habituou-nos a literatura grega, principalmente o drama, a certo sabor de pessimismo na interpretação da vida. Recorda-nos Hartmann, num livro celebre, a tristeza que paira sobre as obras primas da arte grega; e Nietzsche, a inclinação dos gregos para o *mytho tragico*. Na sua obsessão da vida como puro fenômeno estético outra arte não queria Nietzsche senão a “arte forte”. A da “realidade selecta”. E esta incluindo o que um tanto paradoxalmente chamou a “necessidade do feio”. O feio — o barro, a massa bruta que impede Prometeu de conciliar a ação com a visão. E em Prometeu está o assumpto máximo da arte; em toda a grande interpretação da vida há alguma cousa de Prometeu. Alguma cousa, portanto, de pessimismo.

Por outro lado, entre os povos que se contentam com o fácil conforto e as distrações físicas, e, na literatura, com a vitória dos heróis sobre obstáculos igualmente físicos, o pessimismo dá a idéa de planta exótica. De flôr de peccado. Flôr de peccado foi Edgar Allan Poe — que neste o pessimismo se aguçará no que a Igreja chama *accidia* — no meio dos felizes burgueses americanos de 1840.

1840! 1850! E 60 e 70 e 80 e 90! Anos inférteis. Durante elles, nos Estados Unidos, todo o superior esforço mental foi planta exótica. Basta fixar dois traços desse período para pegar-lhe em flagrante a inferioridade de espírito: seu medo às idéias e seu humor. Foram anos, estes, durante os quais largamente se pôz em prática na vasta República uma como “*hygiene cerebral*”.

Rigorosa "hygiene cerebral". Hoje, ao contrario, ha uma fome enorme de idéas, não se temendo o contacto das mais exóticas. Os escriptores de vanguarda da França, da Allemanha e até da Russia possuem nos Estados Unidos camaradas e irmãos. Procura-se o que na pittoresca expressão do sr. Fidelino de Figueiredo é "formidavel cooperativismo da intelligencia, em que a associação é um augmento de recursos e toda a contribuição reembolsada com interesses generosos". Em parte alguma tenho conhecimento ou notícia dum jornal que tanto procure viver no fecundante contacto dos movimentos de idéias no estrangeiro como actualmente o semanario "The Freeman" de New York. Nesse "The Freeman" salientava ha pouco da Inglaterra — aonde se foi recolher como num sanatorio — o sr. George Santayana, "a consciousness of the world at large" — uma consciencia do grande mundo — de que elle sempre sentira a falta nos seus dias de professor de philosophia na universidade Harvard.

Outra tendencia a destacar como nota de inferioridade das quelles annos é sua satyra. Seu humor. Sua caricatura. E' um humor, o dos americanos no seculo XIX, em que vamos encontrar o ideal de beatitude da gente mediana: lavar-se, pentear-se, votar, regalar-se de "ice cream", viajar em trem expresso. De facto, o proprio Mark Twain — um grande espirito que nem sempre teve a coragem de ser só — no seu "A Connecticut Yankee", querendo ir de encontro á onda de nostalgia da idade media — William Morris, os Pre-Raphaelitas, Walter Pater e Tennyson — recorda com infantil brutalidade que á sombra das cathedraes gothicás eram escassos o sabão e a agua; não havia remedios; nem "habeas corpus"; nem pentes. Podia o grande humorista ter accrescentado a estas, outras muitas excellencias de que a idade media, com toda a sua fartura de viandas e de vinho, não tomou sabor: o phonographo de Edison, o telephone de Bell, a machina de costura de Howe, o trem expresso, o telegrapho electrico de Morse, o radio telephone.

Muito acertadamente notava ha pouco o sr. Henry Mencken que o maior progresso mental a constatar nos Estados Unidos é justamente o ter mudado de rumo a sua satyra, que agora de preferencia se dirige contra a imbecilidade da maioria. (1) De-

(1) "The most important change that has come over American literature in my time is this: that American satire, which once aimed all of its shafts at the relatively civilized minority, now aims most of them at the imbecile majority. If a satirist of today undertook to poke fun at the paintings of Titian and the music of Richard Wagner, he would be dismissed at once as a clown strayed in from the barbershop weeklies and the chautauquas. Yet Mark Twain did both, and to great applause". *The Smart Set*, Agosto 1923.

ve-se isto em grande parte attribuir a ir-se constituindo naquelle paiz uma aristocracia intellectual, tendencia que a um nosso escriptor — o sr. Oliveira Lima — não escapou, quando ainda em botão, no fim do seculo passado. "Não deixa, entretanto, de ser curiosa — escrevia o sr. Oliveira Lima dos Estados Unidos em 1899 — em face da marcha geral do mundo culto para a democracia, a tendencia desta democracia para aristocratizar-se".

Quem no seculo XIX antecipou a reacção de hoje foi Walt Whitman. Na obra desse aristocrata de mangas de camisa entre democratas de sobrecasaca, começa a ver-se a si mesma a consciencia americana; e o mundo, "algo nuevo que mirar". No meio da litteraturazinha do seu tempo, tão graciosamente comparada pelo sr. Mencken á pintura do seculo XVIII e á *Augenmusik* alema; no meio dos Longfellow e dos Dr. Holmes, surprehende-nos a obra de Walt com a sua formidavel maternidade creadora.

"Verbo em marcha" — um pouco o verbo "to get" — a poesia de accão de Whitman antecipou a litteratura de accão de hoje. Elle foi uma especie de Gogol yankee. Muita cousa que escreveu a lapis, vae-se hoje cobrindo a tinta; alguma cousa do que deixou em borrão está hoje a passar-se a limpo em bôa calligraphia; começa-se a interpretar o cahos de suas notas tachygraphicas. Por isto chamou-o alguém: "propagandist of American Liberation"; e outro: "father of free verse"; e ainda outro: "father of the American Tongue".

Walt Whitman foi talvez tudo isso, mas foi principalmente o primeiro escriptor americano de introspecção nacional. O primeiro critico social nos Estados Unidos. O primeiro a querer rapar-lhe os podres, num esforço de idealismo superior. Elle se nos apresenta poeta de mangas de camisa, a arregaçar-se para um esforço sincero de introspecção e de accão social. Walt mesmo sentira agudamente a falta duma aristocracia intellectual de que se tornou o creador. "O que de hoje fundamentalmente carecemos nos Estados Unidos — escrevia elle em *Democratic Vistas* — com intima e ampla relação ao presente, e ao futuro, é... de uma classe de escriptores nacionaes, *litteratuses*, muito diversos dos de hoje, vastamente superiores em qualidade a quantos se conhecem". E a esses *litteratuses*, elle os quizéra desempenhando uma como função sacra na vida nacional. Especie de sacerdocio. Fermendando toda a massa do gosto e da moral americana. Trazendo para a vida americana um sopro novo de energia creadora. "Breathing into it a new breath of life", diz elle no seu inglés onde ha alguma cousa de unção religiosa, certa emphase de pastor protestante.

Esta ante-visão de Whitman é que parece ir tomando corpo nos escriptores americanos de hoje. Nos Mencken, nos Wan Wick

Brooks, nos Carl Sandburg, nos Vachel Lindsay, nas Amy Lowell, nos Eugene O'Neil. Escriptores cuja obra já distilla um pouco daquelle suor sublimado de cultura nacional. Escriptores-trens-expressos correndo de um aspecto a outro da vida nacional, na fome de comprehensão. E procurando interpretar corajosamente esses aspectos. Sinceramente.

GILBERTO FREYRE





ARTE DE AMAR

(Segunda série)

*Jamais o amante é de outro differente;
Se elle do corpo seu te fez offerta,
A alma não te dará, porque te engana;
Não te pertence nunca inteiramente;
Se o corpo escravisou, a alma é liberta,
Não a deu a ninguem, que é soberana.*

*
* *

*Diz que é sincero? crê, mas tem presente
Que elle talvez o dis por que te agrade;
Só no primeiro amor, quando innocent,
E emfim na morte é que ha sinceridade.*

*Tanto aos demais como a si propria, ha gente
Que, por gosto, por habito ou vaidade,
A verdade rebuça e acaso mente,
Convicta ás vezes de que dis verdade.*

*Que é todo teu, confessa, peito a peito;
Que o ingenuo coração se te alvoroce
De tão meiga ventura, deixa, pois;*

*O que é certo, porém, é que, a despeito
De ser o affecto mutuo e mutua a posse,
Ha uma enorme distancia entre vós dois...*

*
* *

*Duvídas da verdade e não duvídas
De quanta habil mentira anda nas falas,
Pois estão de tal modo confundidas,
Que se torna difficult extremal-as;*

*E ambas, principalmente entre mulheres,
Andam postas a par, no mesmo nível.
Quanto a ti, sé veraz como puderes,
Todas as vezes que te for possível.*

*Ditosa, se a verdade é que te inspira
E se pela verdade te revelas,
Pois quem quer sustentar uma mentira
E' obrigado a inventar punhados dellas.*

*
* *

*Que a vida é aborrecível e te enfada
Dizes não raro em prantos e lamentos;
Mas lembra-te, mulher, de que és culpada
Da maior parte desses soffrimentos;*

*Foram por ti buscados, e o regaço
Abriste então para lhes dar guarida.
Nem sempre a dor nos vem por proprio passo,
Senão por nossas proprias mãos trazida.*

*Não deves consentir que ella te arraste
Por toda a vida como um ser passivo,
Pois sabes que tu mesma procuraste
Terreno fértil para o seu cultivo.*

*Mas se comigo a tens por propria escolha,
Leva-a, em fórmula de lagrimas, nos olhos.
E' justo que na vida espinhos colha
Quem a vida passou semeando abrolhos.*

JULIO CESAR DA SILVA

O MACACO RABEQUISTA

Um macaco vadio, mas ladino,
Criado de um galego analfabeto,
Ouvio tocar rabeca a um violinista.
Invejoso, furtou de uma loja um violino,
Arranjou, não sei onde, um "Metodo completo"
E disse lá consigo: "Eu tambem sou artista".
E meteu-se a estudar.
Dentro de um anno
O Paganini americano
Já sabia arranhar a tripa de carneiro.
Gabava-se de não desafinar
Os acordes de terças ou de sextas.
Ia abismar, de certo, o mundo inteiro
Com uma arcada mais firme que um rochedo
E uma "alma" de fazer chorar as bestas.
Anno e meio depois o bujio era um gênio,
Podia aparecer sem medo
Ao público animal,
Arrostar os perigos do proscênio
E dar ao Kubelick outro rival.
Fez um palco do altar de uma velha capela
E anunciou nos jornais o seu concerto
Com programma de truz: uma sonata
De Schubert, a Chaconne, a Campanela
De Paganini, um trecho de Vieux-Temps
E muitas peças mais de enxerto.
Um mico o acompanhava na sanfona.
Concorreram á festa os músicos da mata:
O azulão, o urutáu, o sapo, a guriatã...
Todos. Não ficou vaga uma poltrona.
A's oito e meia um bode deu tres "més",
Entraram logo em scena os dois maestros.
Aplausos... rapapés...
Sentou-se o mico, deu o lá,
O macaco afinou o instrumento, e sem sestros
Atacaram o Schubert... "O' canário,
Disse baixinho um guará,

*Nunca vi segurar o arco assim, pelo meio,
 Será da nova escola?". "E essa! E' binário,
 Ternário ou quaternário esse compasso?",
 Cochichou um bicudo ao xexéu. "Creio
 Que o solo é em ré maiór e que o acompanhamento
 Se faz em si menór", disse á irara um sanhaço.
 "Que desafinação de acordes!"*

*Falou alto o corrupião. "Vai fora do andamento!",
 Protestou um sabiá, professor de solfejo
 "Isso é arcada de burro!" "Olha, vê lá se mordes
 Essa gaita" . . . "Parece mais realçjo!"
 "Sai sujo! . . ." O mono ia tocando
 Tremendo, encabulado, com desejo
 De descompor aquele ignobil bando
 De pedantes, estúpidos e idiotas.
 Perturbado, guinchou, falhou diversas notas,
 Esqueceu-se de um trecho...
 Parou... recomeçou... tornou a errar...
 Aumentavam os gritos na platéa;
 Tudo já prenunciava um terrível desfecho...
 E o macaco a tocar...
 Por fim desencadeou-se a vaia. A patuléa
 Urrou, ganiu, grasnou, coaxou, berrou!
 Atiraram pitombas e tomates,
 Fizeram do teatrinho uma casa de Orates.
 O macaco saiu... O concerto acabou...*

*Assim deviam ir levando a breca
 Outros macacos tidos por artistas,
 Que, sem saber tocar rabeca,
 Se metem com desplante a rabequistas.*

JOSE' OITICICA

O REPUXO ENCANTADO

*E' um tanque secular, em ruina, esverdinhado,
— uma reliquia do passado.*

*Sem mão zelosa que hoje a arranque,
a samambaia verde-gaio medra,
enche-o, mostrando um broto em cada vao áe pedra.*

*Dentre a clara verdura, ha vinte annos estanque,
repuxo,*

*é pena que não mais atires
ao ar, como uma pluma a engalanar o tanque,
o teu liquido arco-iris.*

*E' triste que não mais,
noites enluuaradas,
possaes ouvir a agua do tanque soluçando
os refrãos das balladas
que a agua que cae lhe vae cantando.*

*Pobres astros que andaes passeando pela altura,
não mais poderdes pelo jacto baço,
dansar a dansa irlal das sete-cores
e depois, tontos, exhaustos de cansaço,
dormir do tanque sobre a face escura,
cheia de mysticos pallores.*

*E' doloroso, vento,
que nunca mais possas brincar, desfiando,
esse collar de lagrimas, cinzento,
os violetaes, em derredor, molhando.*

*Rutilo colibri, alado cofre de esplendores,
has de soffrer a inconsolavel magua,
de nunca mais passar sob essa curva de agua,
arco-de-triumpho erguido á cpopéa das cores.*

*Era a alma do jardim... Morreu. Agora
erra por todo o parque uma agonia...*

*Esse jardim: — o olhar maguado que não chora.
Esse repuxo: — o pranto que allivia!...*

MELLO NOBREGA

UNICA

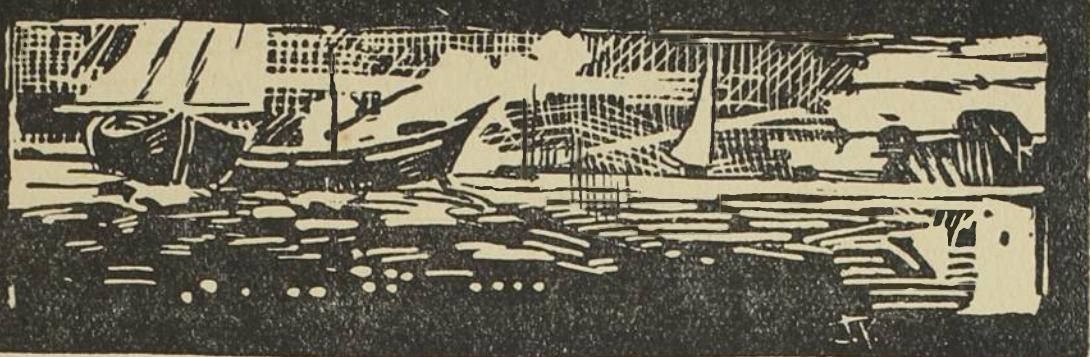
*No turbilhão da vida quotidiana
Ha sempre um rosto occulto de mulher...
Ha no tumulto da existencia humana
Alguem que a gente quiz e que ainda quer...*

*E, numa sede de paixão insana,
Cégo e humilhado, aceita outra qualquer,
Mas sem intimo ardor, de alma profana,
Porque a alma nem acordará siquer...*

*E vão passando assim, uma por uma,
Mulheres e mulheres, como vieram,
Sem depois despertar saudade alguma...*

*Triste de quem como eu vê que, infeliz,
Teve todas aquellas que o quizeram,
Mas nunca teve Aquella que elle quis...*

NILO BRUZZI



CARTAS DO ALMIRANTE NOGUERIA

A Revista do Brasil inicia hoje a publicação de uma série de cartas de João Nogueira, paulista, natural de S. Sebastião, que fez a guerra do Paraguai como marinheiro e acabou almirante.

Taes cartas tinham em vista apenas informar seu padrasto quanto á marcha dos acontecimentos em que estava envolvido, ainda como official inferior.

Valem, pois, como um documento sincero e dão bem a sensaçāo da epoca.

N.º 1

Santos, 30 de Abril de 1865.

Sr. Maneco,

Desejo que em casa estejam todos de saúde.

Hontem aqui cheguei ás dez horas da manhã, e não achando carvão, não pude sahir; hoje, porém, o recebi do vapor "Presidente" que entrou do Rio e amanhā se Deus quizer pretendo sahir para Santa Catharina. Recomendações a mamāi e peço-lhe a benção. Saúde e felicidades lhe deseja seu enteado e amigo — João".

N.º 2

Santa Catharina, 4 de maio de 1865.

Sahi de Santos no dia 30 de manhã e hontem ao meio dia fundeei neste porto donde espero sahir hoje ás 2 h. da tarde para o Rio Grande; não posso ser mais extenso porque o paquete entrou hoje do sul e vai

sahir já. As notícias são más, os Paraguayos tomaram Corrientes, uma cidade da Confederação Argentina. Vê, portanto, que não devo me demorar. O tempo está bom e espero em Deus ter boa viagem. De Santos para cá encontrei mau tempo.

N. 3

Rio Grande do Sul, 13 de maio de 1865.

Aqui cheguei no dia 10 ao meio dia, tendo saído de Santa Catharina no dia 8 ás oito horas e meia da noite. Tive desta vez uma bella viagem de quarenta horas. Tinha saído de lá no dia 4 ás quatro horas da tarde, dando fundo na barra á noite, por ter havido um desarranjo na machina; sahi da barra de manhã, porém, voltei logo, por ainda não estar a machina bôa e ameaçar máo tempo; tornei a sahir no dia 7, porém tive de regressar por ter encontrado máo tempo e não chegar o carvão para vir até aqui. Estou hoje fundeado na barra, com o tempo muito máo. Sahirei para Montevidéu logo que melhore. Cada vez fico mais satisfeito com o navio, por ter encontrado nelle muito bôas qualidades.

N. 4

Montevidéu, 5 de junho de 1865.

Cheguei hoje de Buenos-Ayres ás 7 h. e 30 m. da manhã, trazendo correspondencia para o Octaviano, que aqui se acha, e devo sahir outra vez para aquelle destino esta noite. Já a 30 do mez passado aqui vim trazer o Almirante e regressei na mesma noite; chegando a 31 a Buenos-Ayres, tornei a ir fóra do ancoradouro á noite, a levar o Octaviano para bordo da "Nitheroy". Já vê portanto que só tenho andado em honrosas commissões, e fique sabendo mais, que as personagens que tenho conduzido, se mostram satisfeitas com o meu procedimento. Não os adulo, porém estou sempre prompto, a qualquer hora, para o serviço. Com o favor de Deus e ajuda de minha madrinha, pretendo acreditar-me com este commando. O "Taquary", é cá conhecido por vapor encouraçado d'esporão. Valha-nos isso! Não sei quando subiremos. Supponho que temos de ir primeiro ao Uruguai, onde está acampado o nosso exercito. Pelo paquete franez lhe mandarei dizer alguma coisa mais.

N. 5

Buenos Ayres, 30 de junho de 1865.

Com data de 21 do corrente lhe escrevi por um paquete que saiu ás 5 h. da tarde para Montevidéu. Nesse mesmo dia, ás 11 h. da noite, sahi tambem para esse lugar, levando um filho do Almirante, que vai ao Rio levar a noticia da victoria da nossa esquadra sobre a Paraguaya, facto de que vince. já deve ter conhecimento ao receber esta. A sahida foi tão inesperada que nem pude levar pratico, impossivel de ser encontrado a essa hora e por isso tive de passar em claro toda a noite para conduzir até lá o navio. A praticagem não é dificil; porém agora, no rigor do inverno, é horrivel e como não ganho nada indo lá sem pratico, só em caso de grande necessidade o farei. Devia voltar para cá no mesmo dia, porque eu ando sempre ás carreiras, porém sahi no dia seguinte, debaixo de salvas, musica,

etc., trazendo a bordo o General Flores, Presidente d'aquella Republica, com seu estado maior, gente que aqui se passou para um outro paquete, seguindo para o Rio Uruguay onde se acha o nosso exercito. Já se sabe, esses sujeitos jantaram á minha custa. Como já lhe mandei dizer, cheguei do Rio Uruguay no dia 17, trazendo a noticia de terem os Paraguayos invadido o Rio Grande por S. Borja. Desde esse dia estou prompto a sahir para o Uruguay com o Almirante e até hoje ainda aqui nos achamos parados. Quer elle por força ir até S. Borja atacar os inimigos com este vapor e mais outros tres pequenos. Para chegar até lá tem-se de passar por um salto de pedras que na vasante fica a descoberto e é o homem tão feliz que agora, sem ser tempo, está o rio enchendo muito. Creio que sahiremos amanhã de manhã.

Na carta que lhe escrevi a 21 mandei uma nota de dez mil réis, do primeiro dinheiro que aqui ganhei, para mamãi mandar dizer as missas que ella prometteu. Vou indo bem com o Almirante e pelo que me consta elle está satisfeito comigo. Não é para menos, pois tenho empregado a maior actividade em cumprir as doze commissões de que já me encarregou. Talvez nada lucre, mas ao menos terei a consciencia de ter servido com bôa vontade o meu paiz.

N. 6

Villa do Salto (no Rio Uruguay) 20 de julho de 1865.

Já deve ter conhecimento da victoria alcançada pela nossa esquadra no Paraná. Todo o Brasil se levantará para festejar essa grande acção, sem pesar o quanto ella nos custou, quanto sangue foi derramado, em que estado ficaram os nossos navios, os unicos que podemos actualmente oppôr ao inimigo!

Quanta miseria têm soffrido esses desgraçados! Lá estão o "Amazonas", "Mage", "Belmonte", "Parnahyba", "Ipiranga", "Beberibe", "Iguatemy", "Itajahy", "Ivahy", "Araguary" e "Mearim", os quaes devem fazer frente á esquadra Paraguaya que com toda a certeza ha de descer segunda vez a atacal-os.

Tratemos de nós. Passamos do Paraná ao Uruguay. Quando d'aqui desci e cheguei a Buenos Ayres, no dia 17 do mez passado, á noite, levando officio do General em chefe do Exercito para o nosso Almirante, communicando-lhe a invasão de S. Borja pelos Paraguayos, deu-me elle ordem para estar prompto a sahir para aqui no dia 18 com elle; preparei-me nesse dia, apesar do mau tempo que houve, novas ordens vieram; fui a Montevidéu no dia 20, levando o filho do Almirante que devia seguir para o Rio com a participação do combate; voltei no dia 23 com o General Flores; demora e mais demora, só pude sahir para aqui no dia 2 do corrente, vindo o Almirante num pequeno vapor que inutilmente comprou e que denominou "11 de Junho", devendo eu seguir-lhe nas aguas. Logo á vista de Buenos Ayres teve esse vapor um desarranjo no leme, e fundeando para concertar a avaria, nos obrigou a imitar-o; prompto o reparo, suspenderam e nós tambem, e continuamos nossa viagem, já quasi noite, navegando no lugar mais difficult pelas muitas bancos que existem. A's dez horas, novo desarranjo no leme. Fui forçado a dar fundo; como eu navegava nas aguas por ordem do Almirante, approximei-me e, indo dar fundo, encalhei, apesar de levar pratico a bordo; trabalhei algum tempo com a machina para safar, porém nada conseguindo e entrando muita agua pelo fundo, parei; gritei para o "11 de

"Junho" que estava encalhado; nada se me respondendo, e indo elle afastando-se de nós, queimei uma tigellinha de signal; então aproximou-se elle e deu fundo junto a nós; mandei um official participar ao Almirante que estava encalhado e que tratava já de espiar um ancorote para ver se conseguia safar; voltando o official, transmittiu-me a ordem de não espiar o ancorote e nem trabalhar com a machina, que de manhã me rebocaria elle com dois cabos. De manhã o almirante mudou de parecer e seguiu rio acima, mandando-me dizer que espiasse o ancorote e esperasse a enchente para sair e em ultimo recurso fretasse uma escuna para descarregar e alliviar o navio. Durante todo o dia 3 soprou N. O. duro, levantando alguma marea junto ao navio; nada podendo fazer com o ancorote, com algum perigo para a guarnição d'um escaler pude espiar um ferro que tambem de pouco me serviu nesse dia, por estar o rio muito vasio e o navio muito encalhado; no dia 4 pouco depois do meio dia rondou o vento para S. O., e á tarde, com mais perigo, pude arrancar ferro e espiar mais longe. Essa noite foi horrivel, porque soprando com força o vento, levantava bastante mar, que com força batia nos costados do navio e entrava na tolda; pela manhã de 5, rondando o vento para o sul, foi-se enchendo o rio e com alguns esforços pudemos ás 11 horas desencalhar sem termos soffrido prejuizo algum, não obstante estar o navio carregadissimo com carvão, mantimentos, duas peças raiadas de 30, e muitas munições. Acendi o fogo, e ás 2 horas da tarde suspendi e segui rio acima, fundeando ás 7 horas da noite por ser o logar difficil e o pratico nada enxergar. A's 6 horas da manhã de 6 suspendemos e fomos ás 11 da noite fundear no porto de Paysandú, onde deviamos deixar um official Oriental que vinha á bordo; ás 6 da manhã de 7, suspendemos e demos fundo ás 5 horas da tarde na bocca do arroio Juquery, onde se achavam o Almirante, os outros navios e o nosso exercito.

Quando cheguei tocavam Trindades no acampamento. Que confusão de cornetas e tambores soando ao mesmo tempo! Que prazer senti eu, que sempre desejei ver o sublime espectaculo de um exercito acampado! Fiquei entusiasmado e só desejava que amanhecesse para contemplar esse quadro magestoso. Quando me apresentei ao Almirante, deu-me elle logo, como sempre, um cento de ordens; a primeira que executei foi entrar para dentro do arroio e amarrar o navio no mato. Assim fiz, & depois de tomar chá, fui dormir, como o faço agora que já serão nove horas e está muito frio, deixando para amanhã, se Deus quizer, o resto da narrativa da nossa peregrinação. Boa noite.

21 ás 9 horas da noite.

Quando me levantei, o que não fiz muito cedo, e vi o acampamento tão de perto, desanimei, e mais uma vez envergonhei-me de ter nascido Brazileiro. Que desordem! Que falta de metodo no armazém das barracas, umas aqui, outras acolá... Que falta de prestigio nos generaes! Que ignorancia das mais pequenas coisas da guerra! Que pouca vontade de servir em quasi todos! Que desleixo inqualificavel nos medicos que deixam morrer á mingua os pobres soldados, tão miseraveis que muitas vezes seus cadaveres servem de pasto aos animaes, sem que elles se importem com isso! Muito se teria pougado, muitas vidas se teriam salvo, se o commandante em chefe, os de divisão, de brigada, de batalhão, de companhia e officiaes subalternos cumprissem os seus deveres. Que desleixo, que ignorancia, que falta de dignidade, de patriotismo, e de

humanidade! Só Deus poderá salvar o Brasil. O Brasil vencerá. Já, não: lá mais para adiante, depois de correr muito sangue. A vergonha dos nossos desleixos, porem, chegará ás futuras gerações. Passei algumas vezes pelo acampamento, e sempre ao voltar para bordo, lamentava-me ter nascido numa villa e ter seguido esta carreira: Preferia antes ter nascido no sertão e ser um selvagem.

Tem morrido perto de dois mil homens, e quasi outros tantos existem nos hospitaes desta villa, onde em vez de recursos só encontram misérias. Fará idéa da mortandade que tem havido quando souber que o corpo de Policia do Pará, que eu vi no Rio embarcar com mais de quinhentas praças, hoje está com pouco mais de cem!! Neste estado estão quasi todos os outros corpos. Não se deve culpar ao governo, que tem remettido tudo quanto pode precisar um exercito duplo deste; a incuria, o desleixo inqualificavel, o crime, é d'aqui!...

No dia 15, o exercito passou por uma ponte feita de algumas escunas sobre um arroio de trescentos e tantos pés, e foi esse o mais sublime espectaculo que tenho presenciado na minha vida. Principiou a passagem pouco mais ou menos ás nove horas da manhã, com dia lindissimo. Rompia a marcha o general em chefe e seu estado maior e depois as divisões por batalhões.

Ha misérias na vida que causam riso... Ver-se marchar um soldado, carregado como um camello, uniforme sujo, roto como um mendigo, sapato acalcanhado, pedaço de carne crúa na mão... Official de voluntarios montado em cavallo sem selim, só com um berbicacho... Soldado atirando fóra a barraca para poder caminhar; outros cahindo pelo caminho, sem forças para acompanhar seu batalhão, sem animo até de largar a espingarda, cahindo deitado com ella ao ombro... Tudo isto é muito triste, porém causa riso, porque ao mesmo tempo que caem os voluntarios, passa o 4.^º batalhão de linha, estimado por todos nós, officiaes de marinha, e que temos muitas vezes assistido a seus exercícios; passa o bravo 6.^º de linha com seus bonés brancos, os uniformes ennegrecidos pelo fumo da polvora, a bandeira rasgada pelas balas do Paysandú; passa o 12.^º de linha, glorioso resto de um batalhão que sepultou seus bravos debaixo do fogo de Paysandú. Não posso contar tudo, porque não pude ver tudo. Às 10 horas e 30 minutos vim para bordo; suspendi ás 11 horas e cheguei ao meio dia a este porto, onde vêm, a passar para a outra margem, forças de cavallaria do General Flores. A villa do Salto é na margem esquerda de quem desce; á direita estão acampados o exercito Argentino, o Oriental e o nosso. Os Paraguayos tencionam atacar este sitio, estando em marcha para este fim. Nós devemos ir-lhes ao encontro subindo o rio, o que até agora não temos feito por haver um salto de pedra e a agua ser pouca para subir.

Tenho a bordo o Capitão de fragata Lomba, chefe da 4.^a divisão da nossa esquadra que na ausencia do Almirante deve commandar a expedição composta do "Taquary", do "Tramandahy", e de um pequeno vapor de ferro comprado ha pouco e em peiores condições que este. E' o celebre "Onze de Junho", onde está o Almirante, que ha dias desceu para Buenos Ayres carregando-nos as munições da nossa tropa de bordo, com promessa de voltar em cinco dias, o que duvidamos, por ser elle um verdadeiro maluco. Temos mais aqui dois vapores e um patacho, os quaes não podem subir por calarem muito. Temos ainda, acima do salto, talvez na Uruguaiana, um outro vapor tão ordinario como o "11 de Junho". Eis a esquadrilha que vae atacar o inimigo. Com o favor de Deus, porém, o "Taquary", navio chefe, ha de fazer aqui o que o "Amazonas" fez no Paraná.

Tivemos hoje communicações de que o inimigo avança. Talvez, nos ataque ainda aqui, o que será uma felicidade por termos mais recursos. O Lomba manda amanhã a Buenos Ayres um Guarda Marinha levar a participação ao Almirante, que não sei quando virá. O Lomba é um excelente homem e valente official; já foi meu commandante no Jequitinhonha no meu tempo de Guarda Marinha. Dou-me bem com elle. Este navio, tem, além da guarnição, trinta e cinco zuavos da Bahia e vinte e oito praças do batalhão de engenheiros. E' muita gente, e como ha a vontade de combater, havemos de fazer alguma coisa. Logo que houver agua no Salto, subiremos. O Almirante espera encontrar-se com o Imperador em Uruguiana; talvez por isso volte cedo de Buenos Ayres.

N. 7

Alto Uruguay, (em frente a Uruguiana) 20 de Setembro de 1865.

Está acabada a minha primeira campanha. A villa de Uruguiana rendeu-se no dia 18, sem darmos um tiro de peça. O inimigo estava muito desmoralizado e sem recursos; não tinha munições, nem viveres, vivendo só de carne de cavallo. Nenhum escapou; entregaram-se todos em numero de cinco mil cento e tantos.

No dia 17 do mez passado sahimos de Salto em direcção a este lugar e só no dia 19 pudemos montar o salto de pedras, por não haver agua no dia 18; no dia 21 pela manhã aqui chegamos, encontrando a villa ocupada pelo inimigo, sem que nos fizesse fogo ao lhe passarmos em frente. Estivemos até agora empregados em diversos serviços, como passar a tropa do Flores, que á margem direita tinha já derrotado a outra columna inimiga, e rondar abaixo da villa para que ninguem escapasse. No dia 11 do corrente fizemos um reconhecimento levando a bordo os Generaes Mitre, Flores, Porto Alegre, o Ferraz, etc., e no dia 13 outro, com o Imperador, os Príncipes, Mitre, Flores, o Almirante, Caxias, Cabral e Porto-Alegre; desta vez passamos mais longe da villa. Das outras o faziamos ás vezes á distancia de tiro de espingarda, sem que o inimigo nos agredisse, e nem nos respondesse aos tiros de peça que lhe fizemos no dia 28, unicos que disparamos nesta grande campanha. No dia 18, logo que se aproximou o nosso exercito, renderam-se. Eu fui logo a terra e encontrei as casas todas arruinadas e as mobilias quebradas; nada havia intacto; o destroço foi espantoso. O inimigo construia embarcações para fugir, mas nós o impedimos.

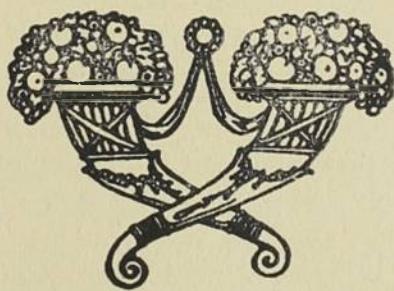
O rio está baixo e não sei quando desceremos. Tenho muito que disser-lhe, porém estive ocupado hoje em passar tropa e agora, chegando, acabo esta ás pressas, por ter portador seguro. Está no Ministerio da Marinha um mineiro; creio que o Oliveira tem relações com elle e por isso, não tendo tempo de escrever-lhe agora, peço-lhe que o faça por mim, a ver se me obtém o commando de um vapor encouraçado; será bom tambem fazer este pedido ao Martim Francisco.

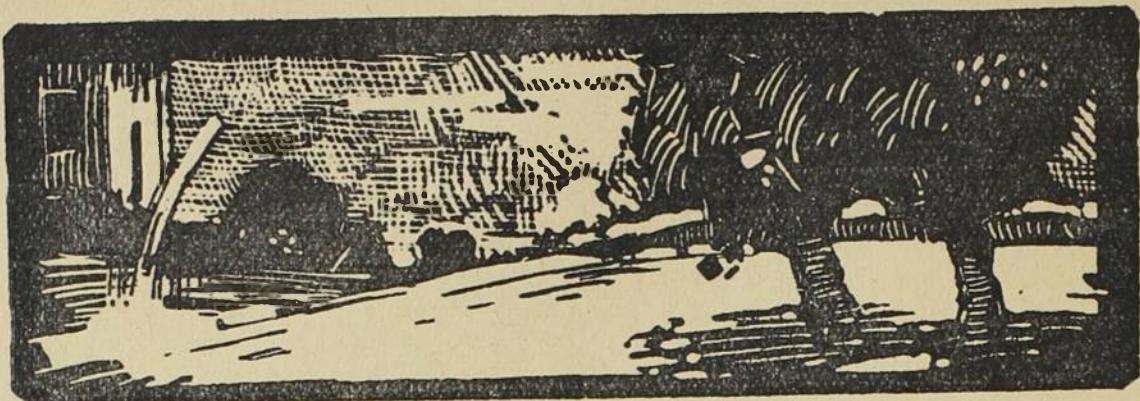
N. 8

Buenos Ayres, 10 de Novembro de 1865.

Na ultima lhe participava que ia deixar o commando do Taquary e descer com o Almirante para assumir outro commando no Paraná. Tendo deixado no dia 21 o commando do "Taquary", descia a 22 com o Almirante no "11 de Junho", e no dia 26 tomei no Salto o commando da canhoneira

"Iguatemy", cujo commandante obtivera licença para ir ao Rio tratar-se. A "Iguatemy" é uma das canhoneiras construidas na Inglaterra e uma das que mais sofreram no Paraná. Necessita de grande concerto; vou fazer os mais urgentes e subir. Amanhã principiamos a concertar o casco e a machina, para o que muito me custou convencer os homens que infelizmente nos governam. Não estou contente com este navio; contudo, nada digo e nem peço coisa melhor enquanto estou por aqui e espero em Deus e em minha madrinha ser feliz nesse como fui no "Taquary" e escapar com vida desta guerra que vae se prolongando por conveniencia de algurs ladrões que aqui estão se enriquecendo.





OS "GRANDES" E A "OPORTUNIDADE"

NÃO nasce apenas do talento e da cultura o triumpho, a gloria dos grandes nomes literarios, mas tambem, e principalmente, da occasião, do oportunidade em que elles surgem. Ha vultos de real valor, de merito incontestavel, superiores não raro a muitos popularizados, que entretanto vivem dolorosamente apagados ou até mesmo morrem de todo desconhecidos, simplesmente por lhes não haver sorrido, por lhes não haver favorecido a força herculea, inestimável e imprescindivel da oportunidade.

O maior factor, por exemplo, da reputação de Castro Alves — perdõem-me os fanaticos a *heresia* — foi a "oportunidade" dos themes por elle versados, themes que outros poderiam ter explorado com o mesmo talento, maior cultura e sobretudo mais arte. E nem se diga que por ter sido elle o "primeiro" fôra superior a todos os de seu tempo, tanto mais quanto o seu renome — e é isto um facto real — proveio justamente de haver o poeta interpretado o pensamento da epoca, o que quasi todos sentiam mas não sabiam dizer. Ser o "primeiro" não é ser o "maior", como para ser o "maior" não é preciso ser o "primeiro". Para prova basta recordar Ruy Barbosa que foi "grande" sem ter sido o "primeiro" em cousa alguma. O que elle fez, o que elle soube fazer foi concatenar e transmittir o que se pensava e já se havia dito sem o brilho e discernimento admiraveis que lhe eram peculiares. Não ha nisto irreverencia a esses dois gigantes, dignos por todos os titulos de nossa veneração, respeito e orgulho.

*
* *

O "grande" não se submette, não desce á frivolidade de escolas ou modas. Preoccupa-se com os altos problemas humanos; pensa por si só; encontra a sua personalidade; escreve por conta propria; tem a felicidade de traduzir as palpitações de "momento" — e enche uma época!

E por que é comprehendido, estimado, applaudido? Porque todos lhe sentem na obra a "verdade ambiente", uma partícula do seu "eu", uma cousa latente que havia na alma e que se descortina de subito, completamente, trazendo um goso, uma alegria íntima e confortante.

*
* *

Quando há um "grande" a reinar, o seu fulgor, como o de um astro irradiante, corre mundo. Em torno delle surgem então os "satellites" — os discípulos, os que se contentam com a condição de meros copistas, os inventores de agremiados inúteis, em que nunca pensaram os que realmente têm uma scentedha superior.

Mas quando se vae tornando velho um mestre, quando falta alguém que saiba fazer vibrar as cordas do "momento", há como que um delírio avassallante, um vazio angustioso, uma "crise" em que ninguem sabe definir o que quer nem o que pensa. Da estagnação, das fendas dos grandes troncos que, á acção do tempo, se transformam para fecundar a nova vegetação, brotam cogumelos, sahem as térmicas estonteadas que, sem a attracção de uma chamma, em torno da qual se agglomeram, esvoaçam nas trevas, entrechocam-se, querem transfigurar-se em luz radiante — e nessa ancia esteril se esgotam, se abatem, perdem as asas; e ao raiar do novo e verdadeiro sol, eil-as mudadas em cupim, a proliferar em meio á rastejante tiririca...

*
* *

E' esse o fim de todos os que pretendem inventar coisas absurdas, estranhas ao sentimento da collectividade. Ninguem "cria"; quando muito "descobre". E o ideal — já o disse em artigo publicado em outro logar — não é "aperfeiçoar" mas achar a perfeição do natural.

Mão grado a opinião de muita gente, para mim tenho que, por exemplo, a poesia objectiva nascida na França em 1860, a que Barbey d'Auréville baptisou por parnasianismo, foi menos fruto de *reação* ou *escola* do que filha do sentimento ambiente. Parece que uma cousa resulta da outra; mas não é exactamente assim. *Escolas* são coisas de mediocres; *reacção* se opera contra alguma cousa. E não creio que Leconte de Lisle, Theophilo Gauthier e José Maria de Heredia fossem mediocres, nem tão pouco houvessem pensado em destruir ou offuscar Victor Hugo, Alfred de Musset e Alfred de Vigny. Elles eram realmente grandes; viveram como Byron:

"I live not in myself, but I become
Portion of that around me."

Viveram assim; sentiram as palpitações do "momento"; souberam interpretal-a; tiveram finalmente a "opportunidade" de tornar-se "grandes".

E grande ha de ser sempre Victor Hugo ou Leconte de Lisle, Alfred de Vigny ou Theophilo Gauthier, José Maria de Heredia ou Alfred de Musset; grande ha de ser sempre tudo quanto traduza com exactidão o sentimento do homem e da natureza; e que appareça com a indispensavel "opportunidade".

Rio, Setembro 1923.

ARNALDO NUNES.



MEU PADRASTO

DESDE que papai morreu, vim morar na fazenda. A vida de cidade, com suas obrigações mundanas, não se conciliava com o meu desejo de solidão; depois, sou selvagem por natureza, não posso adaptar-me ás mil convenções sociaes. Adoro a liberdade.

Faz dois annos que vivo longe de mamãe; meus tios, que não têm filhos, estiñam-me como tal; sou a alegria delles, o seu orgulho e dizem que a herdeira unica. Tenho professores que me ensinam linguas, sciencias, pintura, dança e o mais.

Detesto a sociedade; meu tio, que me observa constantemente, disse-me um dia destes: — "E' escusado, Nenê, você nunca será uma mulher chic, com esses modos tão simples... Sua mãe não hade gostar". Mas eu creio que elle fica bem satisfeito de me ver assim.

Não sei quando voltarei para a cidade; a vida que a mamãe leva não me tenta; visitas, bailes, passeios, theatros, chás, nem uma hora consagrada á familia!

Lembro-me do quanto papai soffria com isto. Eram luctas sem fim, nas quaes elle cedia sempre, por amor á paz.

Amava-a tanto !... Pobre pai! Mamãe é boa, mas tem alma de creança. Gosta de divertir-se, é uma menina grande; depois, tão adulada sempre, ninguem poide estar junto della sem ficar fascinado com a sua graça, o seu espirito, a sua alegria estouvada e encantadora.

Não tenho o genio de mamãe, como poucos traços tenho seus; sou alta e loura, ella é pequenina e morena.

Gosto muito de musica; passo horas ao piano, encantada com Beethoven, cujas sonatas estudo. Porém nada executo ainda do meu gosto; falta qualquera cousa em minha execução. Que será? A alma talvez... Entretanto, eu sinto a musica.

Tenho lido relativamente pouco: Herculano, Hugo, Walter Scott, "Os noivos", de Manzoni,... Meu tio é exigente e escolhe muito os livros que devo ler; quer formar-me a alma, diz elle, alma sã de mulher verdadeira, não de boneca. Meu professor de inglez e sciencias é um senhor já idoso, muito meigo, muito bom; creio que foi pastor evangelico uns tem-

pos; irlandez de origem, tem na alma as tristezas de sua patria. Foi quem me aconselhou a escrever este diario. "Escreva, minha filha, todos os seus pensamentos, e verá que, si for sincera, ha de melhorar cada vez mais. Mas, pense bem! Um diario deve ser sincero; do contrario, antes não escrever nada". A idéa tentou-me. Vou escrevel-o e serei bem sincera, bem sincera, inda que seja contra mim.

Foi hoje o dia mais triste da minha vida, depois da morte de papai. Posso dizer que é a segunda grande tristeza que me acabrunha: Mamãe vai casar-se!

Como a esposa adorada de um homem como meu pai pode pensar em outro homem para marido?

Quanto tenho chorado!

Hontem estranhara meus tios. Sempre tão alegres, estavam tristonhos. E' que tinham recebido a carta de mamãe e não sabiam como dar-me a noticia. Hoje, finalmente, depois de muitos rodeios, deram-m'a a ler. Mamãe diz que é muito moça ainda, que vive muito só e que por isso resolreu casar-se, o que estará realizado ao recebermos esta. Conta que os bons cunhados me preparem o espirito, e me impeçam de acolher com animosidade o meu padrasto. "Poderia estar casada ha muito tempo, mas quiz escolher muito o homem que seria seu novo pai". Novo pai! Como si eu podesse considerar pai a outro além daquelle que realmente o foi!

Termina com um elogio pomposo ao noivo, que só tem o defeito de ser mais moço que ella.

Calculem! Um rapaz de vinte e oito annos casar-se com mulher de quarenta! Mamãe é ainda linda, encantadora, mesmo; mas não está sujeita, como toda a gente, ás leis do tempo?...

Odeio meu padrasto. Odeio-o tanto como nunca imaginei odiar alguem.

Nessa carta mamãe communica que vem passar oito dias aqui e que quer levar-me a passar alguns meses com ella. "Já é tempo, de apresentarmos á sociedade essa selvagemzinha..."

Não vou. Pois hei de ver, na velha casa de meus avós, na casa onde meu pai nasceu, onde nasci, onde tudo me fala dos meus, pois hei de lá ver meu padrasto dando ordens, como senhor absoluto?

Mamãe chegou. De manhã meu tio mandou arranjar o automovel para irmos á estação; eu, porém, fui a cavallo. Gosto mais do Zut, e além disso, dessa forma, não voltaria com o meu padrasto. Meu tio percebeu minha idéa. Puxou-me a orelha, rindo, e disse: — "Cabecinha de vento".

Não posso lembrar-me sem me rir da cara da mamãe quando me viu.

— Que é isso, Elisa? disse meu padrasto. Você falou-me de uma menina, e vejo a mais linda das moças!

Antes de papai morrer eu era enfezadinho e doente; os meus dezenas annos tinham a miserrima apparencia de doze, no maximo. Mas a estadia na fazenda, a gymnastica, a natação, o regimen de vida sadio, enfim, desenvolveram-me completamente. Tive uma alegria quasi perversa ao abraçar mamãe, tão pequenina...

— Mas, que é isto, Você está demais! E' outra! Que transformação! E bonita, sim senhora! Estou orgulhosa de minha filha ...

E voltando-se para meu padrasto:

— Imagine, Eduardo, Nenê era feiosa, pequenina, desageitada e eu

que pensava encontrar uma selvagem, encontro-a num apuro desses! Já não ha fazendas...

Depois, vendo-me em traje de montar, estranhou:

— Será que vocês só trouxeram cavallos?

Titio não respondeu; riu-se, conduzindo-a ao automovel.

O José, empertigado na farda que o abotoava como uma luva, de bonné na mão, gravemente sustinha a portinhola da Fiat.

— Oh! como você está graúdo! — Eu contava ter de viajar no classico e poeirento trole. Vejo que vou passar deliciosos dias aqui...

Meu padrasto, como eu me preparasse para montar, quiz auxiliar-me mas dei um salto e poupei-lhe o trabalho.

— Não mandou vir um cavallo para mim, Nenê? perguntou-me elle.

Respondeu-lhe meu tio, desculpando-se. Cançado da viagem que chegaria, supoz natural que preferisse vir de auto.

— Eu, cançado? Absolutamente não: Sou doido por animaes e pela amostra vejo que o senhor tambem é entendido, disse, apontando o Zut.

O automovel partiu e o meu cavallo, á frente, poude mostrar a todos as suas excepcionaes qualidades.

Quando chegamos, meu padrasto cumprimentou-me.

— Você monta muito bem, Nenê, e isto me satisfaz, porque terei boa companheirinha de passeios. Já sua mãe é incapaz dessas "violencias".

Era só o que faltava, fazer-lhe companhia nos passeios! pensei cá commigo.

Já não tenho odio a meu padrasto. Todas as mácriações e grosserias que lhe fiz, voltaram-se contra mim. Sempre amavel, delicado, attencioso, acabou por vencer-me. Temos quasi os mesmos gostos, e elle adora a musica. Como eu, passa horas e horas absorvido nos grandes mestres. Toca com muito gosto e dá um sentimento estranho, uma interpretação tal que me vem a sensação de que improvisa as musicas.

Ouvindo-o um dia destes numa sonata de Beethoven, commovi-me tanto que chorei.

— Porque chora, Nenê?

E' que o senhor tóca de maneira que me commove, respondi, meio despeitada pela minha fraqueza. Nunca serei capaz de executar uma musica dessa maneira.

Meu padrasto sorriu.

— Obrigado, Nenê. Arecio muito sua opinião, mas a verdade é que, technicamente falando, tóco mal, muito mal... Sinto a musica e impri-mo-lhe todo o meu sentimento, mas, não sou capaz de estudal-a a serio, como é preciso. Não tenho animo, sou um eterno preguiçoso... Você toca muito melhor do que eu. O que ha é que você não soffreu ainda, ainda não viveu... Sua interpretação é a sua alma: alma de ovelhinha branca, ainda adormecida... Experimente uma cousa: quando tocar a Primavera, de Grieg, pense em flores, nesse despertar delicioso da natureza que nós, brasileiros, não conhecemos por cá, onde a primavera é eterna. De-pois do inverno, inverno europeu, de neve, pense no que será a primavera! Arvores que reverdescem, flores que desabrocham, calor, vida, passaros de volta aos ninhos, canto de mães que embalam filhos, creanças que riem. Evocando tudo isto, estou certo de que você executará esta musica com tanta ternura e com tanto frescor que os que a ouvirem se enternecerão, forçosamente...

Todos os dias, bem cedo, saímos á cavallo, sem mamãe, que é incapaz de levantar-se antes do meio dia. Nos primeiros dias foi quasi forçada que fiz esses passeios, mas ultimamente é com prazer que acompanho meu padrasto. Vamos sempre a passo, conversando. Elle me fala de seus estudos, de suas viagens, de uma irmã que teve e morreu da minha idade. A's vezes, um desejo louco de galopar nos avassala e apostamos carreira pelos carreiros interminos...

O cafezal florido exhala um perfume fresco, penetrante, que attrahe enxames de abelhas... Que manhãs deliciosas! Todos os dias assistimos ao nascer do sol. Como a natureza é opulenta! No mesmo spectaculo, diariamente repetido, põe tanta diversidade de aspectos que nos enchemos de admiração e nossa alma curva-se commovida ante tanto esplendor!

Um dia destes falei-lhe de papai. Contei-lhe da minha adoração por elle, do quanto nos queriamos e de como me falava sempre dos seus estudos... Ouviu-me calado e recordou que o conhecera e fôra seu discípulo.

— Não se lembra, Nenê? Um dia você estava no jardim, os cabellos soltos, o chapéu na mão, alegre, animada, a rir. Depois, não sei como, correu, tropeçou e caiu. Que tombo! Dos joelhos feridos o sangue escorria pelas pernas. Eu, que vinha chegando, tomei-a nos braços e levei-a para dentro, aos berros...

Lembrava-me perfeitamente do tombo, mas não me lembrava de quem me socorrera. E aproveitei a suave recordação para abordar um assumpto que me preocupava.

— Então, visto que somos amigos velhos, quero pedir-lhe uma cousa, sim? Eu queria... queria que o senhor me promettesse não modificar a nossa casa. Papai amava-a tanto, que seu espirito ha de voltar ás vezes a repousar nesse lar onde nasceu, onde nasceu meu avô, onde tambem eu nasci. O senhor não imagina o quanto tenho soffrido ao pensar que talvez ao seu espirito moderno e adiantado aborreçam aquelles velhos moveis imponentes e a disposição severa e pesadona da casa!

— Era isso que levava você a evitar-nos, Nenê? Tinha medo de encontrar a casa modificada? Prometto o que você pede, e de bom grado, porque adoro aquella casa. Aquelles bons moveis antigos, que nos recebem como amigos velhos, aquelles retratos magestosos que gravemente nos protegem o sonno, toda aquella austeridade me encanta. Sempre sonhei ter uma casa assim, onde a gente viva realmente, e não esteja de passagem, como em um hotel. Detesto as casas modernas, pequenas, affectadas, superficies como a alma da sociedade de hoje. Tudo apparencias. Nada sincero. Ao amor chama-se *flirt*; á amizade, *hypocrisia*; á heroismo, á abnegação: "fitas", calculo. O que não comprehendo é como o espirito de sua mãe se dá bem com isso! Você precisa voltar comnosco; a velha casa tem alma e sente a sua falta. Não echoam nella risos alegres, ninguem canta, ninguem faz castellos no ar, não ha sonhos de amor. E' uma casa feita para lar conchegado, para ninho onde balbuciem e cresçam creanças...

Ha oito dias que estou na cidade. Mamãe, bem contra a vontade, concedeu a meu padrasto mais oito dias além dos convencionados.

— Não calcula, Nenê, disse-me elle nas vesperas de ir, quanto me aborrece a vida que levamos na cidade! Que semsaboria! Como invejo a você o estar aqui, entretanto... ficaria muito triste si você não fosse comnosco. Porque eu queria que você me considere, não como pai, seria ridículo da minha

parte, mas como irmão mais velho, que se estima, em quem se deposita confiança. O sentimento que você tinha por mim no começo era mais que de antipathia, era quasi rancor. Dei-lhe razão, creia. Eu tambem, em seu logar, receberia assim um padrasto. Mas hoje esse sentimento hostil já lá se foi, não é verdade? Como ser inimigo de uma pessoa que se commoveu comosco diante da sublimidade da natureza? "A contemplação da natureza suffoca os odios humanos, que são vis e mesquinhos". Você mesmo disse isto, lembra-se? e estou convencido de que é uma grande verdade. Quero que você não veja em mim "o padrasto", o intruso que veio tomar o logar de seu pai. Sou seu irmão mais velho. Não pense tambem, Nenê, continuou elle, corando, que foi o interesse que me fez casar com sua mãe. Nossas fortunas se equivalem. Também não direi, perdoe-me a verdade, que foi o amor, no sentido essencial que se dá á palavra. Casei porque a estimo e sei que em baixo daquella capa de frivolidade pulsa em coração bom, generoso, prompto para todos os sacrifícios.

Tive uma mocidade muito turbulenta; perdi meus paes muito cedo; uma irman que me restou foi-me logo arrebatada, e vi-me só, desamparado moralmente. Em dois annos de solidão vivi tanto quanto um homem vive em sessenta! E... cancei-me. Queria casa, lar, socego.

Você está agora, Nenê, tão ao par da minha alma como eu mesmo.

E, para terminar, peço-lhe um favor: não me chame mais "meu padrasto". Não calcula como me irrita essa palavra!

Diga simplesmente Eduardo. Feito?

— Como é bom voltar para casa! Eu não imaginava esta sensação e entrei chorando! De chapéu e maleta na mão, percorri a casa toda. No gabinete do papei tomou-me tal commoção que fiquei presa ao solo, á vista de um retrato em tamanho natural que eu não conhecia. Tive a impressão de que elle ainda estava vivo e á minha espera. Paizinho querido, papaizinho querido! rezei baixo, debulhada em lagrimas.

Quiz ver todo o jardim, o pomar, a horta. Era como se fizesse uma peregrinação religiosa. Cada arvore, cada canto tem para mim uma recordação. As arvores, as nossas arvores! A minha arvore... Lembrei-me do dia em que as plantamos.

— Diz um grande philosopho que plantar uma arvore é uma das acções que mais agradam á divindade. Pois que cada um de nós plante sua arvore e fique de bem com a divindade, disse-nos um dia papai, a rir. E as plantamos... Recordações, caras reliquias do passado, que bem fazeis ás nossas almas!...

Mamãe está em uma roda viva — compras, visitas, chás, theatro, corso. Não sei como ella supporta isso. Que fibra!

Eduardo poucas vezes a acompanha; foi o trato que fizeram.

Eu, porém, si me casasse, não gostaria de viver assim. Meu marido seria o meu companheiro inseparável; sem elle parece-me que nada me saberia bem.

Assim como viveria só para elle, havia elle de viver só para mim.

Mamãe, a quem disse meu pensamento, riu-se:

— Tolinha! Quando você conhecer a vida verá que nada ha tão incommodo como andar com o vosso marido agarrado ás saias. O amor, para se alimentar, precisa de phantazia, illusão, e que illusão um marido pode ter si passa ao pé da esposa 24 horas por dia?

Mamãe não me comprehende, nem eu a ella. Eu quero que meu marido seja homem util; ora, sendo util, ha de trabalhar; eu tambem terei muito que fazer em minha casa; mas nas horas de descanso, não admitto que o homem vá para o club e que a mulher fique sozinha em casa ou ande a correr diversões. Não!

Eduardo concorda commigo, mas não crê que eu possa resistir á vida mundana.

— E é pena, Nenê. Eu gostaria que você fosse sempre assim. E' tão raro encontrar-se uma alma verdadeiramente de mulher, não de boneca!...

Combinamos que não devo apparecer por enquanto; mamãe dará uma festa em minha honra, e só ahi serei apresentada ás nossas relações.

De bom grado concordei, porque não tenho pressa nenhuma em apparecer.

Gastei uns dias a installar-me. A minha antiga sala de brinquedos foi transformada. Guarneci-a de uma mobilia de vime, commoda, leve e elegante, com almofadas de um tom vivo nas cadeiras. Meu pequeno *bureau*, minha machina, muitas flores e folhagens e *stores* de linho branco. Para rematar, armei uma rête num canto. Depois de tudo prompto offereci a mamãe e Eduardo um chá de brinquedo na minha residencia. Fiz questão de eu mesmo fazer não só o chá como os diversos bolos servidos.

Foi um successo! Ninguem acreditava nos meus prestimos. Mamãe achou tudo encantador, só reprovando a rête, mas Eduardo mostrou-se encantado. Ri-se com um bom humor que ainda não lhe tinha visto, e depois fez um discurso, que terminou com a tomada de posse da minha residencia em nome da communidade.

Immediatamente, mandou levar para lá um piano e uma pequena estante com os seus livros predilectos.

Tambem mamãe arranjou um canto para si e meu padrasto declarou solemnemente que seria alli o santuario da casa, o logar delicioso onde estranhos jamais penetrariam. Tudo em ar de brincadeira, que muito nos divertiu.

E começamos um viver calmo, tranquillo, cheio de felicidades. Mamãe não concordava muito com essa nossa existencia e nos tratava como animaes raros.

— De que raça vocês são feitos? Que graça encontram em conversar, tocar piano e fazer esses eternos passeios no pomar! Não os comprehendo... Eduardo ainda vá, está cançado; mas você, Nenê, gostar desta vida...

Como se aproximasse o dia da festa, resolvi eu mesma fazer meu vestido. Meu tio habituara-me na fazenda a fazer toda sorte de serviços, e muitas vezes dispensou por um dia a cozinheira para obrigar-me a aprender cozinha. Além disso, duas vezes por semana vinha da cidade uma senhora que me ensinou a cortar, de modo que eu sou capaz, sem a menor difficuldade, de fazer um vestido qualquer.

— Não é prestimo, uma mulher saber costurar ou cozinhar, dizia elle: é dever, como é dever saber ler e escrever... Ninguem diz que uma pessoa é prestimosa porque escreve uma carta ou lê um livro.

Quando mamãe soube que eu ia fazer o meu vestido, aborreceu-se.

— Não é coisa para você, minha filha. E' ridículo para uma moça de educação fina andar a coser os vestidos. Absurdo! Nunca perdoarei ao teu tio o haver incutido em você essas idéias tão tolas!

Insisti.

— Mæzinha, deixa-me fazer o que quero! outros vestidos hei de dar á sua costureira, mas este, que mal faz que eu o faça?

Mamãe accedeu, mas ás occultas mandou fazer outro para o caso do meu não sahir bom.

Eduardo approvou minha idéa e, satisfeito, quiz elle mesmo escolher a cõr e o feitio. Atirei-me ao trabalho. Minha mesa de costura foi aberta e o manequim surgiu de dentro della, com espanto dos de casa.

Eduardo fazia-me companhia e ora conversavamos, ora elle lia em voz alta, ora tocava; ás vezes, para descansar, sahiamos e davamos passeios deliciosos pela praia ou pelo pomar.

— A mocidade é a cousa mais bella que existe. Antes de você vir para cá, eu achava-me velho, cançado, alquebrado, sem confiança na vida, hoje entretanto, olho tudo por um prisma tão diverso! E' que você me passou um pouco de sua alegria, sua esperança, sua fé...

Meu vestido ficou bem bom. Quando vesti, Mamãe e Eduardo bateram palmas.

— Bravos ás pequenas mãos de fada! disse meu padrasto a rir. Em seguida sahiu e voltou com um fio de pequenas perolas na mão.

— Nenê, é este o presente que offereço a você em lembrança da satisfação que nos deu, mostrando que tem uma alma boa, simples, valerosa, que não desdenha o trabalho e que comprehende a vida da maneira por que deve ser comprehendida. Esse collar foi de minha irmã: é a reliquia que eu della guardei e que offereço a você como a melhor coisa que possa dar.

Nunca imaginei que um simples vestido valesse tanto! Mas mamãe parece que ficou triste...

Sempre gostei do luxo criterioso e grave: os crystaes, as pratarias, as porcellanas finas e transparentes, todo esse conforto enfim, que a riqueza nos proporciona. Esse luxo sempre existiu em nossa casa. Papai era um homem extraordinariamente simples no trajar e no tratar, mas não dispensava um certo apparato, principalmente á mesa. Nossas festas foram sempre celebradas como acontecimentos, tanto o bom gosto de papai se unia ao espirito inventivo e caprichoso de mamãe.

No baile eu seria apresentada solemnemente. "Nenê já não é creança e deve ocupar seu lugar na sociedade".

A' meia noite appareci entre mamãe e Eduardo. Ninguem me reconheceu. Vagamente, alguns velhos amigos da casa lembavam-se de que eu existia.

O aspecto das salas era deslumbrante; a illuminação perfeita e a ornamentação sobria em nada prejudicavam, antes realçavam as obras d'arte que as guarneциam.

A's toilettes riquíssimas das senhoras scintillantes de pedras preciosas, unia-se a elegancia distincta das casacas.

Mas como são poucos os homens que as sabem vestir de maneira a não parecerem creados de hotel! Eduardo é sempre um perfeito cavaleiro. E' o typo ideal... Generoso, bom, educado, intelligente. Figura

bonita, em toda a parte se destaca pelas boas maneiras, pela distincão e elegancia.

Quero que o homem que tem de ser meu marido se assemelhe em tudo a elle. Hoje mesmo o disse á mamãe, que me olhou muito, mordeu os labios e não deu resposta.

Fui apresentada a toda gente e, obrigada a dançar com quasi todos!

Não sei o que tinha Eduardo, mas pareceu-me aborrecer-se bastante.

A's duas horas eu já não podia mais de cansaço physico e prostração moral. Nunca fôra obrigada a falar com tanta gente desconhecida; e atordoei-me. Realmente, não fui feita para essas cousas! Em certo momento resolvi descansar um pouco e fui para o jardim, sentar-me no caramanchão das rosas. As trepadeiras cocultavam-me quasi completamente, e cahi em um meio torpor. Do outro lado do caramanchão, no jardim, dois cavalheiros fumavam, passeando e conversando.

— Não posso comprehendêr como é que Eduardo foi casar com d. Elisa, que pôde ser sua mãe, quando tinha a Nenê, tão bonita, e mais rica, pois é tambem herdeira dos tios!

— Mas, meu caro, d. Elisa ainda é um peixão! Bonita, engracada, espirituosa. Alem disso deve ser uma grande amorosa, uma... esperta amorosa, aquella senhora...

— Qual! Mulher para algumas horas. E muito frivola, muito vaidosa. A filha, sim, é mulher para sempre. E vê-se que nasceu para o lar. Só mesmo um tolo como o Eduardo, vaidoso e... cego...

Levantei-me; parecia-me que ouvindo aquelle dialogo eu insultáva mamãe, e ia sahindo quando dei com Eduardo, que viéra á minha procura.

Estava parado, e tambem elle ouvira tudo. Quiz fugir sem falar-lhe, mas Eduardo segurou-me nas mãos e, olhando-me com um olhar que me perturbou a alma, murmurou: "Cego, não! Como adivinhar? Louco, sim porque não acreditei na vida..."

Porque falou isso, Eduardo? Essas palavras bateram-me em cheio no coração, e alguma cousa, como uma barreira levantou-se entre nós.

Voltamos para a sala, onde devíamos marcar um cotilhão, para o qual mamãe encommendara ricos presentes.

Dancei, louca de vontade de chorar, e a rir estupidamente esse riso inerte parado á flor dos labios, que mais parece rictus de dôr que expressão de alegria.

O olhar de Eduardo me perturbava. Elle tambem soffria, muito pallido, com as mãos geladas.

Que tempo levou esse cotilhão? Nem sei! Uma eternidade...

Já lá vae um mez da festa de apresentação.

Um vento de mau humor soprou sobre nós com furia. Mamãe, nervosa, aspera, ironica, cruel ás vezes, quasi não sae de casa e tem a apparencia doentia, envelhecida. Parece-me trabalhada de uma preoccupação que não a deixa.

Eduardo passa fechado no quarto dias inteiros; á tarde vai para o club e volta de madrugada.

Ouvi dizer que tem perdido uma fortuna no jogo...

Tambem eu ando triste; não me falta nada, mas as palavras de Eduardo martellam-me no cerebro incessantemente. Procuro distrahir-me, trabalhando o mais que posso.

Hontem, comecei a tocar um nocturno de Chopin. Mamãe irritou-se de tal forma, que lhe pedi desculpas. Não me respondeu. Olhou-me como si olha para uma inimiga...

Cosia eu hontem umas camisas que ando fazendo para o enxoalzinho de um bebê, que a mulher do jardineiro espera no mez que vem, quando, distraida com o trabalho, machinalmente comecei a cantar. O canario acompanhou-me e fizemos um desafio.

Eduardo entrou, rindo.

— Já voltou a sua alegria, irmanzinha? Parece que estivemos meio zangados, não? Sou um irmão estouvado, que quebra tudo em que tóca. Você desculpa, não é?

Vendo-me perturbada, corou intensamente e disfarçando perguntou-me o que eu fazia.

Mostrei-lhe a camisinha.

— Feliz, você, Nenê, que pode dar um pouco do seu *eu*, do seu trabalho, aos que precisam! Nada disso posso fazer...

— Não comprehendo, Eduardo! Sempre estranhei que você, intligente e preparado como é, viva nesse lethargo em que vive. Porque não advoga? Não gosta?

Porque não compra uma fazenda? Pelas conversas com o tio vi que você entende de lavoura e criação. Poderia ter uma fazenda modelo. Não lhe seduz isso?

Ou, então, porque não se occupa de beneficencia? Olhe, eu, si pudesse, instituiria uma grande officina! Calcule, uma officina onde todos os imprestaveis, os mendigos, os desprotegidos da sorte encontrassem trabalho adequado ás suas forças e remunerador. Um cego, por exemplo, empalharia cadeiras, faria cestas; o aleijado de um braço só, servir-se-hia delle, ou para tocar a manivella, ou para qualquer cousa que não dependesse de força. Enfim, o meu esforço teria esta meta: levantar o povo de tal forma que não houvesse mais mendigos. Ser mendigo! Que cousa horrivel!

Eduardo olhou-me carinhosamente. Depois disse:

— Essa sua preocupação para o bem, esse seu ideal, como isso me commove!... Si eu não fosse tão preguiçoso, ou, antes, si não estivesse ganho por tão fundo abatimento de alma, poderia ser... Talvez ousasse... Mas, sabe você o que é o irreparavel, Nenê? Sabe o que é a gente não querer lutar, não querer procurar, cultivar o desanimo, duvidando da vida?

Quanto ella se vinga! Pensar que o ideal não existe e encontra-lo quando já é tarde demais... Que ironia! Vel-o perto, junto de nós e... tão distante, como quem vê uma estrella lá no alto do firmamento, mais distante ainda, talvez... Misero Tantalo...

E, Eduardo, enterrando com força o chapeu na cabeça, saiu.

E a phrase — “Cego? não! Louco!” — tornou a gritar tão alto dentro de mim que a cabeça me estalou e comprehendi toda a verdade!

Estou na fazenda.

Frente a frente com a minha consciencia, vi, comprehendi com horror qual o irreparavel a que Eduardo se referia.

Pobre Eduardo!

A “alma de ovelhinha branca, ainda adormecida”, a amar o unico homem em quem jámais deveria pensar!

Quando alcancei isto, resvolvi deixar a casa. Tive pena, tive remorsos da dor que tantas vezes vi nos olhos de mamãe.

Comprehendi seu olhar ás vezes cheio de odio...

Meu tio propoz-me uma viagem á Europa.

Com que entusiasmo acceitei! Meu Deus! Que fique o oceano entre mim e Eduardo! Só o oceano pode separar-nos...

Porque não o conheci antes? Fatalidade! Esse homem que é o marido de minha mãe, que está no logar de meu pai, é justamente o homem que eu amo de tal maneira que jamais poderei esquecer!

E minh'alma, como navio sem bussola no meio da tempestade, desespera-se ante o irreparavel...

Era minha intenção fechar aqui este diario. Escrever que mais? Só á sua vista a lembrança de Eduardo aviva-se-me no pensamento, e eu preciso esquecel-o. Paris! talvez seja Paris o grande remedio para meu mal.

Esse turbilhão continuo que nos envolve e nos arrasta para um viver inteiramente novo, deve agir sobre mim tambem, desviando o curso de meus pensamentos.

Tinha decidido não abril-o mais, mas mudei de opinião.

E' que o momento da tragedia chegou. A guerra!

Os acontecimentos se precipitam. A Allemanha invadiu a França e a Belgica. As duas nações, surpresas, tentam oppor um dique á torrente inimiga. Que dias!

Eu chorei as feridas da nação hospitaleira que me acolhe, e deliberei prestar-lhe meus serviços.

Meu tio e eu nos alistamos, elle como medico em um hospital de sangue, eu como enfermeira. E no desenrolar da catastrophe mundial, vendo tanta mocidade perdida, a pequenez egoistica do meu drama de amor me appareceu sob nova luz.

Que impressão tenho desses dias! De manhã partiam os soldados, cantando, cheios de fé e de esperanças, brilho intenso nos olhos, aureola lúminosa na fronte. E toda aquella vida, toda aquella esperança não era á tarde mais que um montão de carne soffredora, dilacerada...! E aquelles heróes sublimes tinham voz infantil ao murmurar — mamãe...

E eu vi que na dor, no soffrimento supremo, velhos e moços, grandes e pequenos, todos invocam aquella que lhes deu o ser!

E eu que tanto fizera soffrer a minha! E conscientemente me revoltei contra ella, culpando-a do que eu chamava a minha infelicidade!...

Uma vergonha immensa, invadiu-me a alma; vergonha do meu egoismo. E reagi...

São decorridos quatro annos.

A esperança da Victoria nos domina. O inimigo recúa, recúa sempre.

Agora, aos horrores da guerra, juntaram-se os da gripe.

Recebi uma carta da mamãe.

Tambem lá a gripe avassala tudo. Eduardo transformou a casa em hospital e, diz ella, dedica-se com todo o carinho aos enfermos. Generosa e boa alma!

Fecho os olhos, a pensar.

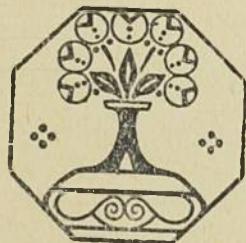
Como está longe de mim a sua imagem! Vejo-o, hoje, sem nenhum erro de visão. Bom, generoso mas exaltado e de imaginação doentia.

Que é da aureola luminosa que o cercava? Apagou-se, graças a Deus! Estou certa de que poderei velo sem perturbação.

De todo o passado não me resta sinão o cansaço moral e um pouco de scepticismo. O sentimento que eu julgava único na vida, apagou-se completamente. Será, então, que a gente pode amar duas vezes?

O major medico...

STELLA MARINA





ESTUDINHOS DE PORTUGUÊS

ONTEM E HOJE

Dos trinta milhões de filhos de Eva, que povoam este abençoado torrão, vinte e nove milhões, novecentos e noventa e nove mil, novecentos e oitenta pintam o vocabulo *ontem*, precedido de um antipatico e cabuloso *h*, — *hontem*.

Sobre a etimologia desta palavra, oiçamos em primeiro lugar o doutissimo filologo português Candido de Figueiredo, *O que se não deve dizer*, 3^a edição melhorada e corrigida, 1916, vol. I, p. 282:

"Um dos mais eminentes filologos da atualidade, o sr. Cornu, sugeriu uma estimologia que não oferece tais dificuldades: *ad noctem*.

O vocabulo *ante*, insuladamente, tinha aprazido a alguns, para aquele efecto. E, realmente, *ante*, sob o ponto de vista morfologico, podia explicar *ontem*. Mas as leis etimologicas não se baseam apenas na forma ou aspecto das palavras; e o significado de *ante* é tão generico, que mal poderíamos entroncar nele o significado de *ontem* ou *hontem*.

Com o *ad noctem* de Cornu, desaparecem as maiores difficuldades, quanto á forma e significado. E, assim, *ad noctem* daria, em português, á *noite*, ou á *noute*; o á aberto passaria para a fechado, como inda hoje se vê no dialecto português de Gôa, e teríamos uma só palavra, *anoute*. Assim como o arcaico *mi* se nasalou em *mim*, por influencia do *m* inicial, a segunda silaba de *anoute* nasalizar-se-ia, e teríamos *anonte*. Com a queda da consoante medial (*n*), fato vulgarissimo na evolução da lingua, (veja-se *bona* e *boa*, *arena* e *área* ou *areia*), teríamos *aonte*. A aferese explica a perda do *a* inicial, ficando a expressão reduzida a *onte*; e não custa explicar como *onte* passou para *ontem*: a nasalização da primeira silaba refletiu-se na segunda."

A palvara *ontem*, consoante o parecer de Leite de Vasconcelos, deriva-se do antigo *ooytem*, *oôitê*, *oôtem*: *ad nocte(m)*; cfr. o espanhol *anoche*, ontem á noite, o suíço roman. *anê*, á noite passada e o francês antigo *anuit*, esta noite; e é a seguinte a sua evolução: *ad noctem*, á *noute*, *anoute*, *anonte*, *aonte*, *onte*, *ontem*.

Alguns linguistas, inclusivamente o dr. Alfredo Gomes, dizem que *ontem* vem de *hodie ante*, justificando assim a grafia *hontem*; Santos Valente, *Dicionario Contemporaneo*, ensina que a sua origem é o latim *ante-diem*; outros, menos avisados e mais atrazados em questões filologicas, etimologistas de pechisbeque e estropiadores da linguagem, imaginam que o vocabulo se deriva do latim *heri*, do francês *hier*, do italiano *ieri*, do castelhano *ayer*, etc.

Amador Arraiz empregou a expressão *a noite atrás*; o cardial Saraiva, *Bocado Pastoral*, escreveu *o dia antes*, p. 19 da edição de 1698.

O ilustre mestre João Ribeiro prefere o étimo *ante*, porque na computação do tempo sempre representa a unidade imediatamente anterior: «*hora antes* é a hora que antecede; *antes d'ontem* é o dia que precede imediatamente *ontem*.

Diz o emerito lexicografo e eminente romanista lusitano Gonçalves Viana: "E' conservado o *h* inicial, quando a etimologia o justifique, como em *homem*, *humano*, *honra*, *hoje*; mas abolido onde é erroneo, como em *hontem*, *hir*, *hombro*, que se escreverão *ontem*, *ir*, *ombro*."

Ensina o insigne mestre dr. Silva Ramos:

"As palavras *ombro* e *ontem*, assim se escrevem, em homenagem á etimologia, e não *hombro* e *hontem*, como por aí andam grafadas, pois já ninguém ignora que *umerus* era a boa grafia latina e que *ontem* se origina do latim *ad noctem*, atravez das fomas arcaicas *ooytem*, *ooitê*, *oôtem*. (Revista da Ling. Portuguesa, tomo III, p. 103.)

A palavra *hoje* vem do latim *hodie*; o *h* neste caso é facilmente defensavel.

Cfr.: *Revista Lusitana*, vol. VII, ps. 57 e 61; João Ribeiro, *Selecta Classica*, p. 84, nota 97; A. Cortesão, *Subsidios*; C. de Figueiredo, *O que se não deve dizer*, tom. I, p. 282; idem, *Lições Práticas*, vol. II, ps. 217 e 218; *Romania*, XI, p. 91; Mario Barreto, *Factos da Lingua Portuguesa*, p. 70; Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, p. 372; José Joaquim Nunes, *Gramatica Historica*, p. 353; etc.

Certamente o leitor até *ontem* pintava *hontem* e *hoje*; de *hoje* em diante só escreverá *hoje* e *ontem*,

Quem escreve *hontem*, coerentemente, deve pintar *he*, *hum*, *hir* e *muchas otras cositas mas...*

Belo Horizonte.

JOSE' PATRICIO DE ASSIS



PERFIL DE UM CACHORRO DA ROÇA

DA primeira vez que viemos ao Remanso veranear, appareceu aqui um cachorro vulgar, magro, de longos pellos ruivos e annelados. Estacou deante da casa, no terreiro, a olhar os novos occupantes, com os olhos tristes, cheio de scepticismo e desconfiança, com a amarga experienca da vida que têm os cães sem dono e sem nome.

As creanças, no emtanto, interessaram-se por elle. Aceraram-no; tocaram-lhe o pello para sentir a macieza; afagaram-lhe a cabeça alta e forte; pegaram-lhe as orelhas. E elle a tudo se submetteu, indiferente e resignado a principio, por fim talvez um pouquinho commovido.

Deram-lhe comida, e elle comeu com voracidade e alegria. Deram-lhe um nome, um nome feio, quasi por zombaria: "Cabbelludo". Ouviu que assim o chamavam, teria estranhado, teria talvez pensado em outro nome anterior que lhe houvessem dado, teria sentido a impossibilidade de rectificar, e, afinal, acceitou-o, attendeu ao chamado e tomou-o definitivamente.

Procurou adaptar-se aos habitos da vida da casa, com timidez, com receio de sahir-se mal, talvez com a recordação de outras tentativas em que não tivera exito. Accommodava-se, durante a noite, na varanda. Mas, cedo, quando abriam a porta, punha-se de pé, escabriado, de cauda arriada, ensaiando sacudi-la em uma saudação medrosa, quasi excusando-se da sem ceremonia, logo arrependido, e esperando o castigo immerecido.

Parecia, porém, que a sua installação nocturna obedecia a um pensamento protector e amigo, que poderia escapar á des-

attenção da gente da casa. Haveria logares preferiveis para a commodidade delle. Tal seria, por exemplo, o caramanchão de sapé, escuro, de terra fria, fôfa, com alguns restos de folhagens. A varanda era ladrilhada, fria, clara, attingida pela luz da rua. Alli, porém, elle velava melhor pela segurança da casa. D'alli, d'aquelle altura, os seus olhos tristes varavam as sombras da chacara, os vãos das arvores novas, as moitas do jardim, a estrada de subida que dava ao portão. Alli lhe chegavam os rumores suspeitos, que o seu ouvido revelaria, determinando-lhes as causas. E d'alli descia cada noite—quantas vezes! — ao jardim, á horta, ás cocheiras distantes, para vêr melhor, de perto, para ladrar — longe das janellas da casa, que não perturbasse o sonno dos moradores. Ainda assim, não imaginaria acaso, que muitas vezes algum destes lhe maldiria o zelo barulhento...

Era essa, porém, semi duvida, a sua maneira de retribuir o carinho e o conforto que lhe proporcionavam de dia.

Afinal, acabando o verão, partimos, uma tarde de sol macio. Elle, de pé, em frente á casa, viu chegar o automovel, viu alojarem-se todos, viu a partida, não sei com que sentimento de surpreza, de melancolia, de desanimo. Era talvez a renovação do seu triste destino.

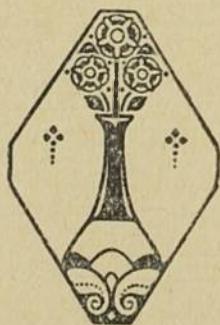
Mas, no anno seguinte, no verão seguinte, quando voltámos, dois ou tres dias depois de chegarmos, reappareceu o "Cabbelludo", com o seu olhar triste, os seus longos pellos, a sua magreza primitiva. Voltou, reconheceu-nos, reinstallou-se, e recomeçou a mesma vida do anno anterior, até que, de novo, á entrada do outomno, com a mesma surpreza, a mesma melancolia, o mesmo desanimo — talvez attenuados por uma esperança e pelo começo de comprehensão dos nossos habitos, — viu-nos partir.

Agora, pela terceira vez, neste terceiro verão, quando aqui chegámos, lembrámo-nos delle; procuramo-lo; indagámos. Ninguem o vira, nem sabia delle. Quatro ou cinco dias depois, entretanto, sem que ninguem o visse chegar, encontrámo-lo no caramanchão de sapé, a dormitar, magro, pelludo, triste, mais triste ainda nestes primeiros dias depois do seu longo e mysterioso inverno. Retomou logo, semi vacillação, a vida que aqui tem feito nos curtos mezes estivaes.

Ninguem comprehenderá aquella vida. Ninguem sabe como elle tem noticia da nossa presença aqui, para vir retomar o seu lugar. Outros cães lhe dirão que chegámos? Ou elle volta, uma e mais vezes, de dias em dias, para verificar por si mesmo? Ou já saberá calcular o tempo habitual da ausencia? E como vive elle, onde vive elle, durante o resto do anno? E' a sua triste historia — que elle não me pôde dizer; talvez estranhe que eu a não comprehenda.

Não a poude dizer, mas, ainda assim, soube fazer-me sentir, aos poucos, a sua dedicação, a sua fidelidade, a sua intenção amiga. E eu me empenharei em assegurar-lhe aqui, no inverno, a mesma estadia tranquilla e folgada de que está agora gosando novamente. Quem sabe lá, no entanto, si elle o quererá — e si não preferirá alguns meses de vida agitada, incerta, esfaimada, vagando por esses morros e ás margens dos rios?

GERVASIO IVELNEIRO





FORTUNATO OU O FORÇADO DA FELICIDADE

CHAMO-ME Fortunato e nasci num dia de Páscoa, sob a mais linda estrella que brilha no céu. Não sei si do nome que me puzeiram ou si do astro sob cujo influxo vim á luz, sou o homem mais feliz deste mundo. Censuram-me por isso.

Ora, essa é muito bôa! Não tenho culpa de ser feliz quando outros não o são. Dizem-me em ar de reproche: "Tu és uma ironia viva diante das desgraças alheias. A tua alegria constante faz mal aos que soffrem e o teu eterno bom humor irrita a sensibilidade dos tristes.

Devias, ao menos por um dia, ensaiar de ser infeliz..." Eu ouvia, calava-me e sorria para mim mesmo, porquê os que assim fallavam não sabiam que o meu maior desejo era justamente o de tomar o gosto á infelicidade que eu ainda não conhecia. Quizera, de bom grado, experimentar as sensações nunca soffridas, por uma dessas curiosidades que constituem a fibra caracteristica dos psycologos e dos bohemios. O que não hei feito para soffrer, para sentir uma dôr aguda, que me abale os nervos tão calmos e equilibrados! Mas esse meu desejo é impossivel, tão irrealisavel como o de mudar de sexo ou de morrer duas vezes. Ha criaturas que só com vel-as dil-as-eis predestinadas para isto ou para aquillo. Eu nasci predestinado para ser feliz e não ha nada, nem esforço proprio, nem circumstancias estranhas á minha vontade, que possa afastar de mim essa fatalidade. E, no entretanto, é tão facil ser infeliz! Eu tenho um amigo que se considera irremediavelmente desventurado porquê tem os olhos garços, quando os desejava ter prêtos.

E' uma infelicidade absoluta, irreparavel, pois ninguem até hoje poude trocar, a seu talante, a côr dos seus olhos...

Não poderia eu ter nascido com olhos garços?

Sempre fôra uma cousa para amofinar-me, para turvar de uma nuvenzinha o céu azul de minha felicidade. Dahi, quem sabe, com este meu genio eu seria capaz de gostar dos olhos garços, desde que fossem meus.

A felicidade é cousa tão relativa!

O certo é que os meus olhos são castanhos, côr de avellan (a comparação é das que se dizem classicas) e eu me sinto muito bem com elles.

Já cheguei a esta inevitável conclusão de que não ha possibilidade de eu vir a ser infeliz nem por momentos. Procurei vêr si o amor, que gosa a lisonjeira fama de maior agente de infelicidades, me traria algum dissabor serio.

Mas fui de uma felicidade exasperante no amor. Jóve, o classico Lovelace da mythologia, ter-me-ia inveja, si algum dia Jove tivesse existido, pois não me foi preciso transformar-me em cysne, chuva de ouro ou Amphytrião — para illudir as faceis Lédas, Danaes ou Alcmenas contemporaneas.

Conclui, cheio de profundo desanimo, que, por esse lado, abortara a minha empreza: não seriam as mulheres, criaturas frageis diante do destino, que me trariam a desejada desdita. As varias tentativas comprehendidas, todas com exito quasi immediato, me trouxeram quando muito o fastio, o tedio, que não é positivamente a desventura. Aborrecia-me de vêr que o ról das chamadas emoções humanas é tão reduzido, tão monotono, tão sempre-o-mesmo, para quem appetece o novo e o inesperado, como o mundo, na sua expressão geographica, para quem queira encontrar sempre paizagens desconhecidas. No fundo, todas as emoções, como todas as paizagens, têm traços communs de semelhança...

Lembra-me o sublime cantor de "Les Fleurs du Mal", Baudelaire, a pedir o abysmo, a morte, contanto que sentisse, como um látego a fustigar-lhe os nervos anesthesiados, a deliciosa impressão do novo:

"ciel ou enfer, qu' importe?

Au fond de l'inconnu, pour chercher le nouveau."

A natureza é positivamente absurda.

Deveria haver um reservatorio de emoções, que se fossem renovando com a idade e não esse pequeno numero que a gente conhece logo e de que se sente farta em menos da metade da vida. E o que se ha de fazer na outra metade? Repetir os mesmos prazeres? Porquê não ha para cada dia uma sensação nova? Por certo o amor não satisfazia ao meu desideratum, porquê, a não ser nessa forma relativa do tedio, delle nenhum desgosto me poderia advir. Ora, o tedio não pôde ser classificado como infelicidade — no meu caso, pelo menos. Elle provem do excesso de ventura, é uma especie de enfado, que só pôde sobrevir aos fartos, nunca aos famintos da felicidade... Falhando o amor, recorri a outro meio de ser infeliz: as viajens.

Sempre ouvira dizer que nada mais incommodo, na pratica, que uma viajem, si bem que, theoricamente, ellas sejam preconisadas até como uma salutar distracção aos espiritos enfermos. Mas — ai de mim! tambem essa esperança estava escripto que me abandonaria...

A mudança de clima, de vistas, a observação de novos costumes, vieram desde logo espancar de meu pensamento aquella apathia incolôr e aguada do tedio que começava a invadir-me.

Com 6 meses de locomoção atravez deste miserrimo planeta exgotara-se-me a fonte das sensações turísticas... Com o amor, valha a verdade, eu levára mais tempo a me cançar, o que prova até certo ponto que ha mais variedade nos corações femininos do que nos accidentes geographicos... Por fim, lá um dia cheguei á mesma situação anterior: achava-me fatigado de viajar, incapaz de obter novos prazeres na minha forcada peregrinação atravez de exóticas terras. Uma paisagem scandinava, com dunas e fjords, uma estria branca de praia bretan, um trecho convulsionado de floresta tropical, uma visão de steppe núa — nada disso já não conseguia estimular a minha retina nem despertar a minha emotividade sensorial ou psychica... O panorama das cidades grandes, me

acabrunhava. Vistas do alto de um *Bleriot*, numa impressão de conjunto, Londres ou Berlim, Tókio ou Paris, Sydney ou Nova York, offerecem o mesmo insípido aspecto, com as suas eternas avenidas, os seus canaes, as suas ruellas, as suas pontes, as suas egrejas, os seus theatros, as suas chaminés, os seus prados sob medida e as suas casas que, á falta de terreno por onde se expandirem, levantam a pesada alvenaria para o céu turvo da caligem das fabricas... E' sempre igual o feitio de todas essas colmeias humanas, que, com franquesa, não denotam, da parte do mais intelligente dos animaes, qualidades superiores de inventiva ás das outras especies gregarias, como as abelhas, as formigas e os castores...

Eis-me, de novo, á cata de outros recursos que me déssem a almejada desdita. Atirei-me ao jogo. Ganhava sempre e, em poucas semanas, tinha triplicado a minha já grande fortuna, sobre o panno verde do *baccarat* ou na vertigem apaixonada da rolêta.

O jôgo que a tanta gente faz infeliz não servia ao meu proposito decidido de ensaiar a infelicidade. Voltei-me de corpo e alma para a Arte. Ouvia aos meus amigos artistas asseverar que não ha soffrimento ou tortura que se compare á ancia pela perfeição inattingida, pelo ideal irrealisavel, pelo sonho que se procura plasmar no mármore, traçar na tela ou graphar nas laudas de papel... Eu seria, sem duvida, um desses condenados da Arte, Lacoontes ou Sisipho, esmagados e torturados pelo ideal artistico. Pois ainda uma vez tinha que desilludir-me.

Para empregar ainda uma imagem antiga, um symbolo mythico — a mythologia é tão querida aos artistas! — direi que fui antes Heraklés, o prodigioso.

Tudo quanto tentava, eu conseguia realisar. A felicidade — *jettatura* ás avessas — como uma obcessão, me perseguia...

Os meus quadros fôram julgados um modelo perfeito, maravilhoso, inegualavel.

As minhas "maquettes", expostas no *Salon*, tiveram o *grand prix* e receberam louvores incondicionaes da imprensa e dos amadores.

Fiz versos... Sahiam-me as estrophes sem esforço nenhum, simples e rutilantes, como medalhas de ouro, com legendas antigas...

Comoviam-se, ao lê-los, as meninas romanticas, retardatarias de 1830 e as *modern-girls*, de olhos bistrados e saítas curtas, os recitavam, com vivacidade eloquente, nas recepções elegantes, como paradigmas da arte actual e expressões da cultura contemporanea... Esvaía-se-me desta maneira a unica esperança que me sobrava em arte, a de ser incomprendido, injuriado, criticado por uma ou outra das escolas que hoje disputam o primado da poesia nacional, os *passadistas* e os *futuristas*.

Eu era da actualidade — um traço de união entre o passado e o porvir... Todos me estimavam, todos viam em mim o *juste milieu*, a voz do bom senso que se não extréma e fica no meio em que os antigos collocavam a virtude. O successo me perseguia, me obcedava, implacável e cruel. Fui feliz; marquei uma época de renovação estheticá, segundo diziam os criticos de arte nas gazetas do dia...

Desta maneira até a Arte, que é madrasta para os seus filhos mais amados, me sorria, em complacencias amorosas nunca imaginadas. Não me era, então, possivel experimentar a infelicidade? Que inveja me faziam os falhos, os mal succedidos, os que jamais se elevam do pó humilde do *anonymato*! Eu, ao envez, era um forçado da felicidade, um homem a que o destino poderoso obrigava a ser feliz, vedando-lhe o conhecimento do outro lado da medalha da vida... Note-se que eu não soffria, no sentido vulgar dessa expressão.

Si conseguisse padecer já seria um pouco desditoso. Mas o que eu sentia era só essa displicencia tediosa diante da chatice da vida... Eu não sabia, não podia soffrer.

Invoquei a morte como um derradeiro meio de fugir á minha inalterável felicidade.

Excusa dizer que ella não veio, como ao lenhador da fabula, e si viesse, de resto, creio bem que me não amedrontaria, pois a mim ella, por certo, sorriria sob a forma euthanasica, como uma bella mulher, uma noiva tumular, cheia de carinhos e não como a classica figura esqualida a empunhar a foice já gasta nas imagens rhetoricas e poeticas...

Devo dizer que jamais me passou pela mente o procura-a: a minha felicidade, a minha noção da vida excluia, por si só, a hypothese mesmo longinqua do suicidio. E, depois, quem me diria que mesmo o mysterio do alem se me desvendasse penoso e cheio de dôres?

Com esta predestinação á ventura era bem possivel que eu, embóra me não presuma dos mais justos entre os homens, viesse a gozar da bem-aventurança eterna... Exgottados os grandes, os supremos recursos, eis me voltado agora para os minimos, os triviaes, os todo-o-dia, assim como, diante de um caso clinico em que inutilmente se empregam os mais energicos meios therapeuticos, se retorna á medicina de casa, ás mezinhas e tisanas das velhas curandeiras...

Tentei um casamento e escolhi para minha companheira vitalicia um córte de mulher que reunisse todas as probabilidades futuras de, em poucos dias, transformar-me em fel bem amáro o doce mél que sóe existir na primeira lúa conjugal... Era a minha mulher bem destituida de qualidades physicas e do mais. Profundamente ignorante, visceralmente inimiga da belleza, soberanamente geniosa e, sobre tudo isso, — parece difficult encontrar na realidade um typo assim — muito apaixonada por festas, muito dada aos prazeres da sociedade ou *l'on s'amuse...*

E, ainda mais, vá que diga, ciumenta em extremo. Com taes probabilidades, havia de sahir-me uma harpia, uma megera, uma tarasca, nas excellentes condições de infermar-me a vida, como eu piamente almejava. O thalamo nupcial converter-se-me-ia desde o primeiro dia num leito de Procusto... Pois mais uma vez errei e ahi se prova o quanto de faliável ha nas previsões humanas, sobretudo em se tratando de mulheres. Cantidiana — até o nome parecia fatídico nessa creatura — uma vez casada transformou-se completamente.

Tornou-se retrahida, caseira, dada a estudos, meiga, amorosa em extremo. Os seus tolos ciumes desappareceram a ponto de mesmo quando eu os acirrava, de propósito, ella se negar a dar credito aos meus actos menos de acordo com o pacto matrimonial.

E com a reviravolta moral accentuou-se-lhe igualmente grande mudanca nas feições e no physico em geral. De descarnada e angulosa eil-a cheia de formas e, dia a dia, mais bella. Engordou e adquiriu esse viço de mocidade que parecia não possuir e as suas linhas e as suas feições irradiaram, ao fim de dois meses de hymeneo, essa expressão serena e casta de felicidade que eu sempre sonhára na eleita de meu coração... Contagiara-a naturalmente a minha irremediavel ventura. Puz-me dahi por diante á frente de grandes emprezas, metti-me desassombradamente em negócios arriscados, especulações de bolsa, transacções perigosas, dessas que têm arruinado fortunas...

Mas o negocio é como o jogo: depende da sorte. E como do jogo, delle se pôde dizer, que é no negocio "qu'on voit les plus grands coups du sort". Sou feliz.

Felicissimo, m'o chamavam os que recebiam, como intermediarios, as aparas das commissões que lhes eu dava. Occorreu-me abandonar tudo — familia, conforto, dinheiro, — e ir para a Terra do Fogo, para o Senegal, para qualquer região do mundo deserta e inhospita onde pudesse, ao menos um dia, conhecer o travo desse desejado nectar da infelicidade. Mas para quê? Eu já não confiava na efficacia dos meios empregados para fugir ao meu destino.

Bem podia acontecer que eu me désse bem por essas plagas que a toda gente se afiguram exilios temerosos e me fizesse uma installação confortavel e digna de inveja, ao lado de alguma fuegina ou sengaliana que me amasse, tanto ou mais que a minha hoje bella Cantidiana... Para que tentar, pois, novas experiencias? Nada, absolutamente nada me faria escapar ao anathema.

E vão-se-me os dias nessa esperança nunca realisada, buscando resolvêr o enigma da desventura, com o mesmo apaixonado ardor com que os philosophos procuram a chave da Verdade para a adaptarem á fechadura dos seus systemas. Sinto, por vezes, este vago mal estar de quem deseja uma causa ardente mente sem a alcançar. Mas isso não é ainda a desdita. E', antes, a plethora de felicidade que m'o traz. Sou um pobre grilheta amarrado a uma sorte que não desejei e nem pedi e isto por si só deveria — si outras fossem as minhas noções da vida — converter-se no mais tragico dos supplicios. Nem Dante, nem os carrascos chinezes, nem os romanos da decadencia, nem os inquisidores medievaes poderiam imaginar essa tortura — a pena da felicidade sem remedio! O que eu não daria para soffrer, para poder sér pobre e ter receios, ser despresado e ter ciunnes, ser mau e ter odios, desejar e não possuir e não ser comprehendido! Como eu desejaria ser como toda a gente, como os meus irmãos homens que soffrem, que desejam, que têm anhelos insatisfeitos e torturas dilacerantes! Mas, para mim — fatalidade terrivel! — o desejo não existe, pois é logo saciado, a dôr não tem realidade objectiva nem mesmo subjectiva e vivo feliz, sou feliz por natureza, pela condição immanente ao meu sér, tão adjectivada ao meu EU como a qualidade de ser luminosa para as estrellas e a de ser crystalina para os diamantes... Mas — agora me acóde — este anceio continuo, persistente, irrealisavel, pela infelicidade não será elle proprio já uma relativa infelicidade?

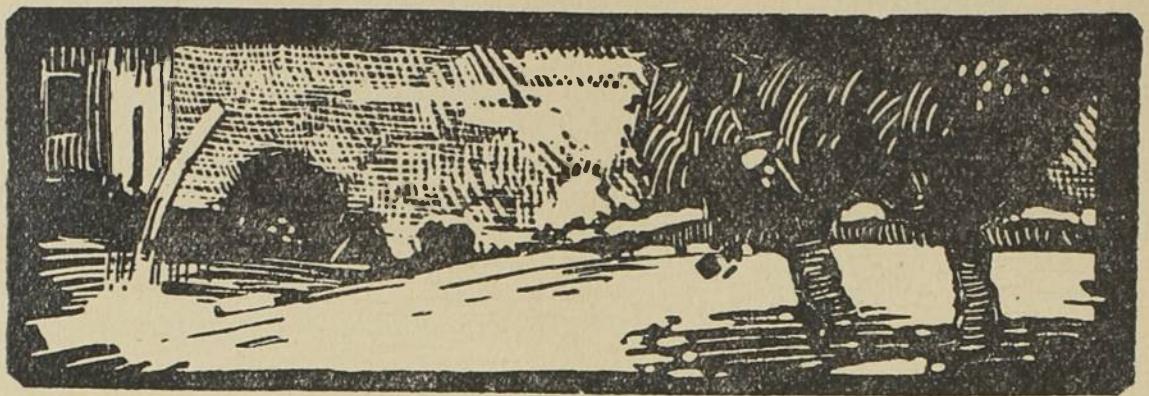
Uma idéa fixa, que vos obceda, que vos não deixa um instante de tregua, que vos despessoalisa, impondo-vos uma vontade que não é a vossa — não é isto uma desventura?

Quem diria que a desdita me viria do simples desejo de ser desditsoso? Pois assim é. A' força de desejar ser infeliz, sem o poder, encontrei o x da equação da infelicidade. Já não me posso dizer, como antes, integralmente feliz... Alegra-te, Fortunato, regosija-te... Eis quasi satisfeito o teu sonho. E's infeliz, és como todo o mundo, és humano, estás, sem duvida, nivelado aos teus semelhantes, e fóra daquelle odiosa e excepcional felicidade, que te isolava no magnifico e unisono concerto das dôres universaes! E doce consolo, dirá algum ironista — foi a tua propria felicidade, ou antes o excesso da tua felicidade, que te fez infeliz!

E, depois disto, ainda haverá quem se torture a procurar a felicidade?...

(Cuyabá, 1923).

JOSE' DE MESQUITA



A MEDICINOPHOBIA DE MOLIÈRE

VI

Considerações finais

Quando Molière chegou á sua casa, acompanhado de Baron, esse collega quiz que elle tomasse um caldo, de que Armanda Bejart tinha sempre provisão. Molière atalhou:

— Não! Os caldos de minha mulher são verdadeiras tizanas para mim, conhecéis os ingredientes que ella mistura nelles. Dá-me antes, um pedaço de queijo parmesão.

Laforest, a solicita criada de Molière, attendeu promptamente ao seu amo, que comeu o queijo com um pouco de pão, e o fez metter na cama. Dentro de poucos momentos pediu o poeta que fossem ter com sua mulher, para que lhe mandasse um pouco de algodão embebido em um oleo que ella possuia, para collocar nos ouvidos e provocar o sonno. E accrescentou:

— Tudo quanto é de uso externo emprego com prazer, mas os remedios que são para beber, mettem-me medo; não é preciso mais nada para me fazer perder o que me resta de vida.

Momentos depois teve um forte accesso de tosse, e depois de haver expectorado, pediu uma vela.

— Eis a mutação! exclamou.

Baron, vendo que Molière deitava sangue, gritou apavorado.

— Não vos assusteis, lhe disse Molière, já me viste deitar muito mais. Todavia dizei a mulher que venha aqui.

Nesse instante supremo, em que as golfadas de sangue o sufocavam, foi Molière assistido por duas religiosas que costuma-

vam ir a Paris pela quaresma, e que elle hospedava, as quaes lhe prodigisaram no derradeiro instante todos os soccorros que se podiam esperar da sua caridade. Seu espirito christão desatou as azas e voou para o seio de Deus, enquanto essas duas irmãs lhe amparavam o corpo em seus braços, de sorte que quando Baron voltou com Armanda Bejart, Molière era já cadaver.

O kalendario marcava o dia 17 de fevereiro de 1673.

Um padre de Santo Eustaquio, chamado Paysant, que Jean Aubry, cunhado de Molière, foi chamar, chegou á casa do poeta quando estava já tudo consummado.

A viuva pediu que o cadaver do marido fosse inhumado no cemiterio da egreja de Santo Eustaquio, que era a sua parochia, mas o cura recusou essa sepultura sob o ridiculo pretexto de que o poeta havia falecido sem se confessar; Armanda dirigiu-se a Harlay, arcebispo de Paris, a quem informou que seu marido havia commungado na ultima Paschoa; não sendo mais feliz dirigiu-se a Luiz XIV, a cujos pés se lançou.

O rei mandou dizer ao arcebispo que consentisse no funeral de Molière, evitando rumor e escandalo, e o arcebispo revogou as suas ordens, sob a condição de que o enterro se fizesse sem ruido e sem pompa.

Finalmente foi Molière sepultado. Muitos annos depois, com as demolições havidas, foram os seus ossos encerrados numa urna marmorea que se encontra no Père Lachaise, bem ao lado da de La Fontaine.

A intolerancia episcopal não tem nenhum valor moral si comparada com esta consolação suprema: um dia o rei Luiz XIV perguntou a Boileau qual era o maior dos escriptores que honravam o seu reinado, e Boileau respondeu convictamente:

— Sire, é Molière.

A critica de Molière aos medicos de seu tempo tinha a sua razão de ser. Sim, nem todos os esculapios europeus, no seculo XVII, possuiam a sabedoria do eminentе hollandez Boerhaave.

O doutor Purgon teve o seu nome votado a um eterno ridiculo, como observam varios autores, e ficou como um symbolo para caracterisar o profissional formalista e ignorante, que liga uma importancia capital ás mais insignificantes prescripções.

Não foi porém sómente Molière que se despiciu com a estultice de certos discípulos de Esculapio. Lesage, no "Gil Blas de Santillana", creou o typo do Doutor Sangrado que só tinha duas panacéas para curar todas as enfermidades: a agua quente e a sangria. Seu nome ficou proverbial para caracterisar os charlatães que preconisam uma só droga especifica, a que emprestam todas as virtudes e maravi-

lhas curativas, e que applicam quasi que para a cura de todas as molestias.

Antes de Molière já eram os medicos satyrisados em peças de theatro. Tratando de *Gil Vicente e a origem do theatro portuguez*, diz Theophilo Braga:

"Entre as obras meudas chegou Gil Vicente a colligir umas trovas satyricas a Philippe Guilhem, que relatam a exploração desta monomania por um aventureiro: "O anno de 1519, veiu a esta corte de Portugal hum Filipe Guilhem, castelhano, que se dizia fôra boticario nel porto de Santa Maria, o qual era grande logico e muito eloquente de muito boa pratica, que entre muitos sabedores o folgavam de ouvir; tinha alguma cousa de mathematico; disse a El rei que lhe queria dar a "Arte de Leste e Oeste", que tinha achada. Para demonstrar desta arte fez muitos instrumentos, entre os quaes foi hum astrolabio de tomar o sol a qualquer hora..."

Chamaram-se os sabios do reino, principalmente Francisco de Mello, que "sabe sciencia a vondo", e pela excellente informaçao que deram, gratificou o monarca o castelhano com uma tença. Vindo á corte um mathematico algarvio, conheceu logo o embuste e antes que o vulgarisasse, Filipe Guilhem fugiu, sendo por denuncia preso em Aldêa Gallega.

Tal é a allusão que se encontra na farça dos *Physicos*. Nesta farça retrata admiravelmente o typo do medico empirico ou matasanos, obedecendo a uma incomprehendida tradição da medicina dos Arabes, misturada com as praticas absurdas e pedantescas da astrologia judiciaria. Nos *Physicos* Gil Vicente assenta a mão firme sobre um assumpto que se tornou uma das mais comicas creações de Molière. A verdade do typo retratado por Gil Vicente comprova-se por este esboço do seu contemporaneo João de Barros, na *Ropica Pneuma*:

"Sómente por causa da medicina ouvi alguns livros de Aristoteles com a primeira e a segunda parte de Avicena; e logo me dei a pratica tomado primeiro esta. Si me achava entre medicos de linguagem falava latim, e entre latinos em grego huns versos de Homero, que trazia decorados; com o que não ousavam de me responder cuidando serem autoridade originaes de Galeno ou Diocorides. E com essa sagacidade, quando nos ajuntavamos vinte e trinta em conselho de huma effimera d'algum princepe, todos a uma voz se hiam com a minha: porque tambem andava eu para isso autorizado com a minha beca de velludo, e par de anneis com suas turquezas ás quedas da mula: e a qualquer proposito allegava com os aphorismos de Hypocras, e 300 de João de Mena.

Isto sómente bastava para ser medico de hum rei, quanto mais

de uma cidade populosa, onde se acham muitas vidas para fazer experiencia e ser bom pratico."

João de Barros traçava este retrato do medico do seculo XVI, escrevendo no tempo da peste de 1531. Gil Vicente, que distrahia a corte dos terrores das pestes frequentes que assaltavam Portugal, tinha pelo seu lado a razão para cobrir de ridiculo o typo pendente do Physico, e a coragem com que o copiava do natural. Com que embofia e entono o physico Torres diz á cabeceira do Clerigo, que está doente por amores :

Mas hade saber quem curar
os passos que dá uma estrella,
e hade sangrar por ella,
e hade saber julgar
as aguas numa panella.
E hade saber proporções
no curso, si é ternario,
si altera, si é binario,
e saber quantas lições
deu Ptolomeu a el-rei Dario.
E quem isto não souber
vá-se beber disso mesmo:
e mestre Nicolau quer
e outros curar a esmo!

Gil Vicente chasqueava dos dois physicos do rei D. Manuel, Thomaz Torres, que foi mestre de D. João III, e regeu a cadeira de Astronomia na Universidade de Lisboa, em 1537, e mestre Nicolau, que em 1515 formava parte do jury que examinou o boticario Diogo Velho.

Esta farça encerra uma pagina vivissima da historia da medicina em Portugal, no seculo XVI.

O outro physico, mestre Fernando, fala assim ao doente :

Dizem os nossos doutores
ouvil-o? Ouvis que vos digo?
"Non est bona purgatio" amigo,
"illa qui incipit cum dolores"

E "illa qui incipit cum taraniram
quia tranlarum est"
ouvil-o? De physico sou eu mestre
mas que de Sulurgião, etc.

O poeta refere-se ao antagonismo estupido que então preponderava entre os cirurgiões e os medicos, que foi na Europa uma das causas do atrazo do ensino scientifico. As phrases latinas intercaladas por Gil Vicente nos discursos dos seus medicos, quasi nos levam á identificação deste genio com esse outro que um seculo mais tarde pintou o mesmo typo, com os traços *Bene, bene respondere.*

E' tempo de terminar. Pelo exposto se vê que não foi Molière o primeiro a exhibir sobre as taboas o typo do doutor enfatuado e ôco; um seculo antes delle já o havia feito o creador do theatro portuguez. E a sua medicinophobia não era tambem impenitente, como a muitos se afigura; basta recordar que, havendo escripto para mais de trinta peças, sómente numas cinco satyrisa elle a medicina e os medicos do seu tempo.

A fama de medicophobo de Molière, como se vê, fica reduzida a bem pequena cousa. A sua creaçao maxima, a que tem atravessado e atravessará os tempos incolume e verdadeira, cada vez mais nitida e radiosa é a do typo da dissimulação, da perversidade, da hypocrisia que elle symbolisou em Tartufo.

Esse typo ficou na literatura e nos costumes por ser de uma frisante verdade, humana e viva. Quanto ao typo do doutor Purgon e seus semelhantes, esses foram com o tempo desapparecendo, porque sobre elles passaram já dois e meio seculos de progresso scientifico nos dominios da medicina.

MUCIO DA PAIXÃO

FIM

Eu sou um menino
Gordo e corado
Devo tudo ao
Biotônico
Fontoura



BIOTÔNICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

I.P.
WESSEL

Biotonico Fontoura

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA,
A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA



AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR:

BIOTONICO elixir

Adultos : 1 colher das de sopa ou meio calice antes do almoço e antes do jantar.

Crianças : 1 colher das de sobremesa ou das de chá, conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos : 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças : 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteudo de uma ampola diariamente em injecção intramuscular.

O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
científica do professor
Dr. HENRIQUE ROXO

Atesto que tenho prescrito a clientes meus o

Biotonico Fontoura

e que tenho tido ensejo de observar que ha, em geral, resultados vantajosos. Particularmente, mais proficuo se me tem afigurado o seu uso quando ha accentuada desnutrição e ocorrem manifestações nervosas, della dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfot Roxo

Professor de molestias nervosas da Faculdade de Medicina do Rio.

O que diz o preclaro Dr.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constantemente em minha clínica o

Biotonico Fontoura
e tal tem sido o resultado que não me posso mais furtar á obrigação de o receber.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clínica
Médica da Faculdade de
Medicina do Rio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Atesto ter empregado com os maiores resultados na clínica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1921.

A. Austregesilo

Professor cathedratico
de clínica neurologica da
Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro.

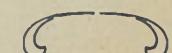
Palavras do eminente
cientista Exmo. Sr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a
doentes meus e sempre que
lhe acho indicação therapeu-
tica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira



Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & Cia. - S. Paulo

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

SOUZA BANDEIRA

Successor de Martins Junior na cadeira n. 13.
Nasceu em Recife, Estado de Pernambuco, a 16
de Dezembro de 1865, e falleceu no Rio de Janeiro a 2 de Agosto de 1917.

BIBLIOGRAPHIA

- 1 *Memoria historica da Faculdade de Direito do Recife* — 1894.
- 2 *Razões finaes, a proposito da demolição do cortiço “Cabeça de porco”.* (Demolição de predios insanaveis e ruinosos) — 31 pags. — Rio, Typ. Leuzinger — 1894.
- 3 *Appellação n. 826* — (Côrte de Appellação) — 18 pags. Rio, Typ. Mont'Alverne — 1895.
- 4 *Acção ordinaria* — (Camara Commercial) — 43 pags. — Rio, Typ. Leuzinger — 1896.
- 5 *Aggravos Commercial* — (Conselho do Tribunal Civil e Criminal) — 19 pags. — Rio, Typ. do Jornal do Commercio — 1896.
- 6 *Aggravos de petição n. 193* — (Supremo Tribunal Federal) — 12 pags. Typ. do Jornal do Commercio — 1897.
- 7 *Estudos e ensaios* — 235 pags. — Rio, H. Garnier — 1904.
- 8 *Reformas* — 104 pags. — Rio, Typ. Ao Luzeiro — 1909.
- 9 *Peregrinações* — 173 pags. — Porto, Liv. Chardron — 1910.
- 10 *Prelecções de Sciencia da Administração e Direito Administrativo* — 151 pags. — Rio, Off. graph. da S. A. Progresso — 1913.
- 11 *Paginas literarias* — 233 pags. — Rio, Liv. Francisco Alves — 1917.

12 *Evocações e Outros estudos* — com uma introdução de Mario Alencar — 222 pags. — Rio, Liv. Castilho — 1920.

Possue trabalhos no "Relatorio do Primeiro Congresso Juridico de 1908". Collaborou na *Revista Brasileira*: O estudo da legislação comparada, *Bibliographia*, tomo 4º, pag. 244 e t. 10º, pag. 189; na *Revista da Academia B. de Letras*: Elogio de Martins Junior, vol. 3º, pag. 167; Discurso em uma solemnidade, vol. 9º, pag. 98; Recepção de Felix Pacheco, vol. 12, pag. 357; *Revista Americana*: Recepção de Felix Pacheco, n.º de Setembro de 1913, pag. 269; *Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes*, de Campinas: Olinda, n. 43 de 1916; *Revista do Brasil*: Ruina da aristocracia rural, n. 7, O Conselho de Estado, n. 12, Figuras mortas, n. 21; *Almanach Garnier* (1906): Prometheu e o tempo (1909, Diante da Ceia de Leonardo (1910), Um pouco de philologia comparada (1914), Afranio Peixoto; *Atlantida*; *O País*.

FONTES PARA O ESTUDO CRÍTICO.

- 1 *Graça Aranha* — Discurso da Revista da Academia B. de Letras, vol. 3º.
- 2 *José Verissimo* — Estudos da litteratura brasileira, vol. VI, pag. 231.
- 3 *João do Rio* — Momento litterario, pag. 274.
- 4 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographic.
- 5 *Medeiros e Albuquerque* — Paginas de critica, pag. 297.
- 6 *João Ribeiro* — Academia Brasileira — *Almanach Garnier* (1907).
- 7 *Mario de Alencar* — Revista do Brasil, vol. VI — n. 22 — pag. 129.
Idem — Introdução a "Evocação e Outros estudos".
- 8 *Amoroso Lima* — Revista do Brasil — vol. V — n. 20 — pag. 427.
- 9 *José Maria Bello* — Ruy Barbosa e outros escriptos, pag. 71.
Idem — Revista do Brasil, n. 28.
Idem — *Revista Americana* — anno VIII — n. 1 — pag. 210.
- 10 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO.

ACUDINDO ao appello do joven jornalista Paulo Barreto, que, para satisfazer a curiosidade dos leitores da *Gazeta de Notícias*, instituiu o inquerito litterario, segundo as normas de Jules Huret, antecipando-me na execução do plano entre nós (1), Souza Bandeira escreveu-lhe a carta inserta no "Momento literario", de João do Rio. Nella expoz o entrevistado a situação do espirito ao penetrar no adyto da Faculdade de Direito, onde se aggregou á denominada escola do Recife, ao lado de Martins Junior, Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando, Graça Aranha, Virgilio Brigido, Anisio de Abreu e tantos outros.

Os condimentos litterarios consistiam em Hugo, Musset e Byron, ideias importadas, e — de producção nacional — em Alvares de Azevedo, Fagundes Varella e Castro Alves. Possuia tinturas dos classicos antigos e abominava os lusitanos, advindo-lhe tal aversão na puericia, incutida pelas selectas para o estudo do idioma patrio.

Em materia de philosophia, abeberava-se na fonte official do ecletismo de Cousin e, concernente á politica ou sciencia social, possuia os arroubos transmittidos por Esquiros e Castellar.

Nos penetraes austeros do templo da Sciencia, despertou-se-lhe o cerebro com as concepções de Comte e Spencer, para abrigar mais tarde o monismo de Hæckel e Hartmann e a synthese criticista de Kant e Schopenhauer, operando-se a marcha regressiva ou a desordem determinada por falta de preparo scientifico fundamental. Para esse retrocesso, talvez influissem a palavra do mestre Tobias Barreto, a iniciação no estudo da lingua tudesca e, de effeito mais remoto, a victoria do exercito germanico sobre as hostes de Napoleão III, em Sédan.

Posteriormente recebeu o influxo de Taine e Renan, devorou a obra de Zola e dos naturalistas franceses e russos, e volveu ao passado, para consolidar a cultura classica, com a leitura dos mais afamados escriptores gregos, latinos, franceses, italianos, ingleses, allemaes e portuguezes, limitando-se aos primazes, aos representativos.

João Carneiro de Souza Bandeira nasceu em Recife a 16 de Dezembro de 1865. Na cidade natal recebeu educação primaria, secundaria e superior.

Na vida practica desempenhou mais de uma vez o cargo de secretario do governo provincial, dedicou-se ao funcionalismo publico, á profissão de advogado, exerceu as funções de procurador dos feitos da fazenda nacional, era membro do Instituto da Ordem dos Advogados e foi eleito, em 1905, sucessor de Martins Junior, na cadeira de Francisco Octaviano, sendo recebido em sessão solemne, por Graça Aranha, em 10 de Agosto do mesmo anno, tendo Osorio Duque Estrada como concorrente.

Exerceu o cargo de professor de direito administrativo na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes, do Rio.

A sua actividade repartiu-se entre a profissão de advogado, o magisterio, a cultura do direito e os estudos philosophicos e litterarios.

Do advogado não me cabe aqui tratar. Basta-me dizer que exerceu a sua profissão com brilho, entusiasmo e sobretudo com honestidade, como o provam as razões forenses e o testemunho dos seus amigos e collegas. Distinguiu-se o advogado, quer na defesa dos direitos dos constituintes privados, quer no patrocinio do interesse publico a elle confiado. Como ju-

(1) Antes do escriptor João do Rio, formulei na revista "União Academica". o plano de um inquerito litterario semelhante.

rista, tomou parte em varios congressos scientificos, inclusive no pan-americano, e consagrou-se ao estudo elevado da parte philosophica das sciencias juridicas e sociaes, escrevendo varios ensaios sobre os assumptos predilectos. Ainda nesta feição, salientou-se como professor, segundo as referencias de Mario de Alencar, seu discípulo e amigo, e o attestado das "Prelecções" compiladas e reunidas por dous outros alumnos.

O escriptor é, essencialmente, um critico impressionista, dotado de cultura philosophica, historica e litteraria. Deram-lhe, com impropriedade, os fóros de philosopho; mas deve-se-lhe applicar o conceito de Socrates sobre a *maieutica*. Reflecte a maioria dos philosophos do nosso paiz que se não entregam ao trabalho de proceder á maieutica; "accumula leituras sobre leituras, expõe-n'as numa enorme ostentação de erudição, mas não deixa gravado em seus trabalhos o cunho da sua individualidade", segundo as proprias expressões no artigo sobre a "A philosophia positiva no Brasil", de Clovis Bevílaqua.

Os livros que definem Souza Bandeira como homem de letras, são "Estudos e ensaios", "Reformas", "Peregrinações", "Paginas litterarias" e "Evocações e Outros estudos".

No primeiro colligi artigos da phase academica (1880-84); "Ligeiras ideias sobre o monismo" (1882); "A philosophia positiva no Brasil" (1883), além de outros escriptos, pouco depois de formado, ou posteriormente. Nos ligeiros ensaios mencionados, como no estudo sobre Schopenhauer, revelou apenas intelligencia, inclinação por themes de philosophia e capacidade de leitura. Não dispunha, porém, da base indispensável para critica tão elevada e de magna dificuldade.

Os artigos subsequentes, subordinados a assumptos de menor complexidade, revelam as qualidades do critico dotado de erudição e com accentuada faculdade de discernimento. Sobrio nos conceitos, methodico na exposição do modo de pensar, adstricto a ideias conservadoras e ao culto da tradição, conciso, logico e extremamente delicado.

Destacam-se, entre elles, as apreciações sobre Tobias Barreto e "A marinha de outr'ora", do Visconde de Ouro Preto; o ensaio "O advogado na litteratura e na vida real" e a critica do "Missionario", romance de Inglez de Souza.

Em "Reformas" sustentou, sob falsos fundamentos, a necessidade de se operar a revisão constitucional. Não contesto a oportunidade para semelhante revisão; discordo apenas dos motivos apresentados. Em materia de eleições, é partidário do censo alto e aborda muitas outras questões interessantes de direito publico, sobre os poderes executivo e judiciario, inclusive sobre a promulgação do código civil, sempre guiado por principios conservadores e fiel á influencia da tradição.

"Peregrinações" não constituem propriamente um livro de viagens; são antes evocações do passado intellectual do autor, emoções sugeridas pela contemplação de monumentos artisticos, paisagens e aspectos varios já adquiridos em leituras e gravados nas cellulas cerebraes. Produzem o efecto da representação real dos sonhos e chimeras que deliciaram o espirito do autor, muitos annos antes, quando lia as obras primas da literatura europea, a descrição dos costumes e do carácter de povos longinquos, o movimento social atravez da historia e tantas outras noções adquiridas na faina da cultura intellectual ou nas lides afanosas de quem pensa, estuda e escreve.

Causa-nos impressão deliciosa, mixto de saudade e aancia de viajar, a leitura das paginas evocativas escriptas por Souza Bandeira, após a excursão que emprehendeu, por varios paizes da Europa.

Para demonstrar o artificialismo da indole philosophica que affectou o critico, na primeira phase da sua carreira de escriptor, destaco a circumstancia de haver perdido semelhante feitio nos livros posteriores. Foram a influencia de Tobias Barreto e o entusiasmo juvenil, os fatores de sua feição primitiva. Segregado do convivio academico e immerso em ambiente de mais severas responsabilidades, evolou-se-lhe a presumpção e permaneceu a preferencia de Souza Bandeira pela critica impressionista. E' o que se deprehende da leitura das "Paginas litterarias", consoante o titulo do livro, embora alberguem ainda reminiscencias dos tempos idos, a propósito dos "Problemas de philosophia biologica", de Araujo Jorge, e d'"O centenario de Kant". Volvem nesses artigos os mesmos conceitos sobre o monismo, ácerca de Schopenhauer, com o cortejo do dialecto philosophico dos *transformistas* e *monistas*.

E', porém, apreciavel a concisão da critica contida em "Paginas litterarias", bem como o modo preciso porque o autor analysa a obra alheia.

Além dos artigos de critica sobre livros nacionaes, ha outros referentes a assumptos estranhos ao nosso meio e tres discursos pronunciados na Academia de Letras.

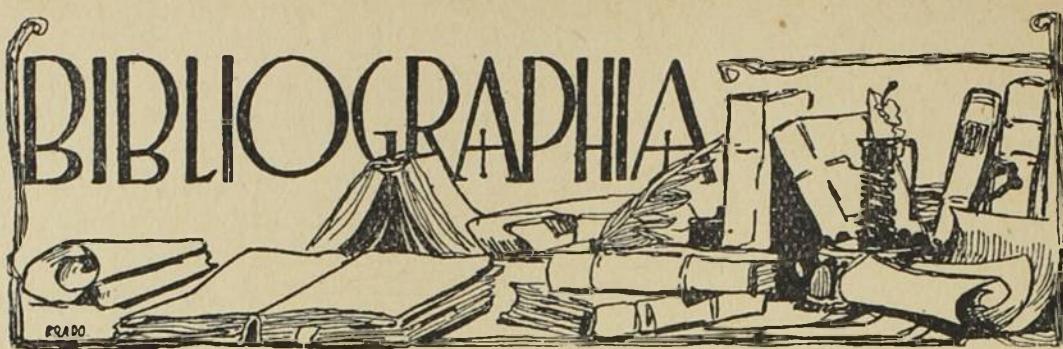
A Mario de Alencar se deve a publicação da obra postuma, "Evocações e Outros escriptos", cuja primeira parte foi inspirada em "Minha formação", de Joaquim Nabuco. A primeira parte encerra paginas de saudade e de affecto, quando traça os perfis dos progenitores e recorda a infancia em Pernambuco. O plano do livro era seductor, mas não foi infelizmente realizado.

O trecho de sua obra, porém, que melhor impressão me causou, foi o discurso de recepção na Academia; assim como o estudo mais completo sobre a sua individualidade é incontestavelmente o que lhe consagrou o amigo Mario de Alencar, cuja individualidade se ostenta e palpita nos periodos da "Introducção" ao livro postumo, a relembrar com saudade a figura sympathica do amigo, do homem de caracter, do escriptor honesto e do companheiro que fazia as delicias dos interlocutores, em palestras encantadoras e eruditas, como as que entretinha com os seus confrades, na ultima phase da *Revista Brasileira* e, antes, na bohemia com Bilac, Coelho Netto, Guimarães Passos e outros.

Souza Bandeira falleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 2 de Agosto de 1917, com a idade de 52 annos incompletos.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A infancia, segundo as "Evocações" — A formação do espirito — A escola do Recife — Os primeiros artigos — No Ceará e no Pará — A bohemia no Rio — A Revista Brasileira — Estudos e ensaios — O advogado e o jurisconsulto — Reformas — Peregrinações — O professor — O critico — O homem — Livro postumo.



LOS POSTULANTES, Alberto M. Candiotti. — Editora Internacional, Berlim — Buenos Aires, 1923.

Este livro é dedicado aos candidatos a empregos e cargos administrativos e políticos. É um livro prático, cheio de conselhos e rico de sugestões. Pena é que em nossa língua não haja nada a propósito desse assunto. Há algumas obras francesas e norte-americanas que tratam dos meios de arranjar empregos; mas todas elas são muito pouco aproveitáveis para nós, pelas condições especiais da nossa vida. "Los postulantes", entretanto, vêm a calhar para as nossas necessidades, dada a semelhança de índole entre nós e o povo para quem foram escritos.

"Na escala ascendente das dignidades, esta espécie de candidatos começa pelos que aspiram a ser funcionários públicos. Estes candidatos são numerosos em todos os países, devido ao mal burocrático dos Estados modernos, que criou uma ruinosa empregomania administrativa. Este mal faz maiores estragos nos povos latinos. Nestes países, a mocidade despreza os trabalhos do campo, da indústria e do comércio e se esforça por conquistar empregos de Estado." De facto, essa mocidade considera, como observa o autor, mais distinto, mais decente o ser escrevente de um ministério que ser empregado de uma casa de comércio, ganhando três vezes mais. A empregomania é uma mentalidade latina, principalmente sul-americana, e muito particularmente brasileira; se assim é, deve corresponder-lhe uma literatura. O livro do sr. Candiotti é excelente, e a sua leitura se torna agradável pela porção de anedotas e observações de que está enriquecido.

PROSAS RUSTICAS, J. Cândido Freire. — Off. Graph. Monteiro Lobato & Comp. — S. Paulo, 1923.

O grosso da produção literária do país não consta de romances e novelas e sim de artigos esparsos de jornais, tratando de variado assunto e às vezes com largos anos de intervalo entre um capítulo e outro. Essa voga nasceu em França, e um dos primeiros livros desse gênero foram — os "Souvenirs d'art et de critique", de Th. Gauthier; mas os autores tinham então o cuidado de dar à obra uma tal ou qual unidade, reunindo num volume a matéria que versasse sobre assuntos da mesma natureza. Os livros desse gênero que se publicam no país são verdadeiras colchas de retalhos. O sr. Cândido Freire, enfeixando em volume a sua literatura, fez uma colcha de retalhos; mas, mais modesto que os outros, confessou-o no prefácio. É um livro para moças, cheio de sentimentalidade à velha maneira romântica, mas interessante, muito interessante mesmo.

POEMAS E CANÇÕES, versos de Vicente de Carvalho, 5.^a edição, Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1923.

Dentre os nossos poetas contemporâneos nenhum por certo é mais lido que o sr. Vicente de Carvalho. Os que não creem nesta afirmação bastam advertir que nenhum dos grandes poetas logrou ainda ver a melhor das suas obras alcançar a quinta edição. E' que todos elles, preocupados com o aplauso do iniciado, não fazem senão arte e estylo, e o proprio sentimento, que lhes insufla a obra por vezes, antolha-se-nos diluido em riquezas verbaes, em artificialidade em summa. O sr. Vioente de Carvalho é verdadeiramente um poeta, que se poz ao nível do sentimento humano. Em suas poesias ha esse sopro de inspiração que lhes dá um cunho de perpetuidade.

Os admiradores deste poeta, que são cada vez mais numerosos, estavam privados de ler os seus versos, porque ha muito tempo desapareceram das livrarias os "Poemas e Canções"; graças, porém, á casa editora Monteiro Lobato & Comp., já se acha á venda esse precioso livro, numa nitida e elegante edição, da qual ha uma parte, ricamente encadernada em madeira, propria para presentes.

SELVA SELVAGEM — Pinto Pessoa. — Emp. Ed. "O Norte", Rio, 1923.

O mundo amazonico ha de ser sempre uma tentação para os scientistas e os homens de letras. A terra immensa, barbara e hostil, que repelle o homem e o esmaga, impressiona sempre a imaginação do investigador e do artista, e vem d'ahi a bibliotheca que já existe sobre a Amazonia. Bates, Euclides, quantos a perlustraram e em obras deixaram a estampa do mixto de assombro e decepção que a zona lhes deixou!

Pinto Pessoa é engenheiro, mas viu os aspectos e os homens das zonas percorridas como pintor impressionista e vae contando-as pelo livro em fóra numa serie de quadros onde alterna a descripção da paisagem com as scenas e dramas da vida. Fez assim um livro de alto interesse, que se lê de um folego e do qual se sae com uma sensação indefinivel de vago horror por tanta bruteza, e com a convicção de que ainda não será neste seculo que a Amazonia "será". Muitos decennios se passarão ainda antes que o homem domine a Selva Selvagem e implante alli uma verdadeira civilização. A lucta está começada apenas.

THEATRO PEQUENO — José Collaço. — Rio — 1922.

O autor reune em folheto duas peças em um acto, *A Trachéotomia* e *O Segredo de Bias*, duas excellentes peças reveladoras de um verdadeiro escritor theatrical com todas as qualidades. Seu dialogar é vivo, incisivo e natural e o interesse da composição vae num crescendo até ao desfecho tragico, logico porem imprevisto. Para amostra da verdade do seu estylo aqui pomos uma fala de D. Carolina ao telephone: "Allô!... Quem fala?... O doutor Mario está?... Ah... Boa noite, doutor! Quem está falando aqui é a senhora do dr. David de Souza... Bem, obrigado... Doutor, o David teve agora um chamado urgente ahi para a sua rua mesmo e não pode sair porque está um pouco adoentado. Poderia fazer-nos o obsequio de ir em seu lugar?... Sim... Sim... Vou mandar o portador... Muito agradecida... Recomendações a sua senhora... Boa noite... Obrigada".

Em summa, o autor faz theatro que pode subir á scena e que tanto impressionará representado como lido. E', pois, um theatrista authentico.

A CURA DA FEALDADE, Renato Kehl, Editores Monteiro Lobato & Comp., São Paulo, 1923.

O dr. Renato Kehl rompeu com a tradição que os medicos brasileiros avaramente guardam sempre, e que é de não transmittir a ninguem, por meio do livro e para proveito dos estudiosos, o seu saber accumulado através de longos annos de observação e de clinica. Tendo-se elle dedicado ao estudo do problema da engenía, que é, porventura, o mais serio de quantos ha na actualidade, encarou-o sob todos os seus aspectos, e tratou de, por meio de artigos de jornal e de livros, pol-o ao alcance de todos, fazendo uma campanha verdadeiramente brilhante. A sua obra sobre essa importante materia já é volumosa, e, além do merito de ser a unica que existe em nossa lingua, é preciosissima pela sua segurança de vistas, pela sua alta competencia e pelo encanto seductor do seu estylo.

O dr. Renato Kehl é o fundador da "Sociedade Eugenica de S. Paulo". A proposito da "Cura da Fealdade", o illustre dr. Belisario Penna escreveu um longo artigo, do qual extrahimos estes trechos, em que se resume a sua autorisada opinião:

"A Cura da Fealdade" é um livro que figurará com igual propriedade e necessidade na estante do medico, do advogado, do engenheiro, do leigo, do pai e da mãi de familia, do industrial, do fazendeiro, e mais que tudo, deve ser constantemente manuseado pelos moços de ambos os sexos, para que pratiquem os valiosos ensinamentos que nelle se encontram para a defesa e aperfeiçoamento da especie.

E' um tabalho valioso de consulta diaria sobre todos os assumptos attinentes á saude, á plastica, á puericultura, á educação physica, á preservação da saude em todas as idades, ás regras do casamento para a constituição de um lar feliz, onde reinem a saude e a alegria.

O notavel trabalho do dr. Renato Kehl está dividido em tres partes. Na primeira, desenvolvida em 15 capitulos, elle estuda "o homem e a mulher normaes"; na segunda, elle indica a prophylaxia da fealdade, em nove capitulos, e na terceira ensina em seis capitulos, qual mais interessante e instructivo, como se cura a fealdade.

Esse livro não indica somente a prophylaxia e cura da fealdade physica, mas igualmente da fealdade moral e psychica.

Elle constitue uma preciosa encylopedia dos conhecimentos indispensaveis a todo aquelle que ama o bello e a saude, que deseja viver alegre e prospero, que estremece a patria e se esforça para vel-a povoada por gente robusta, operosa e moralisada."

Recebemos ainda as seguintes obras sobre as quaes oportunamente falaremos:

Poemas Heroicos, por Juan Manuel Cotta. Editor Arnaldo Moen, Buenos Aires, 1923.

Mientras ruge el huracan, por Elvira Aldao de Diaz. Editor Balder Moen, Buenos Aires, 1923.

Nuevas Chacayaleras, por Miguel A. Camino, Talleres Gráficos de S. Merovich, Buenos Aires.

- Poemas do deserto*, por Euclides Lara. Casa Mayençá, S. Paulo, 1923.
- Mimosa pudica*, versos de Republicano Brasil. Edição d'“O Regional”, Caçapava, S. Paulo, 1923.
- Brumas*, narraciones de Lorenzo Stanchina. Buenos Aires, Modesto H. Alvarez & Comp., Libreros-editores, 1923.
- Margaridas*, versos de Honorio Guimarães, Typ. Brasil, Juiz de Fóra, 1923.
- Jasmin del país*, versos de Julio Diaz Usandiversa. Talleres Gráficos Ruiz Hermanos, Buenos Aires, 1923.
- Oliveira Martins e Eça de Queiros*, por José Osorio de Almeida. Edições Luzitania, 2.^a edição, Lisboa, 1923.
- Amar... e amar depois*, poema por A. J. Veiga dos Santos. A. Campos editor, S. Paulo, 1923.
- O melhor meio de divulgar o ensino primario no país*, por Eunice Caldas, directora geral do Esmeraldino Primeiro. S. Paulo, 1923.
- El camino, arte y literatura*, Montevideo.
- Relatorio apresentado ao Ministro de Agricultura, Industria e Commercio* pelo dr. José Luiz de Bulhões Carvalho, director geral de Estatistica. Rio de Janeiro, 1923.
- Recensamento do Brasil*, realizado em 1 de Setembro de 1920, custo dos inqueritos demographico e economico. Directoria Geral de Estatistica, Rio de Janeiro, 1923.
- Fio d'agua...* versos por Arnaldo Barbosa, Rio, 1923.
- A minha defesa*, pelo Capitão Genserico de Vasconcellos, Réplica ao tenente-coronel Beverino, do exercito argentino. Rio de Janeiro, 1923.
- O meu livro de magua e de ternura*, versos de Assis Garrido. Maranhão, 1823.
- Aguas passadas*, versos de Enéas Alves. Recife, Pernambuco, 1923.
- A Cruz de fogo*, esboço de um programma americano, por Manuel Bernández. Livraria Leite Ribeiro, Rio de Janeiro.

RESENHA DO. MEZ



SEÁRA DE APOLLO

VICENTE DE CARVALHO

(Para o livro "S. PAULO E SEUS HOMENS no CENTENARIO", em via de impressão.)

Questionando-se de letras, é de boa prática começar pela Poesia; e, falando da Poesia, dizer logo de Vicente de Carvalho, o mais idoso dos poetas vivos em terra paulista e, no consenso geral da crítica e também no nosso, um dos maiores da língua portugueza. O seu trabalho culminante são os "Poemas e Canções", edição de 1908, de que faz parte "Rosa, rosa de amor...", poemeto que, primitivamente vulgarizado pela estampa, em 1902, numa tiragem á parte, assinalou um período na poesia lírica do Brasil.

Vicente de Carvalho nasceu, cresceu e por tempo dilatado, viveu em Santos, onde furtou ao Mar a harmonia melancolica do seu murmúrio. O decano dos nossos poetas tem, por isso mesmo, uma singular feição entre os vultos mais consideraveis do parnaso nacional: é o poeta do Mar. A vastidão da massa líquida, a tristeza irreprimida do prisioneiro immenso, vadada na revolta das ondas que se quebram nos penedos, a rête alvinitente das espumas, as planicies de areia lambidas por oceanos largos, o fogo fatuo das ardentias, tudo o que o Mar exprime, desde o estrupido, que é de luta millenaria, até aos soluços, que são de dôr e de saudade, tudo como que se infiltrou na alma do poeta,

para que fosse elle, em paragens nossas,
o enamorado eterno da sua grandeza, o
musicador dos seus cantos, o symbolista
das suas revoltas e ternuras, o confiden-
te das suas maguas, o interprete da sua
angustia, o illuminado herdeiro dos seus
acordes...

Nenhum genero poetico põe em mais alto relevo a verdadeira poesia, nenhum dá melhor idéa de um temperamento privilegiado, que o lyrismo. A poesia é commoção, commoção é sentimento, e o amor, com ser a synthese de todo o sentimento, é a mais elevada, a mais violenta, a mais egoistica das paixões humanas. O lyrismo é, nesse caso, o melhor aferidor das organisações poeticas; pôde até asseverar-se que a razão primacial da poesia é o lyrismo, e que os demais generos servidos pelo metro e pela rima são derivações secundarias, impostas pela lei da variedade esthetica, com muito mais de technica e, por isso mesmo, com muito mais de artificio e muito menos de sentimento. Por outras palavras: em circumstancias diversas, isto é, em manifestações versificadas de outra ordem pôde-se, com maior ou menor esforço, com mais ou menos brilho, com tal ou qual gráu de calor, pôde fazer-se uma estrophe, compôr-se um soneto,

acabar-se um descriptivo na medida do agrado geral, desde que não falte ao autor os necessarios recursos da lingua, os indispensaveis conhecimentos do assumpto e os valiosos elementos da technica. Ao cabo de algum esforço e muita lima, não será facil a qualquer leitor menos experiente descobrir, para logo, os "andaimes do edificio", differençando o trabalho de puro arranjo do de verdadeira espontaneidade, ou seja o artista do simples artesano, isto é, o que concebe pela inspiração do que executa pelos conhecimentos adquiridos. No lyrismo, não; porque este, sendo sentimento puro, não se cria nem se inventa; brota inesperadamente do homem, como a lympha da terra, e, ainda como a lympha, muda ás vezes o seu curso, desapparece aqui para surgir noutra parte, ou para não mais repontar a sentidos humanos, occultado para estes, mysteriosamente, nos recessos do coração, como aquella nas camadas não sabidas do sub-solo... O lyrismo requer no homem, além do mais, uma certa dose de ingenuidade fundamental, que raros espiritos possuem. E quando essa virtude, por uma boa somma de cultura e imaginação, consegue explorar-se sem os exageros do pieguismo enfadonho, alargando, ao envés, os surtos das suas tendencias, não é temeridade arriscar a afirmativa de que a poesia, polarizando milagrosamente todos os gostos, segue rumo da posterioridade.

Vicente de Carvalho está bem neste caso. A sua inspiração tem largos vôos, dentro dos moldes em que se notabilisou; e, sem perder a delicadeza e docura que caracterisam a poesia do amor, nem as minucias mais simples que a paixão regista e considera, não desce elle a futilidades sovadas, que são o caminho batido de todos os rimadores vulgares. Na simplicidade dos seus versos, ainda nos mais correntios, arde sempre o fogo sagrado e ha sempre ternura e graça. Como soe acontecer com todos os grandes poetas e prosadores, a sua linguagem não tem rebuscamientos, é quasi aquella mesma de que todos se servem para as cousas prosaicas da vida ordinaria, sómente illuminada e vivida pelo estro e, quasi sempre, pela propriedade. Quer isto dizer que o autor dos "Poemas e canções" não usa daquelle artificio com que os apoucados de vocação denunciam, a

cada passo, a mingua dos seus dotes literarios. Mas, com toda a singeleza que o distingue, não lhe falta aos versos a eloquencia com que nos arrebata e encanta. "Palavras ao mar" são um attestado disto; mas, não só disto: são tambem do que já affirmámos em relação á sua caracteristica, á sua paixão pela immensidate das aguas revoltas:

"Mar, bello mar selvagem
Das nossas praias solitarias! Tigre
A que as brisas da terra o somno embalam,
A que o vento do largo erriça o pello!
Junto da espuma com que as praias bordas,
Pelo marulho acalentada, á sombra
Das palmeiras que arfando se debruçam
Na beirada das ondas — a minha alma
Abriu-se para a vida como se abre
A flôr da murta para o sol do estio".

E' assim que principia a sua invocação ao inspirador de um sem numero dos seus versos; é assim que abre uma das mais bellas poesias do nosso idioma. Ella deixa ver, bem claramente visto, que a rima é adorno que se dispensa, cuja falta se não chega a sentir, quando a correção, a clareza, a propriedade, a docura, a eloquencia e a inspiração se casam em assumpto que é, por si mesmo, um mundo que tumultua e canta:

"Ah, se o olhar descobrisse
Quanto esse lençol de aguas e de espumas
Cobre, occulta, amortalha!... A alma dos
[homens

Apiedada entendera os teus rugidos,
Os teus gritos de colera insubmissa,
Os bramidos de angustia e de revolta
De tanto brilho condemnado á sombra,
De tanta vida condemnada á morte!"

Nestas estrophes, de uma extraordinaria belleza, de uma poderosa força de expressão verbal e de uma grandiloquencia sem par, pôde seguramente aquilatar-se do poder evocativo do poeta, da luminosa amplitude do lyrico, e da grandeza suggestiva do marinista eximio.

Em outras muitas composições do livro volta-se ainda o bardo illustre para o acorrentado *Tigre* das suas cogitações poeticas:

Ao pôr do sol, pela tristeza
Da meia luz crepuscular,

Tem a toada de uma reza
A voz do mar.

Toda se abranda a vaga hirsuta,
Toda se humilha, a murmurar...
Que pede ao céu que não a escuta
A voz do mar?

Sonha a mudez: brutal e impuro,
Tenta despir o seio duro
Branco de espuma, ebrio de amor
E virginal da terra em flôr.

São taes versos da serie "Sugestões do crepusculo"; e estes outros da "Ternura do Mar":

Quando a aurora romper no céu despo-
[voado,
Thesouros a teus pés estenderei, de ras-
[tros...
Ser amante do mar vale mais, sonho
[amado,
Que ser dona dos astros.
Deliciando-te o olhar, afagando-te a vista,
Todo me tingirei de mil cores cambiantes,
E abrir-se-á do meu seio a brancura im-
[prevista
Das ondas arquejantes.

Levar-te-ei de onda em onda, a vagar de
[ilha em ilha,
Tranquillas solidões, ermas como atalaias,
Onde o marulho canta e a salsugem pol-
[vilha
A alva mudez das praias.

Farte-ei ver o paiz, nunca visto, da
[sombra,
Onde cascos de naus arrombadas, a espaços,
Dormem o ultimo sonno estendidos na
[alfombra
De algas e de sargaços.

Essa estranha região nunca vista has de
[vel-a,
Onde, numa bizarra exuberancia, a flora
Rebenta pelo chão perolas cór de estrella
E conchas cór de aurora;
Onde o humilde infusorio aspira ás ma-
[ravilhas
Da gloria, sonha o sol, e, dos grotões
[mais fundos

De meu seio, levanta a pouco e pouco
[as ilhas,
Archipelagos, mundos...

São palavras do Mar dirigidas á Lua, de que sómente trasladamos algumas estrofes, por mostrar a influencia bemfazeja do pégo immenso na alma do poeta.

Nas simples poesias amorosas, em que o assumpto é tão outro, o Mar apparece, ainda assim, como objecto de predilecta comparação do grande lyrico:

Ninguem sabe o que supporta
O mar que chora na areia
Por essa tristeza morta
Das noites de lua cheia:

Em baixo, o pranto das aguas,
Em cima, a lúa serena...
E eu, pensando em minhas maguas
Ouço o mar, e tenho pena.

"Rosa, rosa dc amor...", essa historia admiravel de uma paixão, em que, acima do amor, brilha a graça, encanta a leveza, sussurra a musica das fontes, essa hissia meiguice, se sonorism ninhos, essa historia mesma, abre com o pensamento do poeta voltado para o Mar, e para as coussas do Mar:

Olhos encantados, olhos cór do mar,
Olhos pensativos que fazeis sonhar!

Que formosas coussas, quantas maravilhas
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo:
Córtex pitorescos de afastadas ilhas,
Abanando no ar seus coqueiraes em flôr,
Solidões tranquillas feitas para o beijo,
Ninhos verdejantes feitos para o amor...

Afla a brisa, cheia de ternura ousada,
Esfrolando as ondas, provocando nellas
Bruscos arrepios de mulher beijada...

Ou então:

Uma vela branca, toda alvor, se afasta
Balançando na onda, palpitando ao vento:
Eil-a que mergulha pela noite vasta,
Pela vasta noite feita de luar;
Eil-a que mergulha pelo firmamento
Desdoblado ao longe nos confins do mar...

E depois:

Branca vela errante, branca vela errante,
Como a noite é clara! Como o céu é
[lindo!
Leva-me comigo pelo mar... Adiante!
Leva-me comigo até mais longe, a essa
Fimbra do horizonte onde te vais sumindo
E onde acaba o mar e de onde o céu
[começa...

A seguir, na "Primeira sombra":

A tua voz chamou-me; eu escutei-a
E segui-a, ditosa, a sorrir e a sonhar...
Fala-me ainda de amor! Não te cales,
[sereia,
Que me attrahiste para o azul do mar!

Ou, como no "Cahir das folhas":

"Deixa-me, deixa-me, fonte!"
Dizia a flôr a chorar:
"Eu fui nascida no monte...
Não me leve para o mar".

Sem falarmos em outras passagens do livro, poderíamos, só no trecho "*O dia seguinte do amor*", do mesmo poema, multiplicar as citações de versos em que o oceano entra, ora calmo como o cicio dos favonios, ora encapelado e temeroso como o *Tigre a que as brisas da terra o somno embalam*. Vicente de Carvalho de tal modo se affeiçou ao principal motivo da sua inspiração, que difficilmente o deixa de invocar, seja no mais gigantesco dos seus remígios, seja no mais recondito e no mais terno dos seus idílios. Não lhe é mais possível fugir á tormentosa visão do seu estro. O seu espirito conserva, como a concha, para o mysterio da belleza, o perpétuo murmurar das ondas.

Com ser o Mar, dentro da Natureza, um mixto de revolta e carícia, de orgulho e vassallagem, de tristeza e alegria, de sonho e realidade, de berço e tumulo, porque tem bramidos para os rochedos, beijos para as praias, insubmissão para o homem, rendilhados de espumas para as areias, escrinio para as perolas, insondáveis abysmos para os rôtos cascos de naus; com ser o Mar das mais uteis e tem rosas criações do supremo timoneiro do Universo, por isso que embala na rede de suas ondas, supplantando na força de suas correntezas,

edifica e destroe, separa os povos e liga os continentes, com ser tudo isto e muito mais que isto, raros são os poetas que o cantam com a mesma continuidade e o mesmo amor, que o tomam, com essa quasi obcecação mystica, para fonte de suas inspirações; e quando o cantam, e quando o fazem alvo dos seus primores, constitue isso um mero incidente na orquestração das suas melodias. Vicente de Carvalho, portanto, se, por outras razões de ordem mais elevada ainda, já não tivesse no temp'o da letras paulistas um altar da mais conspicua significação, por esse facto só, pela segurança e felicidade com que vezes muitas vasou o thema do seu agrado e do seu culto, a elle teria direito irrecusavel. Mas o que lh'o deu, sem que elle o namorasse ou pedisse, foi, sem embargo das suas marinhas, ricas na perspectiva do metro e no claro-escuro das rimas, foi o seu lyrismo propriamente dito, e, do seu lyrismo, o "*Rosa, rosa de amor...*":

Sou como a corça ferida
Que vai, sedenta e arquejante,
Gastando uns restos de vida
Em busca da agua distante.

Bem sei que já me não ama,
E sigo, amorosa e afflita,
Essa voz que não me chama
Esse o'har que não me fita.

Bem reconheço a loucura
Deste amor abandonado,
Que se abre em flôr, e procura
Viver de um sonho acabado;

E é como a corça ferida
Que vai, sedenta e arquejante,
Gastando uns restos de vida
Em busca da agua distante:

Só, perdido no deserto,
Segue empós do seu carinho;
Vai-se arrastando... e vai certo
Que morre pelo caminho.

Não é preciso mais, para dar por certo que, daqui a cem annos, no segundo centenario da nossa separação politica do reino portuguez, este poeta será citado como dos poucos que, entre nós, não viram frustradas as suas tentativas na poe-

sia do coração. Ninguem explicou, ninguem poude ainda explicar bem claro o mysterio da commoção. Mas não perdemos muito com isso, porque todos a percebemos e sentimos, flagrantemente, nos ultimos versos reproduzidos. E é o quanto basta. O mais fica para os pretensos exegetas do sentimento.

Poesia é isto; isto é que é das mais altas expressões da ternura, da graça, do enlevo e da suavidade. Não importa saber o esforço do poeta para compor esses versos; o que importa é não ser esse esforço, se o houve, percebido. Na composição poetica o autor exerce, simultaneamente, duas funcções distinctas: a de artista, quando concebe a idéa, e a de artesano, quando a executa. Neste caso — e não se tratasse de composição lyrical — sente-se que a imaginação brotou espontanea e correntia na obscuridade da officina e no calor da forja, o operario a fundiu com sabedoria e primor. Feita a obra, ninguem mais cogita do barro que lhe deu inicio, da modelagem e do gesso, das emendas, da forma e da cera perdida; o de que se trata são as linhas, são os valores, são os contrastes, são os adornos e mais o estylo, a harmonia e a belleza do conjunto. Falando-se de poesia, a preocupação do metro, do rythmo, da natureza da rima, da disposição das estrophes, das homófonias e alliterações, de tantas cousas mais, é, indubitavelmente, um elemento de perfeição e graça. Mas, com todos estes requintes de technica teria o poeta naufragado, se dentro daqueles versos não houvesse a força poderosa e communicativa da inspiração. A technica, ou seja a maneira de exteriorizar o pensamento, é uma função mecanica e, consequintemente, material. A arte, rigorosamente falando, está na concepção. A concepção demanda talento, que vem com o sopro da vida; a execução requer apenas habilidade, que se adquire com esforço e em qualquer tempo. Mas, por isso que a estructura do verso toma logar de ordem secundaria relativamente á sua idealisação, não lhe perdoamos as imperfeições, a mais leve imperfeição. Não é justo que, onde haja o mais, falte o menos; não se concebe que, havendo alguem nascido artista de talento, não se faça, quando o queira, operario consciente e habilidoso para a execução primorosa de suas proprias imagens. Quan-

do um verso defeituoso lhe sae da penha, á guisa de fixador de sua idéa, e o poeta o não refaz por achal-o excellente como imagem, esse poeta descrê do seu proprio talento, supondo não poder fazer nada melhor. Tente-o, e verá, se o talento de facto lhe não mingua, que ha de conseguir o certo, sem que se perca a belleza. O talento é o triumphador milagroso de todos os obices, como a idéa e a forma, numa alliança indestructivel, são os dois elementos maximos da belleza eterna.

Vicente de Carvalho, que concebe e constroe com quasi igual capacidade, é um poeta de largo folego, possuindo até tiradas épicas, como no "Fugindo ao captiveiro", poema que, no seu conjunto ou aspecto, mais reflecte a maneira dos grandes vultos que o antecederam na Poesia, que a dos que começaram a viver com elle. Talvez por isso não tenha Vicente cultivado o soneto em larga escala, fugindo á moda tão seguida por seus grandes contemporaneos Raymundo, Bilac, Alberto de Oliveira, Augusto de Lima, Luiz Delphino e outros, a cujo exemplo de pureza de linguagem e elegancia de forma não foi, mais tarde, indifferente. As suas producções de maior relevo são, consequentemente, poesias estrophicas, entre as quaes, além das referidas, podem mencionar-se: "A invenção do diabo", "Pequenino morto", "Carta a V. S." (a Valdomiro Silveira), em estylo jocoso, e a Partida da Monção, para não arrolarmos muitas mais. Não obstante, porém, entre os seis ou oito sonetos que se encontram nos "Poemas e canções", um ha que vale, a nosso gosto, mais que o "Fugindo ao captiveiro" e tanto como as "Palavras do Mar" e o "Rosa, rosa de amor..." E' o com que o poeta abre o livro:

Só a leve esperança em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existencia resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ansiosa e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que suppomos,
Arvore milagrosa que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não a alcançamos,
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

Dos oito ou dez sonetos da nossa lingua mais conhecidos e havidos por maravilhosos como idéa, como sentimento, como naturalidade, como factura, este é um; e nos fastos de nosso patrimonio literario ficará fulgindo, para todo sempre, de maneira imperecivel. Do valor dessas produções, assim seleccionadas do thezouro da lingua, vista cada uma de per si, do valor dessas produções, como belleza e harmonia, seria difícil dizer, differençando-as, se os temperamentos não variassem nos individuos e, quando identicos em muitos, não mudassem, de momento a momento, os estados de alma. E' o maior elogio que se pôde fazer ao trovador paulista. Neste soneto porém, como nos demais, que todos conhecem e não mencionamos, a exigencia do leitor culto poderá notar, aliás, um outro argueiro na limpidez transparente do crystal. Mas fique bem claro que no momento, pela propria natureza da obra em que collaboramos fazemos simplesmente a critica das bellezas, e não a dos defeitos.

Dissemos, no principio deste commento, que "Poemas e canções", edição de 1908, são a obra maxima do autor; e assim pensamos. Mas outras produções suas, do mesmo genero, se encontram reunidas em livro, sob o titulo de "Versos da mocidade". Dessa collectanea rimada damos, a seguir, um soneto que, pelo primor da forma e belleza integral dos versos, bem merecia estar na primeira, em que a superioridade do poeta mais se accentua e caracteriza:

Toda a tua belleza a um lado ponho,
Toda a tua candura de outro lado:
Meu pobre coração, desatinado,
Hesita, a balançar de sonho a sonho.

Que é o que mais amo em ti? Tudo. Eu
[opponho
Tua propria innocencia ao teu agrado...
Nem veja eu nunca as manchas do pecado

No marmore divino com que sonho!
E's tu, de rosto lindo e de ar modesto,
A que a meus olhos sempre se afigura
Perfeita, em cada linha, em cada gesto;

Allucina-me a tua formosura...
Mas eu não posso ser senão honesto,
Porque não posso amar-te senão pura

E' muito bello! De mais dois ou tres poetas de primorosa estofa conhecemos produções ácerca do mesmo thema, plasmadas tambem em quatorze versos. Aluizio Azevedo tem um soneto — "Pobre Amor" — que termina assim:

Persiste na moral em que persistes!
Ah! quanto eu soffreria se peccasses,
Mas quanto soffro mais porque resistes!

Adelino Fontoura finaliza deste modo o seu "Fruto prohibido":

E's para mim o fruto prohibido;
Não pousarei meus labios nesse fruto,
Mas morrerei, sem nunca ter vivido!

Freitas Valle, escriptor que não tem logar nesta synopse por só escrever em lingua franceza, sem, por isso mesmo, contribuir para o augmento do nosso erario intellectual, nem para o brilho das nossas conquistas literarias, á uma por que se não serve da nossa lingua para o que de melhor se transvassa da sua intelligencia, á outra porque não dá curso ao que produz, senão que avaramente esconde o que nesse estranho idioma concebe e edifica, Freitas Valle explorou, igualmente, o assumpto no sonto "Renuncia". não sabemos por que obra do acaaso forjado em cunho portuguez:

Por salvar-me, transviaram-se-te os passos...
E eu preferi perder-me a, salvadora,
Encontrar-te perdida nos meus braços.

Não é, pois, pela frescura do motivo que a composição de Vicente de Carvalho nos agrada; senão, muito ao contrario, como prova a mais de que as velhas idéas são sempre susceptiveis de novos torneios, que lhes emprestem novo aspecto e novas bellezas. O proprio autor que nestas linhas apreciamos se repete no mesmo livro, e essa repetição é solido argumento em favor do que acabamos de expender:

Alma feita de amor e de bondade,
Corpo cheio de encanto e de carinho,

Não tentes desfolhar no meu caminho
A ingenua flôr da tua mocidade.

Arreda-te de mim... Não te apiade
A voz de magua, a queixa, o murmurinho
De alguns versos em que eu, ave sem
[ninho,
Canto as melancolias da saudade.

Demais te quero para desejar-te;
Um duplo amor meu coração ardente
Em dois pedaços deseguaes reparte:

No mais pequeno, uivam desejos vis;
O outro, maior, muito maior, sómente
Sonha a ventura de te ver feliz.

Ambos os sonetos são admiraveis; em ambos ha um amor que, se se não biparte pela diversidade dos impulsos, é entâo serenidade dentro dessa mistura de espirito e carne em que a força do instinto se avoluma e manifesta. Em ambos ha uma paixão que é renuncia, um pendor que a bondade susta e desvia, um desejo que a dignidade repelle, um crepitir de chamas que a reflexão aplaca, um suppicio, em summa, que lateja na urdidura do soneto e, a pouco e pouco, abranda, commovido e feliz, até morrer de todo na cadencia dos rythmos e na melodia das rimas...

Esta é, felizmente, a caracteristica do seu lyrismo, em que o peccado mesmo, quando acorda, é receio e pudor. Não lhe temam escabrosidades, não lhe busquem versos licenciosos, não lhe procurem a sensibilidade grosseira, porque a sua poesia é toda pudica e casta, sem ser propriamente ingenua.

Vicente de Carvalho recebeu ainda, a certos respeitos, a influencia dos ultimos romanticos; essa infuencia, porém, soffreu logo outra mais forte e, porventura, de maior agrado para o seu espirito, a qual, por assim dizer, equilibrou a primeira, salvando-a, e fazendo delle um poeta dos nossos dias. Referimo-nos á reacção parnasiana, que teve o seu berço em França, lá por 1860. O Brasil só começou a participar desse beneficio cerca de vinte e tantos annos depois, quan-

do vieram á luz os primeiros versos de Raymundo, em 87, e os de Bilac, em 88. Vicente de Carvalho, diga-se verdade, não foi dos primeiros a se enthusiasmarem com esse novo surto da poesia, que tão rebrilhantes alfaias entre nós conquistou, maximé no tocante á technica e á linguagem. E só nestes dois pontos exerceu elle o seu benefico predominio no espirito de Vicente; que, no tocante ao mais, se lhe quizermos descobrir affinidades de sentimento e de maneiras com outros poetas, a mais afastados periodos havemos que nos remontar na França, como em Portugal.

Deduzimos o que fica expresso, quanto ás suggestões por elle recebidas, das proprias producções do grande poeta, vindas á luz successivamente em 1885 e 1888, as quaes nem sempre primam pelo cunho rigorosamente vernaculo. Porém, escriptor por indole, convencido de que não alcançam a posteridade senão os que porfiam nos apuros da s'a arte, de que, nesta especialidade, a lingua é um dos maximos factores, Vicente de Carvalho tornou-se poeta do seu tempo; e, quando fez imprimir os "Poemas e canções", tinham já desapparecido da sua poesia as manchas symptomaticas da escola que entardecerá. E tanto assim foi, que, sem nenhuma offensa á susceptibilidade do poeta, seu nome só se fez definitivamente conhecido, só se tornou um nome nacional, só rompeu as fronteiras da Patria, quando os seus versos rigorosamente se escandiram, e a expressão escripta recebeu das aras do Passado, dos mestres immortaes da lingua, os fios de ouro com que se urdiu e aprimorou. De então para o diante, elle honra, com muita honra, o punho firme de subido engenho que lhe traceje o nome.

Póde descançar a lyra quando quizer; sua missão, cumpriu-a elle como um predestinado das Musas. No seu por-de-sol não lhe faltarão torrentes de luz que lhe façam lembrar a cada instante, pela calada da noite, o esplendor da sua gloria...

Aristêo Seixas.

("Gazeta de Notícias", Rio).

DA LEI DA IMPRENSA?

Inabundantes de logica e relativamente vãsias de justiça, correm mundo algumas querelas e censuras a propósito da recente lei que, diminuindo a nossa velha liberdade de imprensa, de facto annullou os §§ 24 e 12 da moribunda Constituição Federal. Dellas, porém, uma é innegavelmente razoavel: entrar a lei em execução sem ter sido regulamentada. Gorda e completa de intuitos, variada de assumpções, dissidente das tradições nacionaes e revogatoria de muitos textos juridicos, o complemento duma regulamentação executiva lhe era como que obrigada scena do seu desentrecho. Pois foi o que de todo lhe faltou.

Facil é reconhecer que desde 1893 a indole do regimen dominante, a actividade social dos presidencialistas que manobravam e manobram a passividade do paiz, e sobretudo as successivas sinceridades de ex-tribunos serviços do despotismo, estavam aconselhando e aguardando uma reforma restrictiva dos usos do pensamento brasileiro por meio de tipos e de typographias. Reforma, aliás, de pleno acordo com o art. 15 da citada moribunda, que só permite poderes independentes quando harmonicos entre si. E' claro que se o primeiro magistrado nacional, centralizando alli no Cattete a responsabilidade do poder publico, representa a opinião vencedora pela legalidade do suffragio legitimo é o seu predominio na marcha dos acontecimentos, e consequentemente aceitaveis a adaptação do legislativo e a curvatura do judiciario aos dizeres e aos dictames de sua vontade soberana.

Que a joven lei com as circumstancias da patria pode, irmanada, viver em santa paz, demonstrado ficou pela quietação com que, tanto de norte a sul como de este a oeste, o povo lhe acompanhou o prolongadissimo e emendadissimo debate, oferecendo-lhe mesmo larga hospedagem na maior, na mais organizada, na mais efectiva das instituições nacionaes: a paciencia.

E, agora ainda, inevitada porque sancionada a republicana reforma, do jor-

nalismo carioca — o interessado mais feroz por ella — ou partem aplausos delirantes de obediencia, ou pulam increpações pessoaes, apodando de desertores ás promessas da propaganda os votos legislativos que acabam de pôr em estado de sitio, perenne e caro, o direito de escrever em terra brasileira. De reclamar a regulamentação da lei ninguem se lembrou!

Injustas, entretanto, no seu entono absoluto, essas criticas pessoaes. Que, especialmente no Brasil, mudar nunca foi desertar, affirmativa é que desafia réplicas. Basta um exemplo para fortalece-la: Joaquim Saldanha Marinho, o modelo da respeitabilidade competente, tendo manejado nos arraiaes conservadores suas primeiras armas de partidarismo, foi nas fileiras liberaes conselheiro do rei e, acatado chefe republicano, preparava na popularissima phrase "não era esta a Republica que eu 'sonhava'", mudança para logar ineerto e não sabido quando, inexoravel, a morte o levou para situação definitiva. O assignalamento desse conhecido caso dispensa-me ir além de meras allusões ao de Emilio Ollivier trocando a cadeira da bancada republicana pela tentativa bonapartista do imperio liberal, e no abandono da liga Achaia pelo genial filho de Lycortas.

Tendo passado por todos os tramites regulares a lei da imprensa, passo-me para ella. Faço-o com o muito louvavel intuito de melhoral-a, já que tenho de supportá-la. Faço-o convencido de que a sua regulamentação, aqui por mim alvitrada, vale um serviço interessante, nobre, ordeiro, tão util e tão exequivel como a tabella Lyra; significa um problema que bate profanamente á porta dos acontecimentos, mas que me não encontra desprevenido pois já o esperava com algumas idéas, poucas porém praticas e viabilissimas. Idéas que, supponho, a inevitável commissão que vai ser nomeada para solucionar o momento caso homologará sem discrepancia. Idéas que, salva a redacção, cabem sem esforço no proximo futuro regulamento. Ei-las:

— Sofrerão as mesmas penas, na cadeia e na carteira, tanto os jornalistas que in-

juriarem as autoridades constituidas como os que, embora visitantes da verba secreta, se excederem nos elogios ao poder publico.

§ — E' garantido o aumento da terça parte da pena ao jornalista que qualificar de ilustrado qualquer dos politicos poderosos que, para distinguir o substantivo do adjectivo, costume recorrer ao diccionario.

— Duplicando de formato, passará o *Diario Official* a chamar-se *Grande Peta*. Seus artigos editoriaes, diarios, terão invariavelmente duas columnas, governista uma, incluindo todos os ministros na Santissima Trindade; oposicionista outra reclamando sempre a immediata remessa dos Senadores Irineu Machado e Paulo de Frontin para Fernando de Noronha.

§ — O pessoal será pago em prata, mas com cauteloso atraço de onze mezes.

— Uma vez por anno, de preferencia

em data de 1 de Abril, haverá na policia uma banca de exame para habilitação dos jornalistas. A melhor nota será "simplesmente". A reprovação não inhabilitará o candidato, excepto se não souber elle responder a este ponto cujo sorteio é obrigatorio:

"Tendo de noticiar que um juiz, filho de senador, tirou cinco contos de réis que, da gaveta do escrivão, tinham de ir para o depositario publico, como ha de o jornalista redigir a verdade evitando a prisão e a multa?"

*

E' o que tenho a dizer da lei da imprensa.

S. Paulo — 1923.

Martim Francisco.

(“Jornal do Brasil”, Rio).

LIVROS PARA CRIANÇAS

Noticiam os jornaes que as autoridades competentes cuidam de submeter a uma revisão geral dos livros adoptados nas nossas escolas primarias.

Essa providencia, se for levada a effeito com o devido criterio e por gente que saiba o que deve fazer, será da maior utilidade.

Quem tem filhos em idade de educar, e que, por isso, se vê obrigado a pôr-se em contacto com esses livros actualmente em uso, é que pôde ver quanto elles, máo grado a boa vontade que revelam dos seus autores, estão abaixo dos fins a que se destinam. Em alguns assumptos, são elles realmente terríveis de falta de senso, de aridez e de tolice.

As crianças brasileiras encontram-se, neste particular, em condições de lamentável inferioridade ás de quasi todos os outros paizes.

Nada ha mais interessante do que os livros infantis da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos, da Alemanha e das nações que falam hespanhol. Até as pessoas grandes, crianças mais velhas, encontram nelles, sobretudo nos de historias e de lição de coisas, um encanto indefi-

nível, que lhes aumenta ainda mais essa saudade da infancia, tocante logar comum do sentimento.

Com o meu habitual respeito pelo publico, abstenho-me de exhibir a minha erudição no assumpto, que não é pequena. Amigo da belleza, que fulge tanta vez nas coisas innocentes, sou, por isso, um leitor assiduo desses livros infantis, sobretudo os de contos de fadas, unica leitura que realmente existe hoje para o coração. Escusa accrescentar que o espirito dos que o têm (coração) é nelle principalmente que reside.

Se pudessemos adoptar uma politica inspirada verdadeiramente no pensamento da grandeza do Brasil, esse problema das nossas crianças, sua educação, a formação de sua intelligencia e do seu caracter, tomaria o primeiro lugar entre os primeiros que nos tivessem de preoccupar.

As singulares condições de nossa vida presente nos obrigam a governar olhando o dia que passa.

Homens felizes, porém, são os que podem governar pensando no futuro.

Obra que se constrói sem o bafejo da esperança na felicidade de dias melhores

é obra manca, que pouco honra e mal justifica o esforço que nella se despende.

Mas estou me tornando obscuro.

Falemos mais claro e mais a propósito. O assumpto é "pueril", diria um engraçado. Sejamos pueril com elle.

Se algum dia eu pudesse influir nesta materia de livros escolares, mandaria (quanto aos de historias) traduzir do inglez, os de Charles Kingsley, que contam em linguagem para creanças a vida dos heroes gregos.

Todo menino inglez de 8 annos já andou com os Argonautas á procura do velacino de ouro pelos mares azues do velho archipelago.

Navegou com Jasão, soffreu e cantou com Orpheu, contemplou Medéa, conversou e aprendeu com o Centauro, viu resplandecer, na tarde clara, Helena de Troya.

Nossos filhos só poderão ver essas maravilhas que serão eternamente as mais maravilhosas do mundo, quando souberem ler inglez e já estiverem em idade de não pensar nessas coisas, mas na vida, isto é, no caderno da venda, no kilo de café a 3\$600, na conta do gaz (*horresco referens...*), nessas tragicas vulgaridades, na conquista das quaes se exhaure, na época actual, a energia do genero humano!

E não preciso accrescentar que só uma reducidissima minoria se achará algum dia, pelo conhecimento das linguas estrangeiras, capaz de fazer estas viagens divinas que perfumam a imaginação e deixam nella uma estrada cõr de rosa por onde pôde sempre chegar o consolo da belleza.

Se algum dia eu pudesse influir em materia de livros escolares, mandaria traduzir as *Historias de Shakespeare*, de Charles Lamb e os *Caracteres dos dramas shakespeareanos*, de William Hazlitt, e todo Dickens, de *David Copperfield* a *Oliver Twist*. Mandaria ainda traduzir as historias de Anderson, os contos de Selma Lagerlof, sem falar em *Robinson Crusoe* e nos velhos thesouros de literatura infantil do mesmo genero.

Por escriptores de talento mandaria fazer a historia das navegações, a vida de Christovão Colombo, a chegada ao Brasil dos descobridores, os jesuitas, as bande-

ras. E faria sujeitar a uma adaptação para creanças as biographias de Plutarch e dos homens *universaes* da idade antiga e moderna, como se faz em todos os paí-

Nas escolas dos Estados Unidos ou da Alemanha, para não citar a França e a Inglaterra, não se fala ás creanças sómente dos seus heroes nacionaes. Falase de homens que viveram grandes vidas cheias de actos grandes, qualquer que tenha sido o seu paiz de origem.

Ao infeliz, que se julgando "pratico" e "sabido" objectasse que o *Jequinha*, o filho do *Jeca*, não precisa dessas leituras, etc., etc., eu não responderia porque não é para gente dessa natureza que escrevo. Explicar-lhes a vantagem, a significação dessas leituras na formação do caracter e no enriquecimento do espirito seria trabalho superior ás minhas forças. Não o tentarei jámais.

Chamaria porém a atenção das pessoas decentes para a realidade que mostra os nossos rapazinhos e as nossas raparigas de doze a treze annos, das classes pobres, saindo da escola primaria sem levar na imaginação nenhuma visão das cousas illustres que enobrecem a vida e dão sentido á humanidade. Subindo em idade, o seu divertimento, nas horas de prazer, será a leitura dos maos jornaes contemporaneos e a frequencia dos theatros da praça Tiradentes.

Será talvez por falta dessas leituras lúminosas e incomparaveis no começo da vida — que o espirito dos rapazes e das raparigas de hoje é em geral tão triste e desenxabido.

Tenho a intima convicção de que muitos dos almofadinhas que enodoram as nossas ruas com a sua presença ambigua, seriam homens mais homens, seriam homens de facto — se as grandes emoções communicadas por essas leituras estimulantes — lhes houvesse accendido na alma recem-aberta ás sensações da vida, o calor, a exaltação, o entusiasmo que ellas despertam.

Deante dos olhos teriam elles, projectados pela memoria, os scenarios magnificos, os augustos perfis, os feitos esplendentes, a virtude sob todas as suas formas, do heroismo á piedade, contras-

tando, a todo momento, com os espectáculos enfadonhos da realidade, cuja monotonia crespa se abrandaria e se matizaria ao reflexo dessa luz interior, transfiguradora e sempre nova.

A alegria é obra dessa luz nascente da alma. Não é o exito, a conquista, a vitória material sobre as dificuldades e obstáculos da existencia diaria, que ás mais das vezes não deixam senão amargor e desconsolo.

A maioria dos "vencedores" da actualidade são pobres diabos, tristes como condenados. Onde só se contenta a vaidade, pouco contentamento existe.

Devemos ensinar os nossos filhos a ga-

nhar a vida. Ensinemos-lhes tambem a não serem bobos, chatos, estúpidos, vulgares, como estão sendo. Ensinemos-lhes, sobretudo, a sentir esse pouco de felicidade que a vida pode dar e que não é somente no ganho que se encontra.

Aliás, os homens praticos dos paizes verdadeiramente "praticos" sendo homens de conquista e de luta, são homens de poesia e de belleza. Quem não sente o que é *bello*, não pode saber o que é *bom*.

Fiquemos hoje por aqui em materia de leitura para creanças. De outra vez falarei dos livros propriamente didacticos.

Gilberto Amado.

("O Paiz", Rio).

NOTAS PARA ARTIGOS

COISAS DE HESPAÑA — Em Madrid, Junho de 1916, perguntando a titular letrado e official de marinha reformado porque estava sempre em crise o ministerio hespanhol, e porque ameaçando o exercicio normal dos outros poderes, estavam os militares organisando ostensivamente "ligas de defeza", escutei resposta que hoje relembo para entender a recente e ainda não terminada revolução hespanola. Eis-la:

"Brigam, na terra de Sancho Pansa, tres partidos conservadores e dois partidos liberaes, sommando inevitavelmente cinco partidos, adversarios e'les todos de el-rei Affonso XIII. Discutem nestas paragens dois partidos socialistas, indiferentes a formas de governo, servente um do nihilismo slavo por intermedio dos agitadores de Barcelona, arregimentado eleitoralmente o outro nos maiores centros de populacao. E existem ainda, em exercicio de actividade febril, um partido militar e outro clerical, fanaticos ambos pelo rei que é pacifista e livre pensador.

Tem cada partido, sua imprensa, seus clubs, seu directorio na capital, seu eleitorado vacillante, e temporariamente seus chefes, cujo projecto semestral é organizar um ministerio de concentração no qual entrem todos os partidos e elle, organizador, seja o unico a mandar.

Cada partido só lê os jornaes do seu partido. O rei, porém, quando não tem á mão os jornaes franceses, lê todos os de Madrid, inclusive *El Motin*, socialista demolidor.

Eis porque, sendo cada hespanhol uma crise ambulante, está sempre em crise o ministerio hespanhol".

FINANÇAS PAULISTAS — Receita orçada: cento e cinquenta e dois mil contos; receita arrecadada: cento e cincoenta e sete mil contos. Dívida externa: sete e meio milhões de libras esterlinas, dezoito milhões de florins, dez milhões de dollars: cerca de quinhentos e trinta mil contos ao cambio de hoje. Dívida interna? Não sei nem me interessa saber.

NICOLAU VERGUEIRO — Dos oitenta e um annos que teve de existencia laboriosissima, consagrou quarenta e tres ás alternativas da vida publica. Na campanha da Independencia foi o primeiro dos da segunda fileira; superiorisa-o, porém, na nossa historia, a imutabilidade do perfil. Deputado duas vezes constituinte, ministro efectivo tres vezes e interino uma, senador pela província de Minas Geraes como poderia te-lo sido por outra qualquer província com idêntica legitimidade, agricultor com inicia-

tivas colonizadoras e preparadoras da abolição do braço escravo: o Nicolau Pereira dos Campos Vergueiro do movimento paulista de 23 de Junho de 1821, data da sua estréa política, é o mesmo em 18 de Setembro de 1859, mesmo na competência variada, na sisudez, na sobranceria sem ostentação, na indifferença á calunnia, nas preocupações patrióticas. Entre os organisadores de S. Paulo, no período regencial posterior a 1834, nem um o sobrepuja. Nas maiores crises políticas, de véspera já o paiz sabia como Nicolau Vergueiro teria de opinar; tal a coherente persistência de sua feição social. Foi algum tanto preterido o seu nome nas recentes comemorações da Independência. Houve nisso injustiça relativa. Mantendo, mais que os políticos seus contemporâneos, indiscutível singularidade pessoal, foi Nicolau Vergueiro um vulto à parte. Merece um monumento à parte.

AGUAPEHY — A respeito dos cento e muitos mil kilómetros quadrados, que constituem essa fertilíssima região, minhas reminiscências e apontamentos chegam até despacho, dado em 1881, a requerimento provinciano, pelo sensato e competente ministro da Agricultura Manuel Buarque de Macedo. Que região vítima de alternativas! Depois de requerida, passou a ser, nos mapas, terreno desconhecido. Deu-se ultimamente a conhecer em profusos debates da imprensa para, de subito, silenciar deante do artigo 64 da Constituição Federal. Eis que o governo, mero gerente do Estado, pensando que o patrimônio deste pôde ser objecto de desistência, abre mão da enorme propriedade, não se sabe em favor de quem! Dos inimigos? Não os tem. Dos amigos? Seria desistir do que não é seu para os seus. Ha necessariamente engano de direito ou erro de facto em toda essa balbúrdia. Com o pagamento de impostos em dia, e aceitando como certas as estatísticas publicadas, acredito ser dono, no Aguapehy, de tres metros e vinte e quatro centímetros dos quais não abri, não abro e não abrirei mão. Reclamo-os com a mesma teimosia que, desde 1898, leva a reclamar a volta daquelas quatro mil contos que, em 1893, o erário pau-

lista remeteu e o riograndense nunca recebeu.

HYPOLLITO DA COSTA — Correcto, justissimo, perfeito, o resurgimento de Hypolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, nas páginas de nossa história e na atenção nacional, a propósito do nosso centenário de povo livre. Pena foi que se não lembrasse algum brasileiro, lá em Lisboa, consultando os arquivos da Real Academia, de apagar de vez a calunnia que, dissimulada em meias phrases, quasi manchou de venalidade o nome do martyr e a reputação do patriota.

Porque a datar de 1813, no *Correio Brasiliense*, crescessem de numero e de tamanho as notícias dos casos académicos, tomadas que foram por isso ou para isso bastantes assignaturas, a perfidia esgravatou no incidente indícios de deshonestidade. Era então secretario da Academia o mesmo sabio que, ministro do primeiro gabinete nacional em 1822, imediatamente se lembrou de Hypolito, nomeou-o consultor de quaisquer missões do governo na Europa, forneceu-lhe os fundos possíveis no embarracoso momento e, particular e oficialmente, lhe conferiu prerrogativas da maior confiança. De como soube Hypolito usar dellas, existe a demonstração na completa e ínterrupta harmonia, até de suas iniciativas, com os mandatos e as atribuições de Caldeira Brant e Gameiro Pessoa. De como, pobre, manejou os dinheiros do paiz, esclarecidíssimo ficou pela circunstância de a carteira dos amigos e a verba secreta terem de concorrer para o prosseguimento dos estudos dum seu filho.

Hypolito da Costa pôde e deve comparecer limpo ao julgamento da posteridade. Como o do seu grande e tradicional amigo, Patriarcha da Independência, seu mérito, dispensando misericordias convenções, não evita, não consegue impedir que no interminável templo da história, distanciados os batentes e abertas as portas, alguns dos penetrantes raciocinem com os dentes.

S. Paulo — 1923.

Martim Francisco.

(“Jornal do Brasil”)

PROBLEMAS NACIONAIS

Do magnifico discurso pronunciado na Liga de Defesa Nacional pelo Ministro Viveiros de Castro, transcrevemos o seguinte trecho:

"E' obra de patriotismo mostrar a urgencia de uma remodelação administrativa, que simplifique os processos, torne efectivas as responsabilidades, liberte o funcionalismo da influencia nefasta da politicagem, e o torne, por uma rigorosa selecção em tudo digno da sua nobilissima missão.

E' tambem urgentissimo tonificar o caracter nacional, que actualmente está sujeito á acção deleteria de quatro inimigos terríveis: o egoísmo, o regionalismo, o analphabetismo e o sensualismo.

Muito perfumatoriamente chamarei a vossa attenção para esses inimigos, 1º O Egoísmo ou egolatria. A irritante e arbitaria intervenção do Estado na vida do individuo, que caracterizou o absolutismo, facilitou o triumpho das idéas individualistas, propagadas por essa pleidade brilhantissima de escriptores — os Encyclopedistas: triumpho que, no terreno economico, se corporificou na chamada escola de Manchester; e que, no terreno politico se traduzio no abstencionismo do Estado, tão bem synthetizado na formula tão pouco orthodoxa do abade Galiani — *il mondo va da se.*

Habituando-se a confiar nos seus proprios esforços, vivendo por si e para si, o homem vai perdendo a noção da solidariedade humana, desinteressando-se dos seus semelhantes, esquecendo completamente o sublime preceito do Decalogo; ama a teu proximo como a ti mesmo.

E', portanto, no individualismo á *outrance*, que encontramos os germens da egolatria, esgalnacho damníinho que impede o desenvolvimento das virtudes domesticas e o cumprimento dos deveres cívicos.

E' por egoísmo que tantos paes abandonam o lar domesticó, deixando os filhos entregues a mãos mercenarias, privados dessa carinhosa vigilancia tão necessaria ao desenvolvimento phisico das creanças, como á formação do seu caracter.

E' sob acção perniciosa do egoísmo que se desenvolvem essas funestissimas doutrinas neo-malthusianas que, pregando o amor infértil, offendem a Deus e a Patria, porque degradam o sacramento do matrimônio e privam o Estado de um dos seus elementos essenciais — a população.

Obedecendo ao seu egoísmo, o patrão converte os seus operarios em machinas de trabalho, das quais é lícito exigir o maximo de producção, embora elles não possam resistir á extraordinaria pressão. Por sua vez, os operarios se aproveitam egoisticamente das circumstancias para impôr a sua vontade aos patrões, exigindo salarios excessivos e reduzindo sem criterio as horas de trabalho, embora essas exigencias acarretem a ruina das empresas que lhes forneciam os meios de subsistencia.

Por egoísmo, enfim, o cidadão se desinteressa dos negócios publicos; não exerce essa continua fiscalização sobre a gerencia dos interesses collectivos, que é tão necessário nos governos livres; e nem ao menos exerce o seu direito de voto, que, aliás, eu considero uma função pública, cuja obrigatoriedade se me afigura muito mais racional do que a de ser jurado.

A esta concepção egoista e interesseira, opponhamos um ideal, muito mais nobre e elevado, que se não preocupa com os individuos quando estão em jogo os interesses da Patria.

Regionalismo. A unidade da Patria é, mercê de Deus, um dogma intangivel. Pregar a separação, se nos afigura um crime tão horrivel como o de incitar um individuo a praticar um matricidio.

E, ainda que não fosse innato esse sentimento, a lição da grande guerra, e principalmente os episódios que vão surgindo nesse tão lento restabelecimento da paz, nos teriam curado de qualquer velleidade de separatista, tão precaria se mostra a independencia das pequenas nações, sobre cujos interesses fundamentaes as grandes potencias exercem, mais do que nunca, uma desassombrada tutela.

Comprehendendo, com o seu admiravel espirito pratico, as exigencias deste momento historico, a prudentissima Inglaterra, querendo evitar o esphacelamento do seu Imperio colonial, resolutamente se converteu numa *Confederação inter-continental*, realizando esta obra admiravel sem espectaculosas Assembléas Constituintes, e sem celebrar tratados solemnis-simos.

E tão fortemente se faz sentir a necessidade da constituição de grandes Imperios, que um publicista eminent, Coudenhove-Kalergi, estudando magistralmente a decadencia da Europa, sustenta que ella só tem um meio de salvação — a união politica e economica de todos os Estados, da Polonia a Portugal, em uma Confederação de Estados.

Ora, quando a situação do mundo é de tal gravidade que já se cogita em confederações continentaes, o proprio instincio de conservação é o mais seguro garante da unidade nacional.

Mas, se todos reconhecem a necessidade do Brasil unido, são raros os que encaram os nossos problemas sob um ponto de visita mais amplo, preocupados principalmente com o interesse *nacional*, elevando a visão muito acima da torre da sua aldeia. Os interesses locaes primam, entre nós, sobre os interesses nacionaes: os Cesares modernos tambem preferem ser mandões em uma villa, a ser simples cidadãos de uma grande Patria.

Seja o nosso unico objectivo o engrandecimento do Brasil, embora com o sacrificio de certos interesses locaes, cuja satisfação seria de grande proveito para a ralização das nossas ambições pessoaes.

A grandeza das nações depende exclusivamente da abnegada dedicação dos seus filhos: acima de tudo sejamos *brasileiros*.

Analphabetismo. A suggestiva phrase de Victor Hugo de que — *abrir escolas é fechar cadeias* — ha muito tempo que foi recolhido ao bolorento museu de *chapas* imprestaveis: a instrucción infelizmente não exerce influencia depressiva sobre a criminalidade nem mesmo modifica sensivelmente as suas manifestações.

As vantagens da instrucción se manifestam de preferencia no terreno economico, e no regular funcionamento do mecanismo governamental.

Quanto mais culto é um povo, mais verdadeiramente livres são as suas instituições.

E tanto isto é assim, que a principal preoccupação dos governos absolutos é manter o povo ignorante.

A nossa extraordinaria porcentagem de analphabetos é não só humilhante para os nossos creditos de povo civilizado, como converte em simples ficção qualquer forma de governo democrata, porque todas elles presupõem a existencia de cidadãos conscientes, que saibam defender os seus direitos, e cumpram honestamente os seus deveres civicos.

Sem opinião publica esclarecida, o Governo, seja qual for o seu rotulo, ha de ser fatalmente uma dictadura, mais ou menos disfarçada. Povo inculto, não passa de timido rebanho, sempre obediente á voz de um pastor.

Diffundir, portanto, largamente a instrucción, é o mais elementar dever de um Governo republicano.

Além disso, a crassa ignorancia do nosso povo tem sido um dos maiores obstaculos ao nosso surto economico, uma das causas do desaproveitamento de tantas fontes de producção, intelligentemente exploradas em outros paizes menos favorecidos pela natureza.

E' vez o nosso incriminar o *bacharelismo*, e apregoar as vantagens de uma instrucción essencialmente practica.

Confesso que nunca pude saber que mal pôde causar a um paiz ter um exercito de *doutores*, desde que elles não sejam *indoutos*, e não considerem o seu titulo como uma especie de carta de nobreza, que lhes assegure uma inscripção no orçamento do Estado, e sim como uma ferramenta de trabalho, que torna mais productivo o seu esforço, alargando a esphera dos seus conhecimentos, ensinando-lhe meios de remover obstaculos que aos leigos parecem insuperaveis.

A *theoria* é tão necessaria como a *pratica*: o *empirismo*, não é menos prejudicial do que o *scientismo abstracto*.

O braço que produz, deve ser dirigido pela intelligencia cultivada: já Virgilio exclamava nas "Georgicas": *felix qui potuit rerum Cognoscere causas*.

Antes do rumo ao campo, precisamos fazer rumo á escola.

Luz, mais luz, são as ultimas plavras que a lenda attribue ao genial poeta alemão, que a sua geração considerava um *semi-Deus*. *Escolas e mais escolas*, seja um dos pontos fundamentaes do nosso programma.

Sensualismo ou animalismo. A immorallidade publica no Brasil, e principalmente nesta cidade, não é, infelizmente, "uma invizivel chaga cancerosa"; ao contrario se exhibe tão audaciosamente, que parece que nós a consideramos um invejavel titulo de gloria.

O *pudor*, que, nas sociedades civilizadas, é a aureola brilhante que envolve a mulher, tornando-a quasi divina, já vaise considerado uma antqualha. E as nossas moças outr'ora tão timidas, tão ingenuas, tão meninas, têm o extranho capricho de parecer o que elles, mercé de Deus, nunca serão, e imitam as ousadas heroínas dos cinemas, esquecidas de que a *americana do cinema* é apenas um producto de exportação, e que, mesmo que fosse real, não poderíamos imitar porque é muito diversa a educação dos dous povos, e muito mais profunda é ainda a diferença das duas raças.

Assim procedem, não por inclinação natural, não porque se sintam bem nesse meio tão contrario ás tradições da familia brasiliense, mas unicamente por *snobismo* para parecer sufficientemente elegante, e não perder o direito de figurar no glorioso cortejo dos trezentos de Gedão!

E' tambem por servil imitação, que barbarizamos a *musica* e acanalhamos a *dança*.

Isto que commetemos a profanação de chamar musica é um brutal attentado contra o bom goso e contra a civilização: não é harmonia, não commove, não eleva a alma; faz barulho, tordôa, excita os nervos, dá uma apparencia de vida a esses pobres irdrógy nos, que percorrem a cidade como Narcisos enamorados da propria belleza, quando, na realidade, elles são tristissimos testemunhos do abastardamento da nossa raça.

E a dança, segundo uma autoridade de irrecuzavel valor, porque é uma senhora distinctissima, que brilha como astro de primeira grandeza nos nossos centros litterarios e nos nossos mais elegantes salões,

é um mixto de *cateretê* africano e de *danca de São Guido musicada*, é uma vingança do escravo contra os descendentes dos seus antigos senhores.

Nas perversões do senso moral, se verifica, mais do que em qualquer outro phenomeno social, a exactidão do preceito biblico — *abyssus abyssum invocat*: se não reargimos energicamente contra a dissolução dos costumes, se não restaurarmos a velha moral que o divino mestre pregou ha vinte seculos, iremos descendo de degradação em degradação, até que mergulhe no lodo uma nacionalidade que podia aspirar aos mais gloriosos destinos.

Nesta campanha saneadora não podemos prescindir do auxilio da Imprensa, e dos expoentes maximos da nossa litteratura, porque elles poderão combater efficazmente a causa do mal, mostrando que a vida domestica não é incompativel com a elegancia, e que no lar ha muito encanto, muita doçura, muita poesia.

Porque o finissimo ironista, que desco bri o *Jeca Tatú*, e que figuraria com destaque entre os grandes humoristas do mundo se não escrevesse em portuguez, não enriquece a nossa litteratura com um romance, cuja heroína fosse uma das nossas "desageitadissimas caipiras", já convertida em *dona de casa*, vivendo abnegadamente no lar, não tendo outra preoccupação que não seja assegurar o bem estar da familia, a felicidade do marido e dos filhos?

Porque o subtil psychologo que desvendou os segredos de uma "Esphinge", não nos presenteia com uma "Maria Bonita", civilizada, deslumbradora pela aureola da virtude, dessas cujo olhar translucido "os temporaes serena"?

Porque o eminent e scriptor, de quem tenho a honra de ser patrício, não escolhe para heroína de um romance uma dessas almas liriaeas, que atravessam a vida como as garças atravessam os pantanaes, sem nunca macular a alvura de suas azas?

E não appello para os festejados litteratos que me destes por companheiro de jornada, porque elles já me asseguraram a sua preciosa collaboração nessa ardua campanha pelo saneamento dos costumes, e pelo integral cumprimento dos nossos deveres civicos.

“A COLMEIA”

O que eu mais admiro no espirito realisador de S. Paulo é esse saboroso silencio com que o extraordinario obreiro da moderna civilisação brasileira ali está desafiando os rumores embriagantes e estereis do cabotinismo de alhures entregue, com um devoto, incomparavel ao seu culto supremo de belleza e de harmonia.

Comovem-me esse alheiamento, esse desprendimento, esse robusto pensamento idealista, que não procura nos aplausos immediatos e faceis o alicerce do estímulo, que não necessita de falsos excitantes para pôr em jogo as suas energias, e que as exercita, as dirige, as transforma em grandes valores, independentemente, por um impulso elevado e proprio.

Tal attitude não passa certamente de saperebida aos que, mais interessados pelos phenomenos mentaes e estheticos da nossa nacionalidade, e porventura mais bem dispostos de animo, se detenham na observação deste ambiente, onde a tela bizarra dos dias se reveste de penumbra cenvidativa á meditação e ao dynamisado, acula os homens para o trabalho e á confiança mutua.

Seria injustiça gritante, despeito inominavel e evidentemente inutil a negação da primazia de S. Paulo na construcção da nacionalidade contemporanea.

Sob o aspecto particularmente intellectual, a sua contribuição para o renome da arte brasileira, de tão diaphana, está ao alcance de qualquer intelligencia mediocre, ainda não ferida pela cegueira bruta do jacobinismo...

Explica-se a verdade de semelhante afirmativa no refinamento de almas, na especialisação de cultura mental que aqui se realizam, no convivio permanente de raças seleccionadas, sob atmosphera que nos chega singularmente saturada de fortes pensamentos, subtis vapores do passado em cuja secreta virtude se alimentam as almas e os corações.

Em tudo isso pensei, achando-me, outro dia, entre alguns artistas, naquelle risonha “Colmeia”, suspensa a um canto da rua José Bonifacio, amavel encontro de

poetas e pintores, de escultores e musicos, sob a direcção de Benjamin de Garay, argentino de procedencia, mas brasileiro, paulista, de sensibilidade e de acção.

Eis ahi um dos nucleos intellectuaes destinados a accentuar o esplendor da arte indigena, a engrandecer o destino de S. Paulo na formação do pensamento artistico collectivo.

Porque, é necessário que seja dito, esse agrupamento de criaturas profundamente empenhadas em servir á vida espiritual da capital artistica brasileira, reune em si qualidades positivas de triumpho sendo como é, constituido por intelligencias de escol, disciplinadas e superiormente alheias aos pequenos enredos que de commun euvenenam e anniquillam os surtos do espirito, entre nós.

Naquelle adoravel jardim de trabalho, que a brisa da inspiração incessantemente acaricia, protegido dos perigos da tempestade soprada pela maledicencia dos homens, todas as abelhas são irmãs, e de outro mister não cuidam que do de adoçar a amargura da vida com o favo bemdito do trabalho e da illusão. E a colmeia vai, dia a dia, prosperando e sorrindo.

Na simplicidade do seu aspecto bohemio, que passante assaz agudo e curioso poderia adivinhar o mundo de idéas e o já esplendido conjunto de realizações, guardados furtivamente ao alcance do conhecimento publico, para futuras exposições, livros de amanhã, symphonias de uma época talvez remota, mas sem duvida glorificadora de tanto esforço?

Contudo aquelle que ali entra, e repousa na companhia discreta de semelhantes benedictinos, sente que a convicção da grandeza de espirito de S. Paulo se lhe torna mais enraigada, mais clara e como que mais risonha.

A mocidade paulista prepara, em silencio, porém, com entusiasmo fecundo, a grande colheita, de que se orgulharão as gerações successivas, quando se houver de volver os olhos e assignaiar o motivo do extraordinario esplendor que nos está reservado.

Muito me alegraria se no semear dessas desvanecedoras méses de sonhos, na persistencia desse abençoado sacrificio pela belleza fosse ella imitada dentro da immensa e displicente officina que é o territorio nacional.

O que importa é que ella ahi está ensinando a melhor maneira e a arte mais efficaz de não ser letra morta no pensamento indigena. Della, não tenho receio algum de afirmal-o, ha de sahir para a historia artistica e literaria do Brasil a mais ardente e a mais elevada pagina do espirito e da sensibildade da nossa raça de idealistas.

Póde parecer que exagero.

Mas, ahi estão para não deixar-me sem defesa, os exemplos dessa pleiade interessante de jovens brasileiros cujos nomes, em sua maioria, já transpuzeram o amavel e silencioso recinto de trabalho para se imporem á admiração do grande publico paulista.

Citarei, ao acaso, alguns dos artistas dessa generosa colmeia: Paulo Gonçalves, um victorioso no theatro (quem se não lembra, entre nós, do successo de "1830"?); Cleómenes Campos, cuja estréa com o "Coração encantado" o collocou definitivamente entre os mais poetas dos nossos aedos; Bernardino Pereira, o admiravel interprete da nossa natureza, pintor altamente brasileiro; J. Prado, que

Monteiro Lobato descobriu, ilustrador, a caminho de renome na America do Sul; José Cucé, escultor de verdade, com raios de talento nas mãos creadoras; Aristides Avila, romancista de idéas em vias de trazer a lume o seu "Frei Tranquillo"; Humberto Cozzo, em cujas esculturas se adivinha o mestre de amanhã; Marcello Tupinambá, o victorioso autor de "Flor de maracujá", que acaba de concluir uma serie de canções brasileiras, inspiradas e frescas, de um sentimentalismo enternecedor; e outros, e tantos outros... E, porque não citar Pamplona e Etchebehere, os habeis cinematographistas que acabam de realizar a mais audaz aventura cynegética, filmando o abrupto sertão paulista, surprehendendo nossa curiosa fauna e o rastro de cidades desapparecidas?

Com todos esses elementos, aquelle alegre centro de actividade da rua José Bonifacio, só não triunfará, só não encherá de extraordinario briño a ascensão da vida paulista, por um milagre perverso dos deuses.

Esse milagre seria impossivel. Os deuses nunca estiveram mais satisfeitos do que agora com os seus crentes, nesta terra de trabalho e de sonho.

Corrêa Junior

("Gazeta de Notícias", Rio).

FRANCEZISMO

Ninguem nega que temos muito que aprender com a França: unicamente se affirma que não se estuda de joelhos, nem de rojo, na postura do adorador, do escravo, do cão servil ou do farrapo inutil.

Lembremo-nos de que a França tambem póde aprender commosco algumas utilidades importantes e, entre ellas, a mais importante de todas, que é viver e durar. A França definha, seccas ou quasi seccas dentro de si as proprias fontes da vida, e isto paredes meias com uma grande nação rival — prolifica, expansiva e aggressiva. Juntou-se agóra o mundo inteiro para a salvar, e salvou-a. Basta que o mundo inteiro se não collique amanhã em seu favor, para que ella

se perca, basta muito pouco: basta que já esteja, então, menos viva do que hoje, o que é fatal; e que o seu doutho inimigo se revele menos estupido que hontem — o que tambem póde acontecer.

Caminhamos, caminha a Europa e, talvez, o mundo inteiro, para novos embates de raças e nações, corolario fatal de prévias lutas civis e guerras de classes, espalhadas e ferozes. O europeu, germano ou latino, entrematar-se-á, depois de se ter entre-saqueado. Dizimado, arruinado, enfraquecido, animalizado — que resistencia póde offerecer ao Tártaro, que a França armou e militarizou com o seu dinheiro, e ao Arabe, que ella europeizou com a sua colonização sem colonos?

Bem vejo que perante o possivel avizinhitar de taes furacões e de semelhantes diluvios, a discussão sobre galicismo e lusitanismo fica parecendo pueril. Transportemo-nos então em espirito ao dia de Juizo Final, e veremos quem lá faz melhor figura de campeão e semeador da Latinidade: se o admiravel francez, com as suas Martinicas e Guadalupes, quasi invisiveis no mappa, se o portuguez desprezivel, que latinizou com o seu sangue e a sua lingua continentes vastissimos. A França pôde rir-se á vontade, como grandemente faz, dessas novas florescencias e pululantes germinações latinas, a quem chama com desdém *pays-chands*: nem por isso, fica menos exacto que toda a America do Sul mammou o leite da velha Loba, e que ali temos, graças a Portugal e Hespanha (que não á França), a mais certa certeza de continuidade do genio latino, através do espaço e do tempo.

*

* *

A ficção politica actual da Europa é a Anarchia — signal certo de que se prepara de novo o reinado da Força. Por toda a parte ouvimos lamentar a pequenez dos politicos, prenuncio fatal de que não tarda ahi o governo dos grandes generaes. Os homens querem febrilmente ser felizes, os pobres imaginam que vão ser ricos, a cobiça gera a preguiça e o appetite condensa-se em odio. A paz materialista conduzirá sem remedio ao idealismo da guerra. Agoniza o trabalho, que só resurgirá sobre as ruinas semeadas pelo saque. O operario será soldado, e, como sempre, supondo militar para si, conseguirá apenas destituir os seus fracos patrões de hoje, para promover em campanha o amo forte de amanhã. A Europa não se encontra doente, nem moribunda: está apenas physiologicamente gravida do seu futuro grande chefe.

Esperemos, primeiro, que esse chefe virá a tempo de vedar á Tartária, á Mongolia e á Mauritania o caminho dos nossos campos e casaes. Esperemos, depois, que elle seja latino como Julio Cesar; que seja portuguez como Affonso de Albuquerque, ou hespanhol como o

duque d'Alba, ou francez como Bonaparte e Gallieni. Esperemos, enfim, que o latinismo perdure ainda por longos seculos, como o christianismo, desde quasi dois mil delles, e como o judaismo vae perdurando a seu modo ha muitos mais.

E continuemos, *sub specie aeternitatis*, a ser latinos, e a querer sel-o, porque é essa a nossa mais antiga tradição e, talvez, a nossa primeira ou verdadeira natureza. Mas sejamos latinos a valer, e não apenas miserios sub-latino á arreata da França, com antojos, como os dos burros, que nos não deixam ver bem a latinidade hespanhola e italiana, e muito menos a extra-latinidade de saxões, germanos, scandinavos e slavos. Ignoramos, muitos de nós, até a existencia dos Benavente, dos Pereda, dos Gasset, dos Valle-Inclan, e de tantos outros grandes artistas ou pensadores castelhanos. Os poetas, novellistas, dramaturgos e philosophos contemporaneos de Italia valem tanto para quasi todos nós como se nunca tivessem nascido: só conhecemos os semi-francezes D'Annunzio e Ferrero, porque escrevem francez, ou porque a França os traduz. Sabemos de cõr e salteado a politica franceza, e nada nos consta do mundo, de alterações, de ameaças, e até de possibilidades, que está pôr baixo da ephemerede politica de Hespanha, vizinho de ao pé da porta, que

o devia poder agitar-se no seu leito, sem logo nos cortar o nosso somno. E a historia, a vida social, economica, politica, da Hollanda ou da Belgica, da Suisa, da Dinamarca, da Suécia e da Noruega, continuam a ver-nos tão alheias, como se estivessem situadas na Via-Lactea, e não na Europa, todas essas nações, que são enxames de abelhas ajuizadas, nobremente teimosas em viver por si, de si e para si proprias, na paz, no trabalho e na ordem modelar. Certo literato nosso, muito cotado, usa sempre umas calças velhas de Oscar Wilde, com grandes fundilhos francezes; mas escrevia e publicava, ha tempos, sem pestanejar, que os poetas ingleses são maçadores. Phenomeno, este, que já fôra previsto e catalogado por Eça de Queiroz, quando inventou aquelle director da Instrucção Publica, muito interessado em saber se em Inglaterra tambem havia literatura.

Alliados dessa grande nação desde o seculo XIV, intimamente ligados a ella pelo commercio, desprezamos desta maneira, por crassa ignorancia, o lado espiritual da sua grandeza; e, continuamos, como bons papalvos, a chamar á França o *cerrebro do mundo*, apesar das revoluções universaes que têm feito á nossa vista, na philosophia e na sciencia, os pensadores e investigadores ingleses, ineguavelis pela força de originalidade, e os grandes sabios allemães, e os grandes inventores italianos...

*
* *

Tempo virá em que esta miseravel subordinação de uma nação á outra — que não merece nem agradece o culto exclusivo de que é alvo — não ha de saber por mais do que uma tenue lembrança do passado. Algum dia ganharemos, enfim, a nossa Aljubarrota do pensamento e expulsaremos do governo da intelligencia nacional, noutro 1640 mais decisivo que o anterior, o insupportavel intruso.

Noutra oportunidade mostraremos o muito que se pôde e deve fazer, para chegarmos, enfim, á necessaria libertação.

Porto, agosto de 1923.

Agostinho de Campos.

(O Jornal).





DEBATES E PESQUIZAS

BRANCOS DE TODA A COR

Em quasi toda a America poderiam existir dous grupos differenceaes: *los blancos* e *los colorados*.

Assim se chamam na republica Oriental do Uruguay, ou se chamavam com grande entono em outro tempo quando assolava a guerra civil as populações indecisas que buscavam o equilibrio dos interesses communs.

Na grande republica americana do Norte, o contraste é emphatico e profundo entre brancos e pretos que se digladiam em luta de extermínio e de morte.

No resto, de norte a sul do continente a mestiçagem das raças introduziu a indecisão e a tolerancia mutua tornando falsas, e por vezes impossiveis, as distincções de puro matiz, desde os mulatos claros aos escuros numa escala chromatica de meios tons e comas de tom que fazem problemáticas as determinações de origem.

Accresce que a analyse em semelhante assumpto não guarda a serenidade dos estudos objectivos, degenera facilmente em desafors e insolencias incomportaveis para as victimas *in anima vili* do methodo experimental.

O nosso governo, é sabido desde muitos annos, riscou(e fez bem em riscar) das listas de recenseamento o estigma da cor. Ninguem mais é preto nem pardo: são todos brancos.

Por outra parte e como compensação a essa obscuridade official, algo lisconeira, começou a germinar e a florescer a doutrina de que o verdadeiro talento no Brasil, o genio poetic ou a supremacia intellec-tual é um privilegio dos mestiços.

Todos os nossos grandes homens foram ou são de raça mestiça.

Não sei se esse euphemismo creado pela critica literaria ou jornalistica pôde aproveitar aos homens de pigmento mais ou menos escuro.

Em si mesma, a coisa é verdadeira e por uma razão intuitiva: todos nós somos realmente mestiços.

Arredem-se desde já os que sentem qualquer repugnancia desse nobiliario de linhagens... Vou proseguir, com licença de Adão e Eva.

Sim! os grandes homens e os pequenos são com toda a probabilidade mestiços em qualquer grau pela fatalidade do numero.

Os proprios brancos de origem portugueza estreme resultam de cruzamentos um pouco remotos mas que transparecem frequentes vezes em quasi todos os homens da geração nova e contemporanea.

Isso no caso do Brasil aumenta a confusão que é tanto maior quanto a imigração dos italianos do sul participam da mesma coloração euro-africana ou berberica.

Afinal, com o intuito de solver todas as duvidas os que entre nós quebram lanças pela branquitude sem macula atiram-se, como gatos a bofes, a certas origens mais boreaes, a origens hollandezas, com especialidade.

Os hollandezes estiveram por trinta annos no Brasil e deixaram infinita prole, ao parecer dos genealogistas.

Isso foi no periodo colonial; mas realmente de prole slava e allemã, lombarda, austriaca ou saxonia devemos ter hoje em dia mais de douis milhões de brasileiros, e, pois, approximadamente um decimo da populaçao. Esses novos brancos tendem a mestiçar-se com os elementos nacionaes mais antigos, numerosos e resistentes.

Dentro de cincoenta annos, a parte unia pequena fracção retro-atavica de typos negroides, teremos uma populaçao plausivelmente mais branca que a da peninsula iberica.

Algumas regiões do paiz, nomeadamente do norte, conservarão por mais dilatado tempo a coloração indecisa dos mestiços de hoje.

E' o que parece concluir-se do estado actual das gentes que povoam todo o territorio e dos jactos de immigraçao espanhola, portuguesa, italiana, turca (syria), slava e allemã que constituem o grosso dos adventícios e alienigenas.

A contar do começo dessas correntes immigratorias, desde a nossa independencia, o numero dos italianos sobrepuja o dos portugueses e tudo parece indicar que a superioridade numerica será cada vez mais definida e sensivel.

A superioridade assinalada para os elementos italicos não consegue destruir a antiga tonalidade lusitana já secularmente diffundida por todo o paiz, salvo o caso de qualquer invasão diluvial improvable.

Eis pois, a largos traços a situação e a qualidade do *homem branco* no Brasil, com a sua coloração progressiva de ariano de boas origens.

Ha, porém, outros estorvos que não parecem insignificantes.

A caudal africana que attingio de dois a tres milhões em outro tempo estiolou-se e desapareceu, mais da metade, pelo cru-

zamento em gráos diferentes; e é possivel avaliar-se em doze milhões de mulatos a descendencia mediata dos negros africanos e creoulos.

Assim, pois, em trinta milhões de brasileiros ha uma camada que se pode dizer *branca* de tres a quatro milhões de homens, quando muito.

Abaixo destes, podemos sem exagerada phantasia, alistar uns doze milhões de homens brancos de mescla longinqua ou pouce apparente.

Esses 16 milhões de homens brancos ou quasi brancos concorrem com outra quantidade igual de mulatos, inconfundivelmente mulatos.

Claro está, não é preciso dizer agora, que esses calculos não passam de induções legitimas desde que se considerem verosimeis hypotheses em approximação da verdade sem que se possa infirmal-os de infieis e inexactos por excessivos.

A caudal aborigine dos indios por sua vez é muito reduzida e escassa. O indio, o colono, o negro e o mulato produziram o typo mesclado e geral do caboclo.

O tabaréo, o mulato, o caipira, o sertanejo, enfim, accusam essa origem mammeluca de variação indefinida. Muitos delles parecem brancos, como outros parecem negros.

E' preciso a este proposito notar que a raça aborigine tende a perfurar as camadas posteriores e affirmar-se á tona de todos os cruzamentos; essa verdade ethnica pôde ser posta em duvida, quando nos Estados Unidos do Norte, da raça branca, o typo do pelle vermelha, anatomica e physiologicamente e até psychologicamente está a revelar-se como bolhas de ar que sobem á superficie de um liquido.

E' o clima que determina essa metamorphose? é, em todo caso, o conjunto das circumstancias ambienciaes de cada terra, as quaes destroem a compressão das raças conquistadoras.

E' um phenomeno já observado com grande precisão nos estudos ethnographicos.

O typo de — *indio* — que parece existir numa multidão consideravel dos nossos patricios não inculca precisamente qualquer forte influxo da raça aborigine. E', antes, um typo natural do paiz, e mórnicamente de certas regiões nacionaes.

Pôde afirmar-se aphoristicamente que sem sermos indios cada vez mais pareceremos indios.

A coloração entre os proprios indios era muito variada e aqui e alli sempre se acreditou na existencia de *indios brancos*.

Deixando de parte as pigmentações mais ou menos discutiveis que impressionaram os primeiros colonizadores, não é menos verdade que o problema se impôz á attenção dos naturalistas.

Os chamados *Indios brancos tupitingas* ou outros, foram localizados em diferentes porções do nosso territorio.

Lá para os lados da Amazonia e de alguns affluentes do Orinoco, vivia uma tribo dessas de compleição mais clara que, como outras, suggerio hypotheses graciosas entre os conquistadores que as conheceram e frequentaram.

Humboldt registra-as com o *humour sceptico* do naturalista que não vê no pheno-meno um pouco superficial da cõr entre os homens nenhum indicio monstruoso.

Nas suas viagens ás regiões equinoxiaes realizadas em companhia de Bonpland, narra com escrupulosa fidelidade as impressões immediatas colhidas nos lugares que ambos perlustravam.

Diziam por alli os espanhóes que — *los indios blancos* — vinham de frequentarem os hollandeses da Guyana com assiduidade aquellas paragens. Os hollandeses certamente recambiariam a inesperada paternidade aos conquistadores ibericos.

Lembremo-nos do prurido das genealogias batavas no Brasil: é a mesma historia *ipsis litteris*, se não é o vezo de pagarem sempre os hollandeses certas divisas que não contrahiram.

Pague, enfim, o hollandês...

Outra hypothese mais ardua que tem o sabor das coisas diabolicas e hereticas era a de que aquella brancura singular se ex-

plicava pelo cultivo da vinha do Senhor no sacrosanto serviço das missões.

A impiedade de tal opinião contra os frades e missionarios deu-lhe certo exito de vulgarização. Os padres catequistas indignavam-se contra essa gratuita calunia; contudo, em certas terras italianas ha individuos (ou afilhados) que atraíçoam, como la dizem, o *muso de frate*.

Humboldt torce o focinho ás anedotas impias ou absurdas, o grande sabio acha que essas variedades de coloração, trivialmente vulgares na America, possuem todos os tons, o bronzeado, o amarello, o negro e mesmo o branco.

Não ha, pois, nenhum problema de paternidade obscura que discutir e resolver.

O facto chamou sempre a attenção dos viajantes e um delles ainda ha pouco em 1912, Gaspar Whitney (*The flowing road...* paginas 142 — 144) que percorreu a região septentrional da Amazonia teve a oportunidade de ver os chamados — *indios brancos*.

Assim, pois, se ainda em certas repúblicas hispanicas da America se distinguem nos individuos os meio-sangue, o *quartezon* e o *quintezon*, no Brasil pelo menos parecem um pouco ociosas, descabidas e talvez de máo gosto essas subtilezas da vaidade.

Brancos e pretos, temol-os de todas as cores: pardo, fulo, cafús, cabo-verde, preto, branco, cariboca, caboclo, mulato, zambo, mazombo, mameleuco, mulato... numa serie infinita, sem quantidade e sem qualidade, mas sempre fóra da imprudencia alçada do recenseamento.

João Ribeiro.

(“America Brasileira”, Rio).

O CORAÇÃO DOS GORDOS

O coração nas pessoas gordas não é um coração doente. É um coração incommodo, perturbado na sua função. É, mal comparando, como um homem que enquanto escreve ou executa outro trabalho qualquer, é incommodo por alguém, que, com

brincadeira, puxando-o pelo caso, não n'o deixe trabalhar sozegado.

Essa grosseira comparação bastará para fazer comprehender que, como não toma remedios da botica para combater as brincadeiras que a distraem do trabalho, a pes-

soa perturbada por outra, assim também não deve tomar remedios proprios para o coração a pessoa gorda, em estado "normal do gordo", embora saiba que a falta de ar e outros padecimentos de que sofra sejam oriundos do coração perturbado.

No estado normal, toda gente tem certa quantidade de gordura no coração, mesmo os magros. Essa gordura reveste as arterias do coração e enche certos sulcos que existem entre o coração e o sacco dentro do qual elle se acha: o pericardio.

Este sacco é duplo. E' composto por duas membranas, a interna que é "serosa"; e a externa, que é "fibrosa".

Ora, quando essa gordura passa os limites normaes, embaraça a superficie do coração, penetra através das fibras musculares do myocardio. Essa gordura, infiltrando-se, entre uma fibra e outra, produz, fatalmente, o enfraquecimento das mesmas ou uma especie de "desfibração". Essa infiltração gordurosa enfraquece as fibras, separando-as. Pois aqui tambem é verdadeira a divisa belga: "*L'union fait la force*".

A força do coração, sendo o resultado da somma da força de cada uma de suas fibras, um coração com fibras fracas, invadidas pela gordura, é, por consequencia, um coração fraco, sem ser um coração doente, porque destruindo a gordura pela dieta e pelo exercicio, elle volta "a ser, quem dantes era".

Dissemos que a dieta e o exercicio des-tróem a gordura.

Aqui está um ponto importante. E que será dos infelizes que uma erronea orientação medica obriga ao repouso, justamente por causa do coração? Naturalmente, a gordura continuará a invadir e os pacientes, mesmo em repouso, continuarão a caminhar para o abysmo...

Além da infiltração gordurosa que o enfraque cada vez mais, o coração dos gordos se acha comprimido pela propria gordura e não pôde, livremente, exercer a sua função. Para produzir o trabalho necessario, que satisfaça ás solicitações do corpo, é preciso, pois, fazer esforços cada vez maiores. E eis o paradoxo da vida dos gordos: um coração cada vez mais fraco obrigado a trabalhar cada vez mais!

A essas duas causas, já por si tremen-

das, junta-se uma terceira, devido á plethora abdominal. Os gordos, todos sabem, têm ventre muito volumoso. Os profanos imaginam que aquillo tudo seja esmagão e intestinos colossae. Nada disso. Aquillo é gordura. E foi com verdadeira surpresa que nós vimos isso quando assistimos á primeira abertura de uma cavidade abdominal!

Tratava-se de uma senhora parda, gordissima. Quando o operador fez a "laparotomia", ao cortar a parede anterior do abdomen, offereceu-se aos olhos dos espectadores uma camada de gordura da espessura, approximadamente, de dez centímetros! Uma servente, recem-vinda do interior, não se conteve e exclamou:

— Chii!... Os porcos têm o toucinho nas costas, a gente o tem na barriga!

Qual é, para o coração, a consequencia de um grande abdomen, distendido pela gordura? E' a deslocação do orgão. O coração repousa, como se sabe, sobre o diafragma, que é uma especie de cupula tendo o vertice na cavidade thoracica e a base na cavidade abdominal. Está claro que, quanto mais a base se alarga, tanto mais o vertice se abaixa! Aos que têm noções de geometria, será muito facil imaginar um triangulo cujos lados, de comprimento determinado, obrigado a se afastarem, pelo alongamento extraordinario da base, fazem abaixar continuamente o vertice até cahir sobre a mesma base, e, nesse momento, o triangulo ficará reduzido a uma recta, confundindo-se com a antiga base do triangulo.

E' o que acontece com o diafragma das pessoas gordas: A cupula acaba por se confundir com o plano da base. E, uma vez transformada em plano, o coração que sobre elle repousava ficará deitado, isto é, de obliquo, quasi vertical, que era, torna-se absolutamente horizontal!

E' a "*Horizocardia*", de Rummo de Napolis.

Esse facto traz a torsão do coração e, portanto, ainda melhor liberdade de movimentos. Ora, é preciso saber que é pelos movimentos que o coração se chama "CORAÇÃO", isto é "pulador", "krid", "kurd", em Sanscrito (Pictet).

Dahi é facil comprehender-se a importancia que tem para esse orgão propulsor

de sangue e de vida, a liberdade de movimentos e a grande perturbação que a sua falta traz na gente gorda!

Essas tres cousas juntas dão em resultado os seguintes phenomenos que se verificam nos gordos: Respiração curta e superficial, dyspnéa (falta de ar), quando fazem qualquer esforço, tosse, e catarrho devido a um estado congestivo do pulmão, edema dos membros inferiores.

Esse phenomeno, em estado mais ou menos adeantado, existem em todos os obesos.

*

Comprehende-se bem que não deve ser com tonicos cardiacos e com os cardiocineticos que se deve combater a falta de ar, a inchação dos pés das pessoas gordas, e que não é com xaropes que se lhe deva combater a tosse e o catarrho bronchial!

E' preciso frizar bem este ponto porque, infelizmente, erros desses se praticam todos os dias.

Todos esses padecimentos dos gordos desapparecem com o desapparecimento da gordura excessiva.

Note-se bem: "Nós estamos tratando do "coração nos gordos", isto é, dos soffrimentos que as pessoas gordas têm normalmente, sem doença alguma, propriamente dita.

Para diminuir a gordura ha duas coussas reaes: comer menos e trabalhar mais.

Como "regimens" existem os de Oertel, Schroth, Karell, Guelpa, etc., que são todos mais ou menos aproveitaveis, desde que exista boa vontade por parte do paciente.

Praticamente, nós verificamos que nem sempre é questão do regimen e nem mesmo questão da boa vontade do doente. Muitas vezes são as condições sociaes que não permitem ao paciente curar-se da gordura, principalmente em se tratando de senhoras.

Dr. Nicolau Ciancio.

(“Jornal do Brasil”, Rio).

A ACCÃO DOS PODERES PUBLICOS NO VALLE DA AMAZONIA

O trabalho conjunto dos ministerios — o das Relações Exteriores e o da Agricultura — sob a vigilância do Sr. presidente da Republica, sobre o meio de desenvolver o cultivo intenso e intelligente da borracha, facilitando, deste modo, a entrada de capitaes, principalmente de americanos, vai marcar uma nova era na historia economica do Brasil.

Pela simples substituição dos impostos de exportação, para o de capital, obedecendo a uma porcentagem fixa, determinada, o Sr. Arthur Bernardes facilita a abertura dos diques da Amazonia, até aqui fechados, economicamente falando, ao commercio mundial.

O entendimento cordial entre as duas nações mais importantes deste continente é de tal valor, de tão grandes consequencias, que só é dado aos homens de visão aferirem os seus magnos effeitos.

Este acordo é acompanhado de medidas sabias, que irão facilitar a entrada de capitaes de que tanto preconisamos, acompanhado de pessoal apto e experiençia provada, na região das Indias, sob a

soberania da Inglaterra e da Hollanda.

Quando, pela primeira vez, se agitou a idéa no Brasil, no momento psychologico, da situação em que iam se collocar os grandes consumidores de borracha, neste paiz, creada pela lei Stevenson, tivemos occasião de conferenciar com dois representantes dos mais importantes cultivadores de borracha no Oriente, e delles ouvimos, calculadamente ou não, que o grande impecilio para o renascimento dessa industria, aliás nativa no Amazonas, estava justamente na alta da mão de obra naquelle valle.

Pois bem, este phantasma, qual cavalo de batalha, em que elles se apoiavam, graças á acção clarividente dos dois ministerios, acaba de ser solvido com o apoio franco dos governadores do Amazonas e do Pará — aceitando o braço asiatico.

Parecerá uma chiméra o que vamos adiantar, mas que se vê claramente desponiar no horizonte, isto é, que em menos de dez annos, uma grande transformação ter-se-ha de operar na Amazonia,

formando um centro de irradiação comercial como nunca visto no Brasil. As cidades de Belém e de Manáos, e outras que se fundarem, constituirão o emporio, não só do grande valle, como dos territórios do Perú, Bolivia, Colombia, da própria Venezuela. Nesse desenvolvimento o nosso próprio sul terá de se equilibrar, com o norte, pelo lado económico. E quanto ás Indias a sua queda ter-se-há de dar, mais dia menos dia, pela simples lei da oferta e da procura.

A imigração affluirá em massa, em proporções de assombrar a nós mesmos. Milhões e milhões de arvores de *Hevea Brasiliensis*, que ali têm o seu habitat, serão cultivadas com maximo esmero, desde a boca do Amazonas até áquellas zonas, cujas distancias offereçam base de facil transporte. Intelligentemente drenadas, em beneficio dos que têm de ali mourejar, para sua existencia, conforto e felicidade. Toda essa vida monotonía, artificial, por que até aqui tem passado o seringueiro amazonense, terá de desaparecer, pela facilidade de transportes por agua e por terra. Cultivadores de borracha e de generos alimenticios obterão, desse modo, a devida compensação pecuniaria na proporção de seus esforços. Trabalharão como homens livres e não como escravos, como o têm sido até aqui.

Teremos escolas de primeiro e segundo gráos, hospitaes, campos de experiencias, grandes entrepostos commerciaes, parques de diversão, theatros, cinemas, etc., para o conforto, educação e felicidade dos que ali forem viver á sombra de nossa bandeira, sempre hospitaleira.

Estamos prevendo, com a maior segurança, estas transformações, no valle da Amazonia, pelo estudo das photographias que nos foram ministradas pelo Sr. Stewart Hothkiss, presidente da *General Rubber Company*, com plantações gigantescas em Singapura, Java, Sumatra, Ceylão, etc., tão bem cuidadas como as nossas melhores fazendas de café em São Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Paraná. Verdadeiras organizações agrícolas que nos vieram á lembrança, o *Guatepará*, o *Chapadão*, as fazendas-modelo de F. Schmidt, Carlos de Magalhães e outras, servidas pelas estradas *Paulista*, *Mogyana* e *Sorocabana*. Toda essa transformação

podendo ser levada a effeito em menos de dez annos!

Até aqui prevaleceu no espirito de muita gente que os climas tropicaes não se adaptam á vida do homem branco. Engano manifesto. Tanto se vive bem no norte como no sul do Brasil. Tudo dependendo de cada um adaptar-se ao meio em que vai viver.

Com os grandes serviços prestados pela hygiene, na Luisiana, Cuba e Panamá, dizia-nos o saudoso Roosevelt: "Pôde-se viver tão bem no Panamá como aqui", apontando-nos o bairro de Oyster Bay, em Nova York.

Santos foi, em outros tempos, como o Rio de Janeiro, o foco da febre amarela. Culpavam o clima, a alta temperatura, quando a causa principal, unica, era a sujidade exposta á vista do publico, nas duas cidades. Graças, porém, ao trabalho heróico de Emilio Ribas, em São Paulo, e do inolvidável Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, a febre desapareceu por completo das duas cidades.

O governo brasileiro, aceitando, de braços abertos, a cooperação do asiatico, pelo qual tanto se interessa o capitalista americano, mórmente o chinez, irá resolver o problema do salario, como já dissemos acima, equilibrando-o com o do nacional, tanto na industria da borracha como na agricultura.

O chinez é sobrio, trabalhador, diligente, pacifico. Foi o braço direito dos primeiros agricultores americanos na Califórnia, contribuindo, ao mesmo tempo, para a construcção da estrada de ferro de S. Francisco a Omahá.

Na opinião do Sr. St. John, presidente da *National Surety Company*, não consta qualquer abuso de confiança commettido pelo chinez. E nós mesmos tivemos informações que a direcção de muitos bancos japonezes está entregue a chinezes. Attribue-se esse traço de seriedade á vida tranquila que elle leva, e ser, ao mesmo tempo, fatalista..

Para o valle da Amazonia desenvolver-se só lhe falta redea solta. Todos os elementos lhe favorecem. Em muito pouco tempo porá, no devido lugar, todos os seus concorrentes.

Nova York, 1º de Agosto de 1923.



NOTAS DO EXTERIOR

O ESFORÇO INTELLECTUAL DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A peninsula iberica, que creou o "D. Quixote", creou tambem os "Luissiadas". No idealismo latino qual desses dois poemas é o maior? Quixote teve de lutar contra a organisação policiada das cidades, a barreira dos caminhos, as reacções dos "pueblos". Elle embarcou na caravella de Gama e lá se foi com Cabral em busca da Dulcinéa de Toboso na America do Sul. Acompanhou-o uma força latina de cohesão, de construcção e de cultura. Era o jesuita.

Desapparecido o imperio romano, a egreja catholica herdou-lhe o espirito de organisação e de conquista. O ultimo legionario, ao contrario do que informa a historia, não parou nos limites latinos da Rumania. No seculo dezeseis, foi lançar no Uruguay as bases das suas "Missões", e fundou, no Brasil, a cidade de Piratininga, que devia engendrar a força e a riqueza de S. Paulo de hoje.

Houve, pois, na formação inicial do Brasil, tres elementos diversos: o indio, o portuguez e o padre latino. O negro veiu da Africa, pouco tempo depois.

Reconhecendo a efficacia da fé no bom exito das suas emprezas, o portuguez, que, sózinho, logrou resistir ao missionario, deu-lhe, nas primei-

ras assembléas do continente descoberto, uma ascendencia preponderante. O indio polytheista não tardou a agregar um novo deus á sua mythologia, e o negro, habituado a ver em tudo manifestações sobrenaturaes, deixou-se baptizar com uma alegria de creança. Passae pela memoria os nomes das montanhas, dos rios, das cidades do Brasil, e vereis que o calendario romano é pobre de santos para fornecer patronos aos páramos sem limites.

Este phenomeno do dominio intelectual do padre latino na formação da sociedade sul americana, contribuiu, mais do que se pensa, a afastar della os perigos das heterodoxias futuras. A escolastica constituiu, pois, muito naturalmente, a semente do pensamento brasileiro. Ainda hoje ella continua a sua longa carreira na Faculdade de Philosophia e Letras de S. Paulo, nos seminarios e nos collegios dos estados confederados, sendo actualmente a base da cultura de Alexandre Corrêa. Mas ao lado della, um movimento nacional achou a sua expressão superior, no começo deste seculo, na obra do philosópho Farias Brito. Dois livros precedem, como documentos, a obra do mestre Farias Brito. Refiro-me ás "Religiões do Rio", de João do Rio, que

trouxe para as letras brasileiras um contingente pittoresco, e o "Meu Flos santorum", de Severiano de Rezende, que é o romantismo do pensamento católico. A obra de Farias Brito não tem nenhuma relação com estes curiosos ensaios e se podein ser citados ao lado do esforço metaphysico deste philosopho, ocorre isto sómente para demonstrar a mentalidade expectativa do Brasil por meio de graphico, que se pôde continuar nestes ultimos annos pela obra de Jackson de Figueiredo, Renato Almeida, Castro e Silva, Nestor Victorio, Almeida Magalhães, Xavier Marques, Perillo Gomes e Tasso Silveira. Farias Brito foi orientado por uma alta cultura. Elle apareceu no tempo em que as duas mais celebres correntes de importação que nos dirigiram, a dos germanistas de Tobias Barreto e a dos positivistas de Teixeira Mendes, imprimiram um terceiro movimento, que deixo de considerar como uma corrente, tão flagrante é o seu exotismo. Nas faculdades de São Paulo e de Recife, os lentes pregavam o scepticismo pseudo scientifico sahido das escolas deterministas de direito da Allemanha e da Italia, enquanto Farias Brito, modesto e ignorado, exprimia, na faculdade do Pará, o impulso anonymo da fé pantheista da nossa raça.

A primeira parte da obra de Farias Brito é uma bella critica das psychologias nihilistas da Inglaterra, da França e da Allemanha. Elle busca, sobre a "base physica do espirito", estabelecer uma psychologia authentica, para levar mais longe suas indagações, e pouco depois, no mundo interior.

O deismo ganha ahi todas as seduções de uma natureza que não tem necessidade de exegese: Deus é a energia presente em que a idéa e a realidade se confundem. O mundo é sua actividade intellectual. O mundo é Deus que pensa.

Um exemplo da nossa curiosidade intellectual e critica pôde ser dado pelo livro recente do sr. T. L. Penido, publicado em franeez, editado por Felix Alcan, e que exprime bem o logar do

pensamento brasileiro perante o intuitionismo de Henry Bergson.

Roquete Pinto, no dominio da ethnographia, illustra a obra da catechese, restaurada na época presente pelo general Rondon, de origem india, que approxima da civilisação do Rio, São Paulo e de outras captaes uma vasta região onde se insulavam tribus esquecidas.

Uma das faces da nossa historia, a da conquista e da fixação geographica operadas pelos bandeirantes, que, em busca do ouro, demandavam o interior, sahido de S. Paulo, occupa o espirito do sr. Washington Luis, que é um excellente biographo. O sr. Affonso Taunay faz tambem elucidações e criticas do passado dos exploradores paulistas; e as fronteiras do sul inspiram ao sr. Fernando Nobre um livro muito documentado.

O sociologo sr. Oliveira Vianna, estudando os costumes, as tradições e os panoramas psychicos, estabelece a these do nosso idealismo, opposto ás realidades da terra. Com effeito, d. Quixote, atravessando o mar, não esqueceu as suas leituras. Elle gosava, até ao desvario, os romances de cavalaria, os sonetos, os bellos nomes preciosos e as proezas ideaes. Assim, pois, a literatura brasileira acompanha primeiramente uma linha descendente, que parte das imitações do classicismo iberico, para esbarrar no esforço nacional de Machado de Assis. E' ahi que ella começa a ter uma realidade superior ao mesmo tempo que nacional.

Verdade é que o sentimento brasileiro de annuncjava já nos cantos coloniaes de Brasilio da Gama, no instincto indianista do nosso poeta Gonsalves Dias e na lingua pittoresca de José de Alencar. Havia mesmo nos romances deste ultimo o esboço de tipos que poderiam servir ainda hoje de base psychica á nossa literatura. O aventureiro Lauredano, Izabel, Rogerio Dias, o explorador de minas illusorias, são verdadeiras "bandeiras" das nossas preocupações creadoras. Mas ao lado dessas realidades havia o

Guarany idealizado e falso, Iracema, verdadeiramente chateaubrianesca.

O portuguez boquiabriu-se deante da natureza do mundo descoberto, e para exprimir o seu entusiasmo, recorreu aos seus conhecimentos greco-latinoes. Alencar não foi um desses bons coloniaes que escreveram nossos primeiros poemas, misturando o astucioso Ulysses e a divina Aspasia com os côcos e com as bananas... Mas não logrou libertar-se da influencia de importação que vinha ampliar o scenario dos novos paramos. A reacção contra a loquacidade sul-americana operou-se no Brasil por intermedio do sangue negro. O negro é um elemento realista. Isto observou-se ultimamente nas industrias decorativas de Dakar, na estatuaria africana, posta em relevo por Picasso, Derain, André Lothe e outros artistas celebres de Paris, na anthologia, tão completa, de Blaise Cendrars. De resto, elle, que vinha da África, não podia maravilhar-se deante da nossa paizagem. O portuguez, ao chegar, fazia sonetos, e o negro, por seu turno, afim de expressar suas alegrias ou suas maguas, rufava nos urucungos...

Machado de Assis, branco de epiderme e cumulado de louvores pelos brancos, obteve equilibrio, devido ao seu sangue negro.

Nos seus romances, que são, de resto, nossas melhores obras de ficção, não ha um desvio inutil de paizagem, nenhuma gafa lyrica. Esse escriptor, porém, encerrado nas suas funções burocraticas, no Rio, não pôde apanhar todo o horizonte do paiz. Uma excelente contribuição, entretanto, trouxe-nos um homem de sciencia, Euclides da Cunha, escriptor poderoso, engenheiro e geologo, que, como official do exercito, fez parte na repressão de uma revolta mystica que convulsionou o Estado da Bahia; e elle fixou no seu livro, "Os sertões", o scenario, a alma e a vida daquelle população oriunda do aventureiro e da mestiça.

A contribuição de materiaes destinados a uma literatura nacional definitiva foi fornecida por Inglez de Souza, que fez um riquissimo quadro das

sociedades amazonicas, por Afranio Peixoto e pelos naturalistas Aluizio Azevedo e Julia Lopes de Almeida.

Afranio Peixoto é o medico que penetrou no interior do paiz. O caracter audaz da moça do sertão, esboçado por outros escriptores, foi estudado a fundo pela sua observação tanto clinica como adivinhadora. "Fruta do Mato", que elle creou, é um dos typos femininos mais interessantes das nossas letras.

Já se vê ahi o que deveria ser, mais tarde, Alba Regina no drama da capital americana, produzido pelo lyrismo actual de Menotti Del Picchia. Por outro lado, Graça Aranha tratava, antes de todos, do problema das novas immigrações da Europa. Em "Chanaan" está desenhado e completo o romance da fadiga européa, a contrastar com aquelle amplissimo territorio, onde ha toda a liberdade e onde são possiveis todas as regenerações. Aqui tambem a mulher se dirige pelo caminho do imigrante.

Uma série inteira de escriptores estava a preparar o romance de hoje. Por outro lado, o sentimento anunciado pelos longinquos poetas que tomaram parte na tentativa da independencia de Minas, afastava-se, pouco a pouco, dos moldes classicos de Portugal, tão bem defendidos pela cultura lusitana de Gonçalves Dias. Produzia-se então um pouco por toda a parte, nos cantos negros, nos cantos caboclos, para se diluir, na ingenuidade primitiva de rythmos pobres, em Casimiro de Abreu. Este é o primeiro cantor da nossa melancolia de raças exiladas no meio de um paraizo mal conquistado. Os melhores cantos de amor, cheios dessa tristeza, fel-os o seu successor Olavo Bilac.

Estabeleceu-se outra corrente: a das villas nascentes, que começaram a reflectir os movimentos poeticos europeus. E' Alvares de Azevedo, que reproduz Lord Byron; é Castro Alves, que imita Victor Hugo; são Alberto de Oliveira, Emilio de Menezes, Raymundo Corrêa e Francisca Julia, que adoptam os processos da metrica rigorosa do parnasianismo fran-

cez. Felix Pacheco traz sua contribuição revolucionaria. E depois de Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens, entra-se no periodo da musicalidade, representada por Olegario Marianno, na poesia e por Alvaro Moreyra, na prosa. Outros espíritos procuram também aproximar-se da pura verdade nacional, anunciada pelos cantos anonymos dos sertões, a cantiga nostalгica do vaqueiro, do alimocreve, do negro e do caipira.

O regionalismo surge nos quadros rústicos de Ricardo Gonçalves e Cornelio Pires em S. Paulo, e, sobretudo, nos poemas espontâneos e líricos de Catullo da Paixão Cearense. Elle canta a lua que magnetiza as pantheras, os diluvios periódicos do Amazonas, que engole florestas e aldeias. Este drama das "terras calidas" e que desaparecem em seguida, é o phénomeno que se produz no coração do brasileiro, que vê partir sua amada nos braços do outro.

Nosso amor sul-americano tem um sainete inteiramente diverso do das antigas civilizações, onde os lexícos definitivos possuem todas as espécies de receitas e de regimens para os casos de desdita e onde a tradição reproduz as mesmas soluções seculares. Geralmente os nossos homens vêm em cada mulher que passa, uma Sabina a raptar, a despeito de todas as consequências, porque o nosso amor é feito da lembrança sexual da mulher branca que os primeiros navegadores deixaram na Europa ao tentar as suas incertas expedições.

Dada nossa matéria psychologica e nosso sentimento étnico, a obra do Brasil contemporâneo consiste em alliar a estas riquezas adquiridas uma expressão e uma forma que podem dirigir nossa arte para o apogeu. Estamos assistindo ao esforço científico da criação de uma língua independente, por sua evolução, da língua portugueza da Europa. Recebemos como benefício todos os erros de syntaxe do romancista José de Alencar, e do poeta Castro Alves, e o folk-lore não attingiu sómente o domínio philosophico.

Dois filólogos de boa cultura cumprim os desejos esboçados pela graça sertaneja de Cornelio Pires e pelo poder de expressão de Catullo. Enquanto o sr. João Ribeiro tratava de fundar, em trinta e duas notáveis lições, uma língua nacional, o sr. Amadeu Amaral construia a nossa primeira gramática regionalista. A obra dos dois ilustres académicos esqueceu, entretanto, a contribuição do jargão das grandes cidades brasileiras, onde começa a brotar, em São Paulo principalmente, uma surpreendente literatura de novos imigrantes.

Faltava a e closão das realidades presentes, onde o fundo e a forma, matéria, sentimento e expressão pudessem dar ao Brasil de hoje a medida intelectual da sua mobilização industrial, técnica e agrícola. Os ensaios do escritor Monteiro Lobato, em São Paulo, fizeram comprehendér afinal que o Brasil se encarregava dessa responsabilidade. O sr. Lobato teve a audacia de sahir do domínio puramente documental, em que se acantonavam Veiga Miranda, Albino Moreira, Godofredo Rangl e Waldomiro Silveira, reagindo também contra o urbanismo que dava a visão histórica do polygrapho Elysio de Carvalho, a obra de Thomas Lopes e João do Rio, e a primeira phase poética de Guilherme de Almeida.

Lobato tinha um longo conhecimento do Brasil, tendo feito seus estudos em S. Paulo, tornando-se fazendeiro em seguida. A obra de ficção, desejada por Machado de Assis, realizou-se com a criação do tipo de Geca Tatú. Era o insecto inútil da terra magnifica que, para gosar um espectáculo e ter uma ocupação, queimava as matas. O senador Ruy Barbosa, que foi o leader das honestas aspirações políticas do Brasil, aproveitou-se do símbolo e desvendou-o numa das suas grandes campanhas eleitoraes. Geca Tatú é o Brasil apático, sem idealismo são.

O símbolo vingou-se. A imaginação popular viu nesse o Brasil tenaz, cheio de resistências físicas e morais, fatalizado mas não fatalista, tendo ado-

ptado, pelas circumstancias das suas origens e do seu exilio, esta especie de vocação para a infelicidade, observada inconscientemente pelos ethnologos e pelos romancistas. Lobato conveiu que Géca Tatú queimava as matas nativas para deixar ao imigrante novo a possibilidade de extender a "onda verde" dos cafezaes. Elle era o precursor da riqueza americana, aberta a todas as tentativas das raças viris.

A influencia de Lobato augmentou. Assim como se fez ethnologo sem o querer, tambem se fez estheta. Estas palavras, que extraio ao seu volume "Onda verde", em que elle estuda a plantação de milhões de cafeeiros, feita pelos paulistas, transformando em realidades de culturas immediatas, o velho sonho do ouro das minas longinas,

ginquas, são o programma da actual geração literaria do Brasil: "A epopéa, diz elle, a tragedia e a comedia do café, eis os grandes themas... sentir e contar a historia da onda verde que digere as matas virgens".

Com esse efeito, já se começa a ver, nas nossas obras poeticas, novellas e romances, uma verdadeira anthologia do café, nas suas mais varias e remotas consequencias. Nella se debate sempre o problema das velhas aristocracias em lucta coi a invasão immigratoria das raças novas. Lobato, entretanto, pouco se importa com as indagações criticas de Suárez, de Jules Romains, de André Salmon, de Elie Faure, de Lothe, Cocteau, Gleises, Henry Prunières e com as novas gerações de Portugal, de Italia e de Hespanha; não busca verificar se o nosso indianismo era natural no tempo de Chateaubriand, ou se, pela segunda vez, poderia tratar-se de uma coincidencia de etapas entre a nossa literatura e a européa. Seja como for, elle põe ainda em foco aspectos ineditos da vida americana. O lado documental é que o apaixona, e elle inicia o retorno ao regionalismo, contrabalançado apenas pela imaginação de Deabreu e pela verve de Léo Vaz.

Mario de Andrade publicou então as suas primeiras poesias. Conhecedor da terra e da lingua, dos ry-

thmos regulares e dos novos effeitos, creou a poesia livre, desconhecida no Brasil, onde, entretanto, já se conheciam alguns versos de Manuel Bandeira. Menotti Del Picchia creou o poema da raça "Juca Mulato". Seu prestigio era grande como o de Ronald de Carvalho, que já tinha dois livros coroados pela nossa Academia, do qual um é uma historia da literatura brasileira. Um e outro combatem ao lado de Mario de Andrade, que é atacado pelos srs. parnasianos e maniacos da escolastica. Guilherme de Almeida, poeta justamente eleito pela preferencia do publico, junta-se ao movimento renovador. E a chegada de Graça Aranha da Europa imprime ao movimento um interesse mais vivo. Este é um dos nossos literatos mais respeitados. Academic, professor de direito, tendo vivido longo tempo no meio das grandes civilisações, foi profunda a sua influencia. Elle ligou-se imediatamente à geração constructora. Sob a iniciativa de Paulo Prado, sobrinho e herdeiro das qualidades aristocraticas e intellectuaes do escriptor Eduardo Prado, organizou-se uma semana de arte moderna brasileira.

A corrente alcançou realizações estheticas: os "Epigrammas ironicos e sentimentaes", de Ronald de Carvalho, onde a poesia brasileira atinge a sua mais alta expressão nacional, "O Momem e a Morte", de Menotti Del Picchia, que, pela sua belleza, faz recordar a parte da obra de Claudel que traz um cunho lyrico brasileiro. Outros escriptores da nossa geração prendem-se antes à America psychologica de Valéry Larbaud, ao Brasil cinematographic de Jules Romains e às visões exactas de Joseph Conrad e Gomez de La Serna, que às simples exaltações do nosso anecdotario regional. É uma questão de bom exito. Assim, Pedro Rodrigues de Almeida procura mesmo crear, pelo cuidado de composição de suas novellas, um classicismo americano; Serge Milliet, que está constantemente na Europa, traz o senso da cultura franceza contemporanea à poesia livre

das extensões, das minas de ouro, das viagens; e Ribeiro Couto e Affonso Schmidt, poetas modernos, tocam de uma particular sensibilidade a alma das cidades brasileiras.

A critica do paiz, pelos seus melhores representantes, Tristão de Athayde, Nestor Victor, J. A. Nogueira, Fabio Luz, recebe com sympathia e encoraja as primeiras obras do movimento, que toma uma expressão mais larga na revista "Klaxon". Uma mocidade inteira concorre com o seu entusiasmo. Ela é composta dos poetas Luiz Aranha, Tacito de Almeida, Agenor Barbosa, Piinio Salgado, do novellista René Thiollier e dos ensaistas Rubens Moraes, Candido Mota Filho, Couto de Barros e Sergio Buarque de Hollanda. Joaquim Inojosa introduz as novas idéas em Pernambuco, e Carlos Drummond e Mario Ruis em Minas. Ao mesmo tempo, o theatro, dirigido para as fontes nacionaes pela obra de Claudio de Souza e Oduvaldo Vianna, encontra em graça Aranha uma forte manifestação lyrica. "Malazarte", que é um quadro das nossas energias pantheistas, foi montado no theatro de L'Oeuvre, em Paris. E ao lado dos fervorosos regionalistas que exigem um theatro de documentação, uma "élite" acompanha os trabalhos e as tentativas de Jacques Copeau em França e de Dario Nicodemi, que, na Italia, renova a scena com Pirandello. As outras artes tambem iniciam sua evolução para as finalidades do paiz e os seus successos expressivos.

A escultura, na antiga colonia, possuia o seu precursor. Era um cavouqueiro de Minas, que tinha a alcunha de "Aleijadinho", devido a uma deformidade. E' d'ahi e dos primeiros curiosos da Bahia e do Rio, dos quaes os mais celebres são Chagas e Cabra e Mestre Valentim, que o nosso sculptor Victor Brecheret tenta extrahir hoje a sua arte. Brecheret quiz a principio dar a S. Paulo, onde nasceu, a expressão da sua historia. O movimento immigratorio, operado desde a descoberta até hoje, por europeus de todos os climas e ori-

gens, inspirou-lhe o projecto do monumento das "bandeiras". As bandeiras eram as antigas organisações dos habitantes de S. Paulo, que, partindo da capital para o interior, à procura do ouro, indicaram á patria os seus limites geographicos e á raça os seus caracteres ethnicos.

Em Paris, o tradicionalismo da obra actual de Victor Brecheret tem uma fonte numa pequena estatua que elle intitulou "Idolo", tendo dirigido suas linhas e seu estylo para a estatuaria negro-indiana da colonia.

Na pintura, creada no Rio por Debret, que fazia parte da missão francesa de cultura, contratada por d. João VI, ha toda uma tradição do retrato e de assumptos historicos. Dois precursores, Leandro e Olympio da Mata, não tiveram outros continuadores mais que Helios Seelinger. Leandro, que pintou, para uma egreja, a familia real de Portugal chegando á colonia, com a Santa Virgem nas nuvens e o Anjo da Guarda ao lado, foi forçado, pelos patriotas de 1831, a inutilizar essa tela, que seria porventura a obra-prima da nossa pintura antiga.

Na pintura como na literatura, a lembrança das formulas classicas impidiu durante muito tempo a eclosão da verdadeira arte nacional. Sempre a obcessão da Arcadia com seus pastores, sempre os mythos gregos ou então a imitação das paizagens da Europa, com seus caminhos faceis e seus campos bem alinhados, tudo isso numa terra onde a natureza é rebelde, a luz é vertical e a vida está em plena construcção. A reacção contra os museus da Europa, de que resultou a decadencia da nossa pintura oficial, foi operada pela semana d'arte moderna, que se realizou em São Paulo. Protestámos então contra os processos, quer fossem do Pedro Americo, quer do casal Albuquerque, quer da mera decomposição nacionalista de Almeida Junior. Os novos artistas, precedidos por Navarro da Costa, começaram a reacção, adoptando os processos modernos, oriundos do movimento cubista da Europa. O cubisto

foi um protesto contra a arte imitadora dos museus.

Di Cavalcanti, Annita Malfatti, Zina Aita, Rego Monteiro, Tarsila do Amaral e Yan de Almeida Prado lançam as bases de uma pintura realmente brasileira e actual.

A musica soffreu no Brasil a mesma imitação européa. Carlos Gomes, que foi, até certo tempo, o maior dos nossos musicos, apoucou-se ante a reacção para as nossas verdadeiras origens, auxiliada pelas audacias rythmicas adquiridas depois de Debussy. Nossa musica não está no canto melodico italiano; ella vive no urucungo do negro, na vivacidade rythmica do indio, na nostalgia do fado portuguez. Neste particular, os compositores Nepomuceno, Alexandre Levy e Francisco Bra-

ga annunciam todas as nossas riquezas. Glauco Velasquez iniciou a estylisacão actual, que encontrou em Villa-Lobos o mais forte e o mais audacioso dos nossos representantes.

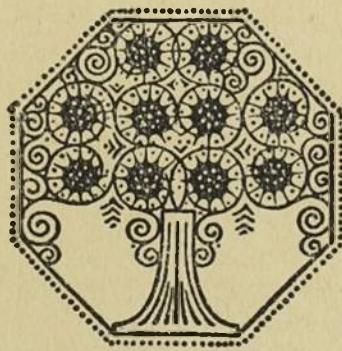
A musica contemporanea do Brasil é representada por Tupinambá, Nazareth, Sousa Lima, Fructuoso Vianna.

O Brasil, sob um céo deista, toma consciencia do seu futuro.

Em França, nosso embaixador diplomatico, sr. Souza Dantas, é tambem o nosso embaixador intellectual. Elle preside, pelo prestigio da sua intelligenzia e da sua cultura, a uma delegação artistica do Brasil contemporaneo, que procura servir de mais perto a obra commun da latinidade.

Oswald de Andrade.

(Da "Revue de l'Amerique Latine")





CURIOSIDADES

O NOSSO JOGO

Transcrevendo-o do **Correio do Povo**, de Porto Alegre, publicou **O Paiz**, em o seu numero de 22 do corrente, um artigo com o titulo: "Cultivemos o jogo de capoeira e tenhamos asco pelo da boxa", firmado pelo correspondente do jornal gaúcho nesta cidade, Dr. Gomes Carino.

Concordando in limine com o que diz o articulista, valho-me da oportunidade que me abre tal escripto para tornar a um assumpto sobre o qual já me manifestei e que tambem já teve por elle a penna diamantina de Luiz Murat.

A capoeiragem devia ser ensinada em todos os collegios, quarteis e navios, não só porque é excellente gymnastica, na qual se desenvolve, harmonicamente, todo o corpo e ainda se apuram os sentidos, como tambem porque constitue um meio de defesa individual superior a todos quantos são preconizados pelo estrangeiro e que nós, por tal motivo apenas, não nos envergonhamos de praticar.

Todos os povos orgulham-se dos seus esportes nacionaes, procurando, cada qual, dar primazia ao que cultiva.

O francez tem a savate; tem o ingles o box; o portuguez desafia valentes com o sarilho do varapau; o hespanhol maneja com orgulho a navalha

catalan, tambem usada pelo fadista portuguez; o japonez julga-se invencivel com o seu jui-gitsú e não falo de outros esportes classicos, em que se treinam, indistinctamente, todos os povos, como a luta, o pugilato a mão livre, a funda e os jogos d'armas.

Nós que possuimos os segredos de um dos exercícios mais ageis e elegantes, vexamo-nos de o exhibir e, o que mais é, deixamo-nos esmurrar em rinks por machacazes balordos que, com uma quebra de corpo e um passe baixo de um "ciscador" dos nossos, iriam mais longe das cordas do que foi Dempsey á repulsa do punho de Firpo.

O que matou a capoeiragem entre nós foi... a navalha. Essa arma, entretanto, subtil e covarde, raramente apparece na mão de um chefe de malta, de um verdadeiro capoeira, que se teria por deshonrado se, para derrotar um adversario, se houvesse de servir do ferro.

Os grandes conductores de malta — guayamús e nagôs, orgulhavam-se dos seus golpes rapidos e decisivos e eram elles, na giria do tempo: a cocada, que desmandibulava o camarada ou, quando atirada ao estomago, o deixava em syncope, estatelado no meio da rua, de boca aberta e olhos em alvo; era

o grampeamento, lanço de mão aos olhos, com o indicador e o annular em forquilha, que fazia o mano ver estrellas; era o cotovello em ariete ao peito ou ao flanco; era a joelheira; era o rabo de raia, risco com que Cyrlaco derrotou em dois tempos, deixando-o sem sentidos, ao famoso campeão japoñez de jiu-gitsú; eram as rasteiras, desde a de arranque, ou tesoura, até a baixa, ou bahiana; eram as canelladas, e os ponta-pés em que alguns eram tão ageis que chegavam com o bico quadrado das botinas ao queixo do antagonista; eram as bolachas, desde o tapa-olho, que fulminava, até a de beiço arriba, que esborcinava a boca ao puaia. E os ademanes de engano, os refugos de corpo, as negaças, os saltos de banda, á maneira felina, toda uma gymnastica em que o athleta parecia elastico, fugindo ao contrario como a evita-lo para, a subitas, cahir-lhe em cima, desarmando-o, e fazendo-o mergulhar num "banho de fumaça".

Era tal a valentia desses homens que, se se fechava o tempo, como entâc se dizia, e no tumulto alguém bradava um nome conhecido como: Boca-queimada, Manduca da praia, Trinca-espinha ou Trindade, a debandada começava por parte da polícia e viam-se urbanos e permanentes valendo-se das pernas para não entregarem o chanfalho e os queixos aos famaizes que andavam com elles sempre de candeias ás avessas.

Dessa geração celeberrima fizeram parte vultos eminentes na politica, no professorado, no exercito, na marinha, como — Duque Estrada Teixeira, cabeça cutuba tanto na tribuna da oposição como no mastigante de algum parola que se atrevesse a enfrenta-lo á beira da urna; o capitão Ataliba Nogueira; os tenentes Lapa e Leite Ribeiro, dois barras; Antonio Sampaio, então aspirante de marinha e por que não citar tambem Juca Paranhos, que engrandeceu o titulo de Rio Branco na grande obra patriotica realizada no Itamaraty, que, na mocidade, foi bonzão e d'isso se orgulhava nas palestras intimas em que era tão pittoresco.

A taes heroes sucederam outros: Augusto Mello, o cabeça de ferro: Zé Caetano, Braga Doutor, Caixearinho, Ali Babá e, sobre todos o mais valente, Placido de Abreu, poeta, comediongrafo e jornalista, amigo de Lopes Trovão, companheiro de Pardal Mallet e Bilac n'O Combate, que morreu, com heroicidade de amouco, fuzilado no tunnel de Copacabana, e só não dispersou a treda escolta, apesar de enfraquecido, como se achava, com os longos tratos na prisão, porque recebeu a descarga pelas costas, quando caminhava na treva, fiado na palavra de um official de nome romano.

Cahindo d'encontro ás arestas da parede aspera, ainda soergeu-se, rilhando os dentes, para despedir-se com uma volta dos que o haviam covardemente atraiçoados. Eram assim os capoeiras de então.

Como os leões são sempre acompanhados de chacais, nas maltas de taes valentes immiscuam-se assassinos cujo prazer sanguinario consistia em experimentar sardinhas em barrigas do proximo, deventrando-as.

O capoeira digno não usava navalha: timbrava em mostrar as mãos limpas quando sabia d'un turumbamba.

Generoso, se traibolhava o adversario, esperava que elle se levantasse para continuar a luta, porque: "Não batia em homem deitado"; outros diziam, com mais desprezo: "em desunto".

Nos terríveis recontros de guayamús e nagôs, se os chefes decidiam que uma questão fosse resolvida em combate singular, enquanto os dois representantes das cores vermelha e branca se batiam, as duas maltas conservavam á distancia e fosse qual fosse o resultado do duello de ambos os lados rompiam aclamações ao triumphador.

Dado, porém, que, em taes momentos, estrillassem apitos e surgissem policias, as duas maltas confraternizavam solidarias na defesa da classe e era uma vez a Força Publica, que deixava em campo, além do prestigio, bons em barda e chanfalhos á ufa.

O capoeira que se prezava tinha ofício ou emprego, vestia com apuro e, se defendia uma causa, como aconteceu com a do abolicionismo, não o fazia como mercenário.

O capanga, em geral, era um perengue, nem carrapeta, ao menos, porque os carrapetas, que formavam a linha avançada, com função de escoteiros, eram rapazolas de coragem e destreza provadas e sempre da confiança dos chefes.

Nos morros do Vintém e do Nhéco, reuniam-se, às vezes, conselhos nos quais eram severamente julgados crimes e culpas imputados a algum dos das farandulas. Ladrões confessos eram logo excluídos e assassinos que não justificassem com a legitima defesa o crime de que eram denunciados eram expulsos e às vezes, até, entregues à polícia pelos seus próprios chefes.

Havia disciplina em tais paudilhas. Quanto às provas de superioridade da capoeiragem sobre os demais esportes de agilidade e força são tantos os exemplos que seria prolyxa a enumeração: Além dos feitos dos contemporâneos de Boca queimada e Manduca da praia, heróis do período aureo do nosso desestimado esporte, citarei, entre outros, a derrota de famoso jogador de pau, guapo rapagão minhoto, que Augusto Mello duas vezes atirou de catrambias no pomar da sua chacaria em Villa Isabel onde, depois da luta e dos abraços de cordialidade, foi servida vasta feijoada. Outro: a tunfa infligida a um grupo de marinheiros franceses de uma corveta Pallas, por Zé Caetano, e dois cabras destorcidos. A maruja não esteve com muita delonga e, vendo que a coisa não lhe cheirava bem em terra, atirou-se ao mar, salvando-se, a nado, da agilidade dos tres turunas que a não deixaram tomar pé.

A ultima demonstração da superioridade da capoeiragem sobre um dos mais celebrados jogos de destreza deu-nos o negro Cyriaco no antigo Pavilhão Paschoal Segreto, fazendo afocinhar, com toda a sua sciencia, o jaetancioso japonez, campeão do jiugitsú.

Em 1910 Germano Haslocher, Luiz Murat e quem escreve estas linhas pensaram em mandar um projecto à Mesa da Camara dos Deputados, tornando obrigatorio o ensino da capoeiragem nos institutos officiaes e nos quarteis. Desistiram, porém, da idéa, porque houve quem a achasse ridicula, simplesmente porque tal jogo era... brasileiro.

Viesse-nos elle com rotulo estrangeiro e tel-o-iamos aqui impando importância em todos os clubes esportivos, ensinado por mestres de fama mundial que, talvez, não valessem um dos nossos pés rapados de outr'ora que, em dois tempos, mandariam um Firpo ou um Dempsey ver vovó, com alguns dentes de menos e algumas bossas de mais.

Emfim... Vamos aprender a dar murros — é esporte elegante, porque a gente o pratica de luvas, rende dólares e chama-se box, nome inglês. Capoeira é coisa de gallinha, que o digam os que d'elle saem com gallos empoleirados no alto da synagoga.

E' pena não haja um brasileiro patriota que leve a capoeiragem a Paris, baptisando-a com outro nome, nas águas do Sena, como fez o Duque com o maxixe. Estou certo de que se tal acontecesse, até as senhoras haviam de querer fazer letras. E que lindas seriam as escriptas! Mas, se tal acontecer, sei lá! muitas cabeçadas dariam os homens ao verem o jogo gracioso das mulheres.

Coelho Netto.

(Jornal do Brasil)

GUGLIELMO FERRERO E O PROXIMO SECULO

São do grande sociologo italiano Guglielmo Ferrero as idéas expendidas a proposito do seculo futuro, no artigo que se segue:

'Se o seculo XIX é uma unidade coherente, que começa com os Congressos de Vienna e de Paris, em 1814 e 1815, não é menos exacto que a guerra mundial assignala o seu fim.

Olhamos em redor de nós e que vemos? O potente systema economico creado par esse seculo, subsiste ainda, quasi intacto, e continua a produzir as fabulosas riquezas de que o mundo necessita. Apenas foi derrubado na Russia, onde, porém, a destruição parece não ser definitiva. Mas o systema politico que superintendeu a Europa nesse periodo, acompanhando o systema economico, nelle se apoian-do e sustentando-o, esse foi completamente arrazado. As mais possantes das dynastias que ha mais de cem annos dirigiam a vida da Europa, cahiram. Ha ainda monarchias na Europa; mas não ha mais systema monarchico, como de 1815 a 1914. Por sua vez, as instituições democraticas vacilam, porque elles não podem mais apoiar-se num systema monarchico solido. O systema representativo, que foi a grande admiração do seculo XIX, é atacado em toda a parte, inclusive na Inglaterra, na França e na Suissa; criticas vigorosas, severas, cujo numero aumenta dia a dia, accusam-o de ter feito o seu tempo e de não mais bastar ás necessidades da civilisação moderna. Dir-se-há que o espirito contemporaneo só sabe procurar e encontrar defeitos. Todas as ideologias que sustentaram e guiar-ram o esforço do seculo XIX, confundem-se, enfraquecem.

Fez-se no espirito perturbado da nossa época uma especie de vacuo, que se me depara um perigo permanente. A fé mystica no direito divino dos reis morreu, mas o culto da liberdade está agonisante. Hoje só se acredita em dois metaes, que são senhores do mundo: o ouro e o ferro.

Desapparecidos os reis ou reduzidos á impotencia, não se sabe mais onde estão as garantias da paz actual ou onde estejam os responsaveis das guerras futuras. O immenso mal estar que pesa sobre as relações internacionaes tem a sua origem nesta incerteza. Entre as monarchias destruidas ou enfraquecidas e tantas democracias não preparadas para recolherem a successão, um personagem antigo e novo, a um tempo, surge.

Tomou-se o habito de lhe chamar Lenine, Horthy, Mussolini, Stamboulisky, como "dictadores". Será exacta a palavra? O "dictador" da grande época de Roma, antes do periodo das guerras civis, era um magistrado republicano nomeado pelo Senado por um tempo determinado e munido de poderes excepcionaes, que deviam servir-lhe para resolver dificuldades extraordinarias.

Elle podia empregar a força, mas não era criado por um golpe de força. Esses personagens, de quem tanto se falla desde ha quatro annos, a poderavam-se do poder por meios coercitivos, com Constituições que não teriam razão de ser sinão num regimen de liberdade. Elles não são, pois, "dictadores" latinos, mas sim "tyrannos" gregos, no sentido technico que os gregos davam á palavra "tyrannos", sem a significação odiosa que nós lhe damos. Elles reproduzem, sob uma forma moderna, esse typo de poder, frequente nas épocas de perturbação, em que a autoridade enfraquece, e onde a força procura substituirl-a, come ella pôde, por toda a sorte de expedientes complicados e perigosos.

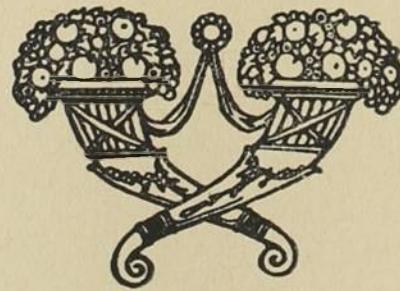
Essa desordem nos espiritos, nos Estados, nas relações internacionaes, no meio da qual vivemos; a escura fermentação que tanto trabalha os partidos e as instituições e que não é mais que o primeiro esforço para estabelecer a autoridade numa base solida, não pertence mais ao seculo XIX.

Este poude desfructar, feliz entre todos os dos seculos, a ordem mais estavel e a liberdade mais penosa que se conhecem na historia. Uma e outra não são mais, no futuro, que uma brilhante recordação. Com o seu violento desapparecimento, começou uma época nova. Mas a desordem e a fermentação que a perturbam, só podem ser transitorias, mesmo que elles durem muito tempo, porque elles mesmo preparam uma ordem nova de cousas, cujos principios nós procuramos nas trevas. E', pois, evidente que o verdadeiro seculo XX começará no dia em que aparecer no horizonte a solução definitiva do problema da ordem e da paz, tal, pelo menos, que ella possa contentar muitas gerações.

Vinte e seis annos de guerra e de

agitações internas prepararam a chegada do seculo XIX. Quanto durará o tempestuoso periodo de transição entre os seculos XIX e XX? E o grande enigma de nossos dias. Mas aquelles que, de olhos deslumbrados, têm assistido, desde 1900, os esplendores feericos de um seculo XX que surgiu sem o saberem, quererão ao menos saudar os primeiros alvores, lá ao longe, no horizonte, do grande seculo tão impacientemente esperado pelos povos, desse seculo que deverá continuar a obra do seculo XIX, brutalmente interrompida pelo grande abalo, completal-a, purifical-a. Que a sorte não nos recuse esta alegria suprema, que virá coroar de uma ultima esperança para nossos filhos as brilhantes recordações da nossa mocidade."

"A Noticia", Rio



INDICE DO VOLUME XXIV

O momento	1
O litoral Atlântico, de Miguel Arrojado Lisboa	3
Era no Paraíso..., de Monteiro Lobato	12
Autoritarismo e despejo, de Alberto Rangel	22
Como se devem tratar os problemas glottológicos, de Rodrigo Sá Nogueira	28
Arte de Amar, de Júlio César da Silva	33
Manhãs do Sul, de Joinville Barcellos	34
Ruy Barbosa, de Ildefonso Falcão	35
Estudinhos de português, de José Patrício de Assis	36
Os Andradas, de A. A. Covello	39
O direito de voto, de Villar Belmonte	42
O Amazonas, de A. D. Mirandeira	51
A medicinophobia de Molière, de Mucio da Paixão	62
Bibliographia	69
Resenha do mês	77
Debates e pesquisas	83
Curiosidades	89
O progresso de São Paulo	95
As caricaturas do mês	106
Fragmento de um poema, de Vicente de Carvalho	111
Arte de Amar, de Júlio César da Silva	113
Recordações de D. Quiteria, de João Ribeiro	115
Ruy Barbosa como poeta, de Moacir Silva	119
Lycanthropia Sertaneja, de Luís Camara Cascudo	129
A canonização como obra do povo e dos séculos, de Diego Carbonell	134
Estudinhos de português, de José Patrício de Assis	135
O direito do voto, de Villar Belmonte	138
A ciência e a língua portuguesa, de Miguel Ozório de Almeida	145
Sobre "Cousas do Tempo", de Rodrigo M. F. de Andrade	156
Academia Brasileira de Letras, de Arthur Motta	166
Bibliographia	170
Resenha do mês	173

Notas do Exterior	187
Curiosidades	193
As caricaturas do mez	202
O momento, de M. L.	205
As Devoções do Bandeirante, de Alcantara Machado	207
A formação das cidades, de Hilario Freire e Oliveira Vianna	220
Borges de Medeiros, de Villar Belmonte	227
Flôr do Agreste, de Mario Sette	232
Le Sacy, de Charles Lucifer	239
Canto do homem á mulher, de Raniero Nicolai	241
A nevrose do amor, de A. A. de Covello	247
"O Saneamento do Brasil", de Alberto Rangel	249
A medicinophobia de Molière, de Mucio da Paixão	251
Academia Brasileira de Letras, de Arthur Motta	268
Bibliographia	274
Resenha do mez	280
Debates e Pesquisas	290
Curiosidades	293
As caricaturas do mez	298
Tendencias actuaes na literatura americana, de Gilberto Freyre	301
Arte de amar, de Julio Cesar da Silva	307
O macaco rabequista, de José Oiticica	309
O repuxo encantado, de Mello Nobrega	311
Unica, de Nilo Bruzzi	312
Cartas do Almirante Nogueira	313
Os "grandes" e a "opportunidade", de Arnaldo Nunes	320
Meu padrasto, de Stella Marina	323
Estudinhos de português, de José Patricio de Assis	334
Perfil de um cachoro da roça, de Gervasio Ivelneiro	336
Fortunato ou o forçado da felicidade, José Mesquita	336
A medicinophobia de Molière, de Mucio da Paixão	344
Academia Brasileira de Letras, de Arthur Motta	349
Bibliographia	354
Resenha do mez	358
Debates e Pesquisas	377
Curiosidades	390
As caricaturas do mez	395

Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

<i>Estudos de Contabilidade</i> , obra em quatro volumes, em brochura.	40\$000
<i>Tratado Elementar de Contabilidade</i> . Obra adoptada nas principaes escolas de commercio do paiz. Util aos que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura.	10\$000
<i>Explicações Práticas de Escrituração Mercantil</i> . Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura	6\$000
<i>Arithmetica Commercial e Financeira</i> . Obra indispensavel para se adquirir conhecimentos profundos em mathe-matica commercial e financeira. Em brochura.	10\$000
<i>Noções de Calculos Commerciaes e Financeiros</i> . E' indispensavel aos que não tenham conhecimento de mathe-matica commercial e financeira. Em brochura.	6\$000
<i>Problemas de Escrituração</i> . Obra necessaria aos contadores e guarda-livros, pois trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balanços. Em brochura.	20\$000
<i>Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida</i> . Como indica o titulo do livro, ser-	

ve para a contabilidade dos seguros de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em dez volumes, tendo sido já publicados os seguintes:

<i>Contabilidade Mercantil</i> , em brochura	10\$000
<i>Contabilidade Bancaria</i> , em brochura	10\$000
<i>Contabilidade Industrial</i> , em brochura	10\$000

No prélo: *Contabilidade das Empresas*; *Contabilidade Pública*; *Contabilidade Domestica*; *Contabilidade Theorica*; *Contabilidade Agricola e Pastoril*; *Mathematica Commercial*; *Mathematica Financeira*.

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura 10\$000

DO DR. FRANCISCO EUGENIO DE TOLEDO

<i>Manual de Direito Civil, Das pessoas</i> , em brochura	4\$000
<i>Analyse da Constituição Federal</i> , cart.	1\$500
<i>Attentado ao Pudor</i> , em brochura	10\$000
<i>O Livrinho do Coração</i> , em brochura	2\$000

Unicos depositarios :

Monteiro Lobato & Cia.

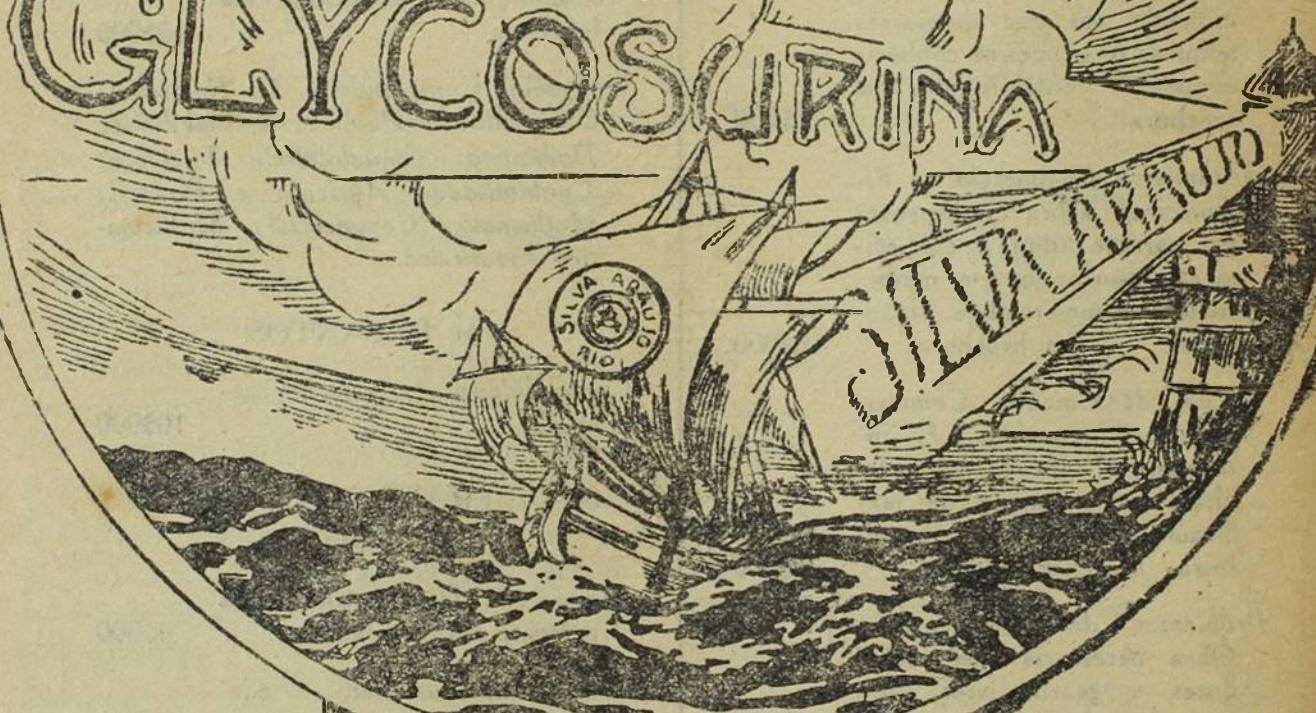
RUA VICTORIA, 47

S. PAULO

DIABETICOS

é preciso combater a perda de açucar, tonificar o organismo, regularizar as funções dos órgãos internos essenciais à vida e restabelecer o appetite e a função digestiva pelo uso do

GLYCOSURINA

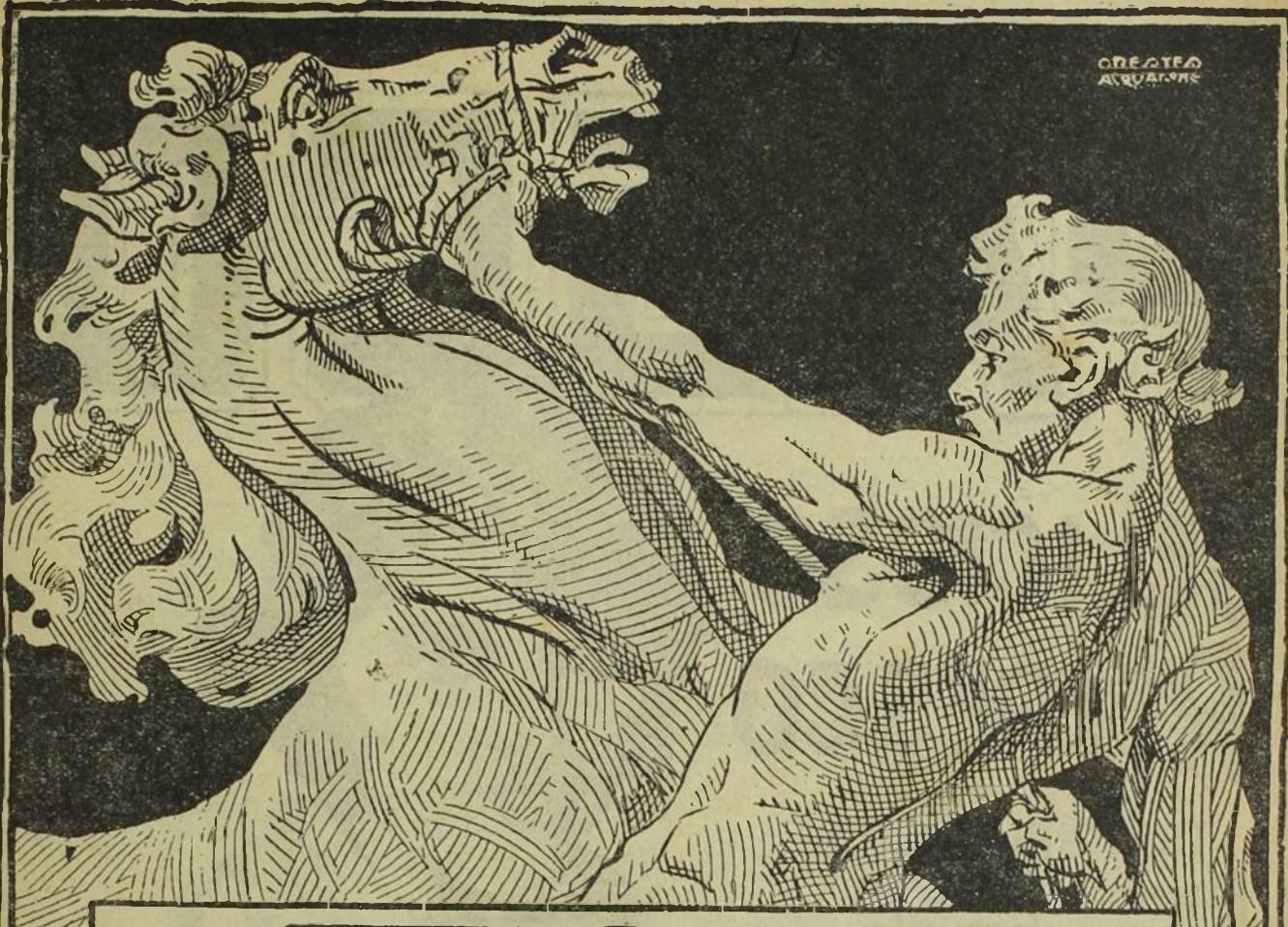


heroico medicamento composto de plantas indígenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua



Nutrion

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza,
a Magreza e o Fastio. Restaura as
Forças e estimula a Energia. - E' o
Remedio dos Fracos, dos Debeis,
dos Exgottados, dos Convalescentes.

PASCO

DELICIOSO REFRESCO

DISTRIBUIDORES

PERNAMBUCO	FRATELLI VITA
BAHIA	FRATELLI VITA
VICTORIA	FABRICA YPIRANGA
RIO DE JANEIRO	COMP. GRACIEMA
S. PAULO	ZANOTTA, LORENZI & C°
PORTO ALEGRE	JORGE THOMAZINI & C°
PELOTAS	CERVEJARIA RITTER



C.B.R.
Companhia Brasileira de Refrescos
RIO DE JANEIRO

RUA HILARIO RIBEIRO, 20
Teleph. VILLA, 1234

46313

EDUARDO CARLOS PEREIRA

As grammaticas até hoje mais diffundidas e usadas no Brasil são as daquelle autor.

GRAMMATICA EXPOSITIVA. — CURSO ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.^o anno dos Gymnasios. 23.^a edição com um appendice sobre composição 3\$000

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14.^a edição com um appendice sobre estyllistica 7\$000

GRAMMATICA HISTORICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3.^a Edição 8\$000

A critica nacional consagrou estas obras e o largo uso que dellas se faz, confirmou o que dissemos.

PEDIDOS AOS EDITORES :

MONTEIRO LOBATO & CIA.
RUA VICTORIA N. 47 - A

Desconto de 30 o/o aos revendedores
e aos collegios e professores. —

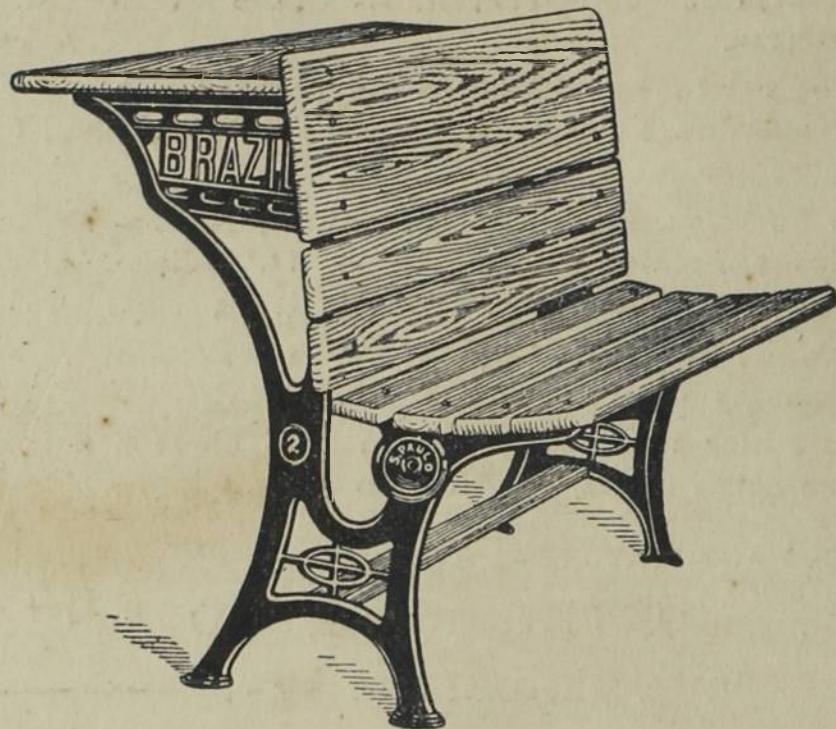
“PEGASO”

REVISTA MENSUAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO
URUGUAY

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á
FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"

— DE —
J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Tel. Cid. 1216
SÃO PAULO